

Claudionei Lucimar Gengnagel

**FACEBOOK E EDUCAÇÃO: TECENDO CAMINHOS A
PARTIR DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM OS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira.

Passo Fundo

2013

Às pessoas que ainda acreditam na educação e no futuro da escola.

Este trabalho é fruto da capacidade que os seres humanos têm de pensar, interagir, transformar a sua cultura e, assim, perpassar conhecimentos para outras gerações e evoluir. Dessa forma, aos indivíduos que interagiram comigo e fizeram com que eu evoluísse durante todo o processo, o meu muito obrigado.

À minha esposa Luciane pelo amor, companheirismo e compreensão.

À Julieta pela ternura.

Ao Miguel pela palavra “dindo”.

À minha família pela distância.

Aos amigos e colegas de trabalho pela força.

Aos colegas do Mestrado pela parceria.

Aos professores do Mestrado pelo crescimento.

Ao orientador pela coragem.

À CAPES pelo financiamento.

Ao Colégio Salvatoriano Bom Conselho pela confiança, em especial a equipe do Conselho Técnico-Pedagógico.

E aos educandos que transformam o meu dia em desafio, a luta em vitória e o crescimento em esperança.

Obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar as potencialidades e as limitações do Facebook no processo de motivação dos alunos do 2º ano do ensino médio do Colégio Salvatoriano Bom Conselho de Passo Fundo/RS. Para tanto, a busca por referencial teórico e a atividade prática desenvolvida buscaram dar respostas ao seguinte problema: Quais os desdobramentos da utilização do Facebook no processo de motivação dos alunos para o ensino da disciplina de História? No escopo deste estudo optou-se por discutir alguns conceitos advindos da cultura da aprendizagem, da interação e da importância da motivação para o processo de ensino. Vindo ao encontro dessas temáticas, analisaram-se os processos que permeiam a virtualização da aprendizagem, bem como os conceitos de ciberespaço e, por fim, as possibilidades advindas da inserção das redes social, em especial do Facebook, no contexto educacional. O que se verificou na rede é que a motivação intrínseca é muito difícil de ocorrer naturalmente nos alunos, visto que muitos ainda estão enraizados no contexto convencional e quantitativo de educação, em que só vale a pena aprender ou participar de uma atividade extra se receber algo em troca, preferencialmente uma nota. No contexto vivenciado no grupo do Facebook, a interação possível foi muito diferente daquela que realmente se concretizou. Enquanto havia inúmeras possibilidades, o que se observou foi uma interação moderada, com alguns alunos bastante ativos, mas também vários outros totalmente omissos do processo. Porém, mesmo com dificuldades de interação e de mudança na motivação dos alunos, ao inserir o professor no mundo deles, verificou-se que a hierarquia rígida da sala de aula é rompida, aproximando a turma dos conteúdos e da disciplina de História.

Palavras-chaves: Facebook. Interação. Motivação. Ensino médio. Informática educativa.

ABSTRACT

This study aims to determine the potential and limitations of Facebook in the process of motivating students of 2nd year high school Colégio Salvatoriano Bom Conselho de Passo Fundo/RS. Therefore, the search for theoretical and practical activity developed sought to provide answers to the following problem: What are the consequences of the use of Facebook in the process of students' motivation for teaching the discipline of history? In the scope of this study we chose to discuss some concepts stemming from the culture learning, interaction and importance of motivation for the teaching process. Welcome to encounter these issues, we analyzed the processes that underlie the virtualization of learning as well as the concepts of cyberspace and finally, the possibilities arising from the integration of social networks, especially Facebook, in the educational context. What we found on the net is that intrinsic motivation is very difficult to occur naturally in students, since many are still rooted in the context of conventional and quantitative education, where only worthwhile to learn or participate in an activity if we get something extra in return, preferably numeric - note. Experienced in the context of the Facebook group, the possible interaction was very different from what actually materialized. While there are numerous possibilities, which noted it was a moderate interaction with some very active students, but also many other totally null in the process. But even with limited interaction and change of motivation in students to enter the world of the same teacher, it was found that the rigid hierarchy of the classroom is broken, approaching the class content and the discipline of history.

Keywords: Facebook. Interaction. Motivation. High school. Educational computing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Topologias das redes sociais da internet	42
Figura 2 – Perfil do mestrando na rede social Facebook.....	46
Figura 3 – Relações teóricas entre as categorias	59
Figura 4 – Respostas do questionário criado pelo professor.	63
Figura 5 – Possibilidades de interação entre os membros do grupo no Facebook	73
Figura 6 – Interação realizada entre os membros do grupo no Facebook	74
Figura 7 – Utilização do Facebook e do grupo da turma.....	75
Figura 8 – Publicação e o número de curtidas.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo das principais características da pedagogia intrínseca às novas tecnologias	40
Tabela 2 – Resumo das principais propriedades de uma rede social na internet.....	43
Tabela 3 – Resumo dos elementos presentes em uma rede social na internet.....	43
Tabela 4 – Resumo dos principais valores relacionados à rede social	45
Tabela 5 – Ferramentas do Facebook e suas funções	47
Tabela 6 – Datas importantes do trabalho em 2013	58
Tabela 7 – Categorias de análise	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CULTURA, APRENDIZAGEM, INTERAÇÃO E MOTIVAÇÃO: TRAMANDO ALGUNS CONCEITOS	13
2.1 Cultura da educação: contribuições de Bruner	13
2.2 Cultura da aprendizagem: contribuições de Pozo.....	16
2.3 Preceito interacional e construção social do conhecimento: intersecções e debate	18
2.4 Modelos de mente e condições de aprendizagem: reafirmando posições.....	20
2.5 A motivação como um processo auxiliar da aprendizagem.....	23
3 CIBERESPAÇO E REDES SOCIAIS: UMA NOVA LÓGICA, UM NOVO LEITOR	27
3.1 As tecnologias intelectuais: analisando conceitos	27
3.2 A dinâmica do ciberespaço	31
3.3 Um novo leitor para a hipermídia: imersivo e hipertextual	34
3.4 Virtualização da aprendizagem.....	39
3.5 Redes sociais na internet	41
3.6 Estado da Arte	49
4 METODOLOGIA: UM CAMINHO A TRILHAR.....	53
4.1 A pesquisa.....	53
4.2 Os envolvidos	57
4.3 Análise da pesquisa.....	59
5 RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA.....	61
5.1 Relato geral do processo de coleta de dados.....	61
5.2 Análise dos dados a partir das categorias de análise.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS	83
ANEXO A – Autorização do Comitê de Ética da UPF	86
ANEXO B – Autorização do Colégio Salvatoriano Bom Conselho para execução do trabalho	87
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	88

ANEXO D – Primeiro questionário aplicado aos educandos	90
ANEXO E – Primeira entrevista realizada com o professor	92
ANEXO F – Segundo questionário aplicado aos educandos	93
ANEXO G – Segunda entrevista realizada com o professor	95
ANEXO H – Respostas do primeiro questionário	96
ANEXO I – Respostas do segundo questionário.....	100
ANEXO J – Tarefas e suas interlocuções metodológicas e resultados.....	119

1 INTRODUÇÃO

O campo da educação desde muito cedo permeou minhas escolhas pessoais e profissionais. Durante todo o ensino médio, observar e criticar as metodologias utilizadas pelos professores, além de participar ativamente do processo de aprendizagem dos colegas, favoreceram positivamente a minha formação.

No entanto, durante a década de 1990 era impossível imaginar como as observações e as interrogações advindas da sala de aula poderiam ser solucionadas, potencializadas ou ignoradas pelo uso dos computadores, que, aos poucos, se difundiam por todos os lugares. Enquanto ouvia raros colegas falando freneticamente sobre estes equipamentos, presenciava a escola sendo equipada com dezenas de caixas lacradas e guardadas em uma sala com grades e portas de segurança.

Neste contexto, era inevitável questionar a lógica entre o laboratório de informática e a sala de aula convencional, bem como os objetivos educacionais que norteava o primeiro. Assim, o anseio por dominar uma ferramenta tão pretensiosa como o computador e a necessidade de compreender o seu funcionamento, as possíveis tarefas executáveis e as suas potencialidades contribuíram para que eu participasse em um curso de informática fora da escola.

Já no início deste século, o advento crescente das redes sociais e a empolgação global para este tipo de ambiente tornou-se um fator determinante para que eu também pudesse aderir a este sistema. Com o término da graduação em Geografia e a inserção no meio docente, o que era visto como passatempo entre amigos se tornou, aos poucos, um instrumento complementar do meu trabalho com os alunos. Durante este tempo, alguns temas começaram a me perturbar em relação às metodologias e às didáticas de ensino quando me tornei professor, do que surgiram alguns questionamentos como: Posso utilizar as redes sociais como um ambiente de aprendizagem? Qual a melhor rede para tanto? Quais os benefícios e as fragilidades do emprego das redes sociais como um espaço para trocas entre o docente e os discentes? Diante de tanta informação circulando na rede, o aluno irá utilizar a rede social também como um instrumento de aprendizagem?

Estas indagações iniciais contribuíram para que eu me debruçasse sobre o tema, almejasse entrar no Programa de Pós-Graduação em Educação e investigasse através deste trabalho possíveis respostas e, ainda, outros questionamentos sobre o assunto. Desse modo,

percebi que vários teóricos, especialmente os da área da informática educativa e da filosofia contemporânea, também questionam o método convencional de ensino e tentam assimilar e/ou inferir sobre educação e redes sociais.

Neste contexto, o que se observa é que o avanço dos conhecimentos por parte da ciência e da tecnologia mudou radicalmente as concepções sobre a sociedade e seus padrões de vida. A mudança atinge todas as dimensões e afeta toda a população, porém com intensidades, modos e formas diferentes, incluindo e por vezes excluindo os indivíduos que não se encaixam nos seus moldes.

Como premissa para desenvolver a capacidade de aprender é necessário preparar os educandos para esse novo mundo, desenvolvendo, por exemplo, a capacidade de pensar, raciocinar e criticar. Entretanto se faz necessário socializar o aluno num ambiente heterogêneo e tecnológico, fazendo-o aprender a viver com a diversidade, com o novo e com o diferente, além de formar o caráter do educando segundo valores éticos e morais.

Diante do exposto, delimita-se o atual problema da pesquisa: **Quais os desdobramentos da utilização do Facebook no processo de motivação dos alunos para o ensino da disciplina de História?**

Para responder a esse questionamento, se objetiva verificar as potencialidades e as limitações do Facebook no processo de motivação dos alunos do 2º ano do ensino médio para o ensino da disciplina de História do Colégio Salvatoriano Bom Conselho de Passo Fundo/RS.

Para auxiliar neste processo de investigação, traçaram-se alguns objetivos específicos para viabilizar o alcance do objetivo principal: a) analisar o uso do Facebook nas aulas de História; b) verificar a interferência de uma rede social no processo interacional dentro e fora da sala de aula; c) identificar possíveis dificuldades e lacunas entre o método e a prática docente; d) inferir sobre possíveis apropriações de outras redes sociais no contexto educacional.

Quanto à organização deste trabalho, no primeiro capítulo intitulado “Cultura, aprendizagem, interação e motivação: tramando alguns conceitos” tem-se um estudo sobre as possíveis interlocuções entre Jerome Seymour Bruner e Juan Ignacio Pozo que abordam de forma sistêmica e distinta a cultura da aprendizagem, as formas de interação e a importância da motivação para o processo de ensino.

No segundo capítulo, que versou sobre “Ciberespaço e redes sociais: uma nova lógica, um novo leitor”, realizou-se um estudo sobre a virtualização da aprendizagem, partindo da ideia da interação, discutida no capítulo anterior, avançando sobre os conceitos de ciberespaço

e debatendo, por fim, as possibilidades advindas da inserção das redes sociais, em especial do Facebook, nos mais diversos contextos. Para tanto, o principal teórico utilizado para argumentar toda a amálgama de conceitos oriundos da informática educativa é Pierre Lévy, o qual defende que “a informação e o conhecimento, de fato, são doravante a principal fonte de produção de riqueza” (2011, p. 54).

Já o terceiro capítulo, “Metodologia: um caminho a trilhar”, trata basicamente da exposição da metodologia utilizada e os procedimentos adotados na pesquisa. Dessa forma, contribuíram teoricamente para a concretização deste trabalho: Maria O. S. e Silva, Michel Thiollent, Pedro Demo, dentre outros. Por fim, elucidaram-se os passos metodológicos que nortearão a utilização do Facebook, bem como as categorias de análise de dados que posteriormente foram empregadas para verificar o grau de abrangência e eloquência dos objetivos do presente trabalho.

O quarto capítulo intitulado “Resultados da pesquisa empírica” finaliza o trabalho com um relato detalhado de todo o processo realizado no Facebook. Objetiva-se com isso explicitar todas as interações, as tarefas executadas e o desenvolvimento de cada uma delas na rede social. Além disso, esse capítulo aborda a análise das entrevistas realizadas com o professor e os questionários aplicados aos alunos, finalizando com inferências acerca das categorias de análise, as quais possuem destaque na sistemática do trabalho, visto que é a partir da apreciação delas que se obtêm resultados e conclusões da atividade concretizada no Facebook.

2 CULTURA, APRENDIZAGEM, INTERAÇÃO E MOTIVAÇÃO: TRAMANDO ALGUNS CONCEITOS

O objetivo deste capítulo é analisar teoricamente as possíveis interlocuções entre dois pesquisadores que abordam de forma sistêmica e distinta a cultura da aprendizagem, as formas de interação e a importância da motivação para o processo de ensino. Assim, Jerome Seymour Bruner, psicólogo estadunidense, trabalha a partir de preceitos que orientam a cultura e analisam os modelos de mente, enquanto Juan Ignacio Pozo, psicólogo espanhol, se detém aos níveis de análise da aprendizagem, bem como às condições necessárias para esta acontecer.

O embasamento teórico desta pesquisa se deu, inicialmente, pelas contribuições científicas desses autores no campo da educação, até então pouco pesquisado no que se refere à cultura da aprendizagem. Ainda, o enfrentamento de duas personalidades com ideias que ora se complementam e ora se distanciam desafia a construção de um mosaico de reflexões acerca das suas teorias.

2.1 Cultura da educação: contribuições de Bruner

Pensar a educação exige vários pressupostos que muitas vezes passam despercebidos e até mesmo negligenciados por parte dos profissionais da área. Refletir o processo educativo exige que se analisem e se compreendam inúmeros processos que vão muito além da concepção de aluno, de sujeito ou de ser humano que está pronto para ser “educado”.

Um dos conceitos que raramente são discutidos profundamente pelos educadores diz respeito à cultura. O que vem a ser cultura? Qual a interferência da cultura no processo de aprendizagem? Qual a interferência do processo de aprendizagem na cultura? Estes e outros questionamentos abrem espaço para uma discussão acerca de princípios, técnicas e modelos de aprendizagem que tangem a educação.

Nessa perspectiva, Bruner (2001, p. 16) afirma que “[...] a mente não poderia existir se não fosse a cultura”. Ou seja, toda a evolução humana, desde o *Homo habilis* até o *Homo*

*sapiens*¹, está diretamente relacionada aos símbolos utilizados na fala e na escrita, por exemplo, que são manifestações culturais aprimoradas e transmitidas de geração em geração. Para o autor (p. 17), “a cultura, portanto, embora produzida pelo homem, ao mesmo tempo forma e possibilita o funcionamento de uma mente distintamente humana”. Com base nesta interpretação, a evolução biológica dá suporte para a evolução cultural, que nasce, então, pela necessidade de sobrevivência e adaptação do ser.

Os seres humanos inseridos em comunidades culturais criam e transformam os significados baseados, principalmente, na interpretação e na ambiguidade, fazendo com que os indivíduos construam realidades e sentidos que os adaptem ao sistema (BRUNER, 2001). Desse modo, enquanto a natureza da cultura nasce da evolução histórica e natural do homem, a mente do indivíduo encarrega-se de toda a subjetividade característica de uma natureza simbólica carregada de valores e significados.

Entende-se, a partir disso, que a educação é um processo representado pela intersecção entre a natureza da mente (indivíduo) e a natureza da cultura. Deste modo, Jerome Bruner cria nove preceitos ou princípios que orientam os processos pedagógicos no campo da psicologia educacional e ajudam a nortear o sistema de educação, quais sejam: perspectiva; restrições; construtivista; externalização; instrumentalismo; institucional; identidade e autoestima; narrativo; interacional (BRUNER, 2001).

Ao referir-se ao preceito da perspectiva entende que o significado dado a um determinado objeto, por exemplo, é relativo à perspectiva que se tem do mesmo. Para tanto, ao abrir possibilidades de interpretação e perspectivas de análise, a instituição de ensino e o seu docente abrem espaço para possíveis críticas, novas visões de cultura e novas versões de mundo por parte dos alunos. Diante disso, muitas instituições preferem engessar essas aberturas e homogeneizar o seu ensino, correndo menos risco de mudança e adaptação.

Enquanto isso, ao tratar do preceito das restrições, admite certas limitações da mente humana, percebidas como um substrato orgânico formado pelas interações culturais. Cabe à educação transcender as disposições criadas utilizando para tanto a oferta de sistemas simbólicos (escrita, dança, música, fala), progressivamente mais evoluídos, tornando a mente humana verdadeiramente mais ativa, móvel e mutável. Nesse sentido, o preceito construtivista complementa essa reflexão afirmando que a educação deve ser o pilar de apoio do ser humano para a (re) descoberta do mundo, para a construção de uma vida melhor e para sua adaptação nas diversas realidades que ora se apresentam.

¹Consideram-se como as primeiras espécies do gênero *Homo* (na sequência): *Homo habilis*, *Homo erectus*, *Homo neanderthalensis*, *Homo sapiens*.

Para dar suporte a esta e às futuras gerações, além de outras necessidades que podem vir à tona, torna-se necessário registrar tudo o que foi e ainda está sendo produzido dentro e fora do ambiente educacional. Apresenta-se diante disso o que Bruner chama de preceito da externalização, uma maneira de gravar e armazenar todos os registros e os elementos presentes em uma dada cultura, utilizando, para tanto, tecnologias como a escrita, a leitura, o computador ou a internet.

Pode-se, a partir disso, fazer uma relação entre o preceito da externalização e o próximo que se denomina instrumentalismo, visto que, ao registrar e, posteriormente, ao demonstrar e aplicar esses conhecimentos, está se alterando as formas de pensar e de agir, fornecendo novas habilidades e novas competências para a sociedade. Quando Bruner (2001, p. 33) afirma que “[...] a educação jamais é neutra [...] a educação é sempre política [...]”, está se referindo à capacidade que as instituições de ensino têm de interferir positivamente na sociedade onde estão inseridas, modificando-as conforme os anseios e as necessidades da comunidade.

Ao tratar da institucionalização, pode-se inferir que a educação é uma instituição como muitas outras, distinguindo-se apenas pela capacidade de preparar os educandos para a atuação em outros estabelecimentos. Portanto, a educação não pode ser vista e entendida como uma instituição única e solitária, esta deve ser percebida como uma instituição parceira e interdependente de muitas outras.

Em contrapartida, o preceito da identidade e da autoestima põe em voga o que a escola na maioria das vezes negligencia, ou seja, o fenômeno do *self* e, por consequência, o *selfhood*. Quando, por exemplo, a escola cultua o sucesso e menospreza o fracasso dos alunos, está contribuindo de forma incisiva no desenvolvimento da identidade deste indivíduo (*selfhood*). Quando, por sua vez, se avalia um aluno, este reage também se autoavaliando e muitas vezes até atuando na sua própria personalidade e no seu caráter (*self*). Nesse sentido, Bruner (2001, p. 42) afirma que “[...] a escola muitas vezes é dura com a autoestima das crianças [...]”, uma vez que esta avalia, cobra e quantifica a aprendizagem e as atitudes de um aluno a partir daquilo que é visto em situações muitas vezes desconexas e sem um objetivo específico.

Concomitantemente a este último princípio, o preceito da narrativa transmite a ideia de que o pensamento narrativo, o qual engloba o canto, a dança, o teatro, entre outras áreas, é de fundamental importância para o desenvolvimento do *selfhood*. Bruner (2001, p. 46) afirma que “é apenas no modo narrativo que um indivíduo pode construir uma identidade e encontrar um lugar em sua cultura”. Apesar disso, o que se percebe em muitas instituições é o

esquecimento, a desvalorização e a não inserção desta área nos currículos escolares, privilegiando outras como a Matemática e as Linguagens.

Por fim, o último preceito analisado diz respeito à interação, ou seja, para haver a troca de um determinado conhecimento, se faz necessária a interação de dois ou mais indivíduos, tradicionalmente reconhecidos aqui como professor e aluno. Dedicar-se para tanto, mais adiante, um espaço especial para debate e discussão acerca deste princípio, a fim de interligá-lo também com outras ideias e outras percepções quanto à educação e à aprendizagem, advindas principalmente do pesquisador Juan Ignacio Pozo.

2.2 Cultura da aprendizagem: contribuições de Pozo

Além de discutir a questão da educação, um dos temas que também merece destaque e certamente pesquisas mais aprofundadas é a aprendizagem. Esta capacidade, juntamente com a linguagem, faz com que o ser humano seja diferente de todos os demais seres vivos. Para Pozo (2002, p. 25) “a função fundamental da aprendizagem humana é interiorizar ou incorporar a cultura, para assim fazer parte dela”. Dessa forma, cada sociedade, ou seja, cada cultura cria suas próprias formas de aprendizagem, gerando desse modo, a sua própria cultura da aprendizagem.

Assim como Bruner afirma que a cultura data o surgimento do ser humano, a aprendizagem, conforme Pozo, também se configura com as atividades humanas, porém, se torna socialmente organizada após o aparecimento da escrita há aproximadamente 5000 anos (POZO, 2002).

O que se observa, no entanto, é que a função e as concepções de aprendizagem vão sendo alteradas com o passar do tempo. Estas diferentes compreensões são fruto das distintas visões das sociedades ao longo dos períodos. A “sociedade da aprendizagem” do século XVIII até meados do século XX primava, por exemplo, pela necessidade humana de estar em constante aprendizado, de não ficar estancado e de constantemente reformular as estratégias utilizadas para instruir-se, aprender a aprender ou ensinar a aprender. (POZO, 2002).

Enquanto isso, na “sociedade da informação”, entre meados do século XX até a atualidade, as informações disponibilizadas para a população estão armazenadas, distribuídas e difundidas por toda a parte. (POZO, 2002). Diante disso, cabe ao indivíduo organizar e dar

sentido à informação lançada no espaço, a fim de aperfeiçoar e reelaborar os conhecimentos e a sua aprendizagem.

Datando este mesmo período, tem-se a chamada “sociedade do conhecimento” na qual, segundo Pozo,

A cultura da aprendizagem direcionada para reproduzir saberes previamente estabelecidos deve dar passagem a uma cultura da compreensão, da análise crítica, da reflexão sobre o que fazemos e acreditamos e não só do consumo, mediado e acelerado pela tecnologia, de crenças e modos de fazer fabricados fora de nós (2002, p. 40).

Diante do exposto, o que se acredita é que exista uma nova cultura da aprendizagem, uma nova forma de pensar e de conceber a educação sob o ponto de vista construtivista. Esta nova cultura é definida “[...] por uma educação generalizada e uma formação permanente e massiva, por uma saturação informativa produzida pelos novos sistemas de produção, comunicação e conservação da informação, e por um conhecimento descentralizado e diversificado” (POZO, 2002, p. 30).

Para entender de forma mais específica como acontece o processo da aprendizagem sob o ponto de vista cognitivo, isto é, analisando os processos mentais subjacentes ao comportamento, pode-se dividir a aprendizagem em diferentes níveis de análise. Nesse sentido, cabe a inferência sobre quatro níveis distintos: a conexão entre unidades de informação; a aquisição e mudança de representações; a consciência reflexiva como processo de aprendizagem; a construção social do conhecimento (POZO, 2002).

Ao tratar do nível da conexão entre unidades de informação, concebe-se a ideia de que o cérebro humano é composto por circuitos neuronais, os quais se ativam ou não, dependendo do estímulo dado ao órgão. Assim, a aprendizagem só ocorre se houver a conexão entre as unidades de neurônios, formando a partir disso uma complexa rede. Para Pozo (2002, p. 83) “o conhecimento estaria distribuído entre essas múltiplas unidades ativadas simultaneamente ou de modo paralelo, de forma que aprender implicaria modificar a conexão entre essas unidades, ou a organização das redes neurais”.

Já o nível da aquisição e mudança de representações parte das conexões do nível anterior e dá origem às representações do mundo, manipuladas e trabalhadas para posteriormente executar um dado comando. Esse nível de análise da aprendizagem ainda consiste numa série de memórias conectadas através de certos processos, os quais realizam

sinapses todas as vezes em que for requerido seu uso. Ao questionar, por exemplo, quais são as características de um pássaro, automaticamente utilizam-se as representações já existentes sobre o assunto, criando, a partir delas, outras representações.

No nível da consciência reflexiva como processo de aprendizagem, Pozo afirma que o sistema cognitivo humano é muito mais do que um mecanismo, visto que

[...] o sistema cognitivo humano é parte de um organismo sujeito da sua própria dinâmica de mudança, capaz, entre outras coisas, de ter acesso, por processos de *reflexão consciente*, as suas próprias representações e modificá-las. A mente humana é capaz de autocomplicar-se ou modificar a si mesma [...] (2002, p. 83, *grifo do autor*).

Assim, a consciência passa a assumir um papel fundamental e ativo no processo de aprendizagem, permitindo modificar o que sabemos, o que fazemos e também o que aprendemos. Percebe-se, então, que esses três primeiros níveis de análise da aprendizagem se dão exclusivamente no interior do indivíduo, porém vários pesquisadores, como o próprio Pozo (2002), defendem a tese de que a aprendizagem é algo que também se produz e se consolida entre as pessoas, na interação entre os sujeitos, ou seja, considerando o que diz o quarto e último nível de análise, a construção social do conhecimento.

Contudo, observa-se que os níveis de análise da aprendizagem são modelos que tentam explicar como os seres humanos aprendem, porém ora os níveis se complementam, ora se contradizem. Diante disso, Pozo (2002, p. 84) entende que “[...] a mente humana, como qualquer sistema complexo, pode ser descrita e analisada em múltiplos níveis, dependendo da finalidade da análise [...]”. Assim, optou-se por discutir a seguir a construção social do conhecimento, juntamente com a ideia já analisada de Bruner sobre o preceito interacional, a fim de verificar semelhanças, discordâncias e possíveis intersecções entre estas duas teorias.

2.3 Preceito interacional e construção social do conhecimento: intersecções e debate

Ao analisar e discutir dois conceitos criados por diferentes teóricos vem à tona uma das palavras que em ambos os casos é inferido: interação. Porém, tem-se a necessidade de

elucidar uma palavra que comumente também é utilizada como sinônima desta e muitas vezes empregada como marco da era tecnológica, a interatividade.

Para Primo e Cassol (1999, p. 67), a interatividade é “[...] uma nova forma de interação técnica, de característica eletrônico-digital, e que se diferencia da interação analógica que caracteriza a mídia tradicional”. Assim, com base nesta visão inicial parte-se da ideia de que a interação envolve dois ou mais indivíduos, enquanto a interatividade engloba não só o sujeito, mas também, por exemplo, uma tecnologia.

Outro autor que esclarece essa diferenciação é Lévy (2010, p. 81), ao afirmar que “o termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação.” Ou seja, um sujeito receptor de um dado conhecimento, por exemplo, jamais será passivo, visto que o mesmo possui fundamental importância na constante (re) construção das suas próprias sinapses.

Torna-se evidente para esses autores que a interação é a ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais pessoas. Já a interatividade é a capacidade (de um equipamento, sistema de comunicação ou de computação) de interagir ou permitir a interação.

O que se objetiva levantar com essa discussão é que tanto Bruner quanto Pozo trabalham com a noção básica de interação como processo de aprendizagem. Dessa forma, no entendimento de Bruner (2001, p. 29), “é principalmente por meio da interação com os outros que as crianças descobrem do que se trata a cultura e como ela concebe o mundo”. Pozo (2002, p. 84) complementa salientando que a “[...] aprendizagem é algo que se produz entre pessoas, como consequência da interação dos aprendizes entre si ou dos alunos com os professores”.

Diante dessas interpretações é possível inferir que a cultura de uma determinada civilização perpassa de geração para geração no momento que há algum tipo de interação entre os personagens da história e que o nível de interatividade possibilitada pelas diferentes tecnologias tem influência direta sobre os processos interativos vivenciados. Não se concebe, assim, outra forma de evolução ou de conhecimento do seu meio se não através da interação entre os atores sociais. Da mesma forma que a cultura, não se vislumbra outra forma tão eficaz de aprendizado escolar se não por meio da interação entre aluno-professor ou entre aluno-aluno.

Nesta interação aluno-professor, Coll afirma que o docente é o

[...] intermediário entre os processos construtivos dos alunos e os conteúdos culturais sobre os quais essa construção se materializa. A atividade do aluno não representa a inibição do professor; ao contrário, na nossa perspectiva, é precisamente a intervenção do professor o que determina que a atividade do aluno seja mais ou menos construtiva, que se oriente em um ou em outro sentido, com mais ou menos concentração (2000, p. 181).

Assim, da mesma forma que a interação do docente com o discente interfere no processo de ensino e de aprendizagem, a interação entre os alunos se conjectura no mesmo sentido. Porém, se deve esclarecer que o valor educativo da interação entre os alunos não deve ser visto como a única alternativa viável ou a mais correta para o desenvolvimento pessoal do educando. Deve-se elucidar também que não é suficiente apenas agrupar os alunos para que se potencialize o aprendizado, porém se torna plausível criar procedimentos e um planejamento das tarefas a serem executadas, preferencialmente com o olhar crítico e atencioso do professor, para garantir uma interação saudável e um aprendizado significativo (COLL, 2000).

Avançando nas possibilidades de interação, salienta-se a importância da utilização dos computadores nas escolas. Neste sentido, são muitas as potencialidades interativas do computador, porém muitos softwares ditos interativos, aplicados em educação, reproduzem modelos de ensino enciclopédico. Assim, o professor, centrado na prevalência do falar e ditar, obtém no computador o aval das novas tecnologias interativas à sua prática educativa, baseada na emissão de lições, que, equivocadamente, pode considerar e divulgar como interativas (SILVA, 2010).

Para dar conta dessa temática e ilustrar ainda mais as questões que envolvem a interação e o seu papel nos processos educativos, se faz necessário também discutir quais os modelos de mente se enquadram ou melhor se adaptam a este sistema e quais as condições de aprendizagem necessárias para tanto.

2.4 Modelos de mente e condições de aprendizagem: reafirmando posições

Considerando o referencial das teorias da aprendizagem, podem delimitar-se pelo menos quatro modelos de mente que mais influenciam os diferentes objetivos educacionais da contemporaneidade. Assim, analisam-se as crianças como “aprendizes por imitação, como

dependentes da exposição didática, como seres pensantes ou como detentoras de conhecimento”. (BRUNER, 2001, p. 59).

Dessa forma, elucidando detalhadamente cada modelo de mente, pode-se inferir que aquele que visa enxergar as crianças como aprendizes por imitação trata de considerar o educando como um ser que, a partir de exemplos práticos e vivenciados, pode potencializar o seu aprendizado. Esse aprendizado, por sua vez, somente se torna concreto a partir da visualização clara dos objetivos, dos anseios e da proposta docente para a criança. Bruner (2001, p. 60) afirma que “a competência do ponto de vista imitativo só é adquirida por meio da prática”, sendo esta a principal característica das sociedades mais tradicionais.

Porém, ao enxergar a criança como se aprendesse a partir da exposição didática, tem-se a ideia de que o ensino se dá a partir do conhecimento armazenado na figura do professor, responsável pelo repasse aos alunos. Nessa visão, o conhecimento é transmitido sempre de forma hierárquica, daquele que possui as habilidades para aquele que necessita desse conhecimento para evoluir. Bruner (2001, p. 61) complementa afirmando que “[...] essa visão presume que a mente do aprendiz é uma tábula rasa”, tudo o que o educando aprende é cumulativo e se sobrepõe ao que previamente já sabia.

Já o terceiro modelo de mente acredita que a criança é detentora de conhecimento. Nesta percepção, o conhecimento é sempre passível de revisões, que devem permear o dia-a-dia da sala de aula. Porém, esse conceito apenas ganha espaço real no campo educacional se o docente estiver convicto de que a ordem tradicional de ensino deve ser revista por uma visão muito mais crítica e histórica do conhecimento, discutido e aprofundado na escola. É a partir desse aspecto que Bruner (2001, p. 66) afirma que as crianças não devem apenas compreender a diferença entre o conhecimento pessoal do científico, mas entender a “[...] história do conhecimento” e as potencialidades que carregam consigo.

Progredindo sobre as diferentes concepções da mente, pode-se também enxergar as crianças como seres pensantes, ou seja, nessa concepção o docente deve entender o que e como o seu aluno pensa e quais suas visões sobre o mundo que o cerca. Para tanto, deve-se mudar a visão anteriormente exposta sobre a tábula rasa e acreditar que o educando é capaz de raciocinar, de inferir e de criticar o que está a sua volta. Na visão de Bruner (2001, p. 63) é preciso “[...] entender como as crianças organizam sua própria aprendizagem, evocação, suposição e pensamento” para posteriormente estipular estratégias eficazes de aprendizagem.

Ao aprofundar o estudo deste último modelo de mente, observa-se que outras pesquisas no campo da aprendizagem vêm ajudando a comprovar ou disseminar ainda mais as premissas já relatadas. Uma delas diz respeito à intersubjetividade, ou seja, à capacidade que

o educando tem de relacionar-se e de interagir com o outro. As teorias da mente, por sua vez também apoiam esse modelo, visto que se baseia no entendimento que a criança possui dos seus estados mentais e dos outros, favorecendo assim a interpretação do seu comportamento (BRUNER, 2001).

Outra linha que também apoia esse último modelo de mente é a metacognição. Estudos trabalham com a ideia do conhecimento do próprio conhecimento, ou seja, a consciência que o aluno deve ter dos processos cognitivos que o levam à aprendizagem. Por fim, outro estudo que também percebe as crianças como seres pensantes é o que tem sido realizado sobre a aprendizagem colaborativa, em que novamente a aprendizagem é vista como o fruto da interação entre dois ou mais indivíduos, não somente professor-aluno, mas sim todos aqueles que fazem parte do seu grupo de aprendizagem (BRUNER, 2001).

Dessa forma, cabe considerar que este último modelo de mente é o que mais vem ao encontro do que fora discutido no início deste capítulo como sendo um preceito e uma concepção ou nível de aprendizagem fundamental para o entendimento da cultura: a interação. Portanto, volta-se à premissa de que a interação é o marco essencial para a compreensão de vários aspectos que envolvem tanto o processo de ensino e de aprendizagem, quanto a própria cultura da aprendizagem. Porém, deve ficar claro o que Pozo (2002, p. 257) quis dizer ao afirmar que “[...] a aprendizagem como prática ocorre em contextos de interação cujas características afetam seriamente a eficácia dos resultados obtidos”. Assim, os processos de interação social devem ser considerados mais como condições do que como motores de qualquer aprendizagem, tornando-se muito mais como alternativa do que como uma solução para todos os problemas, uma vez que outros processos podem entrar em jogo e a solução virar empecilho.

Um desses processos que podem influenciar diretamente tanto o processo de ensino quanto de aprendizagem é a motivação. Não basta inserir a interação dentro do contexto educacional se, na outra ponta, tem-se um educando desmotivado para aprender ou sem vontade para conhecer o outro e se abrir para o processo interativo. Faz-se necessária a união destes dois conceitos para que se promova uma aprendizagem muito mais significativa e atraente para o aluno. Assim, os processos que circundam e influenciam esta motivação serão esboçados na sequência.

2.5 A motivação como um processo auxiliar da aprendizagem

Como discutido anteriormente, não há como negar o poder do aprendizado por meio da interação, o qual contempla tempos e espaços novos, diálogos e problematizações diferentes, formas e condições próprias para acontecer. Do mesmo modo que a concepção de interação não pode admitir uma cadeia hierárquica do conhecimento, ela possibilita aos envolvidos no processo um constante aprofundamento das relações humanas e sociais, contribuindo de forma incisiva na (re) construção da visão de cultura e dos processos de aprendizagem que abrangem a educação.

A partir disso, nota-se que a grande questão problematizadora desta pesquisa permeia o campo da exploração das potencialidades de processos interativos no ensino e na aprendizagem, porém não se devem esquecer os processos que podem interferir diretamente na construção de conhecimentos por parte do aluno. Diante disso, podem-se elencar processos auxiliares, os quais vão além da necessidade de interação entre os pares e dos modelos de mente referidos até então.

Nesta perspectiva, Pozo (2002, p. 138) afirma que além dos processos de aprendizagem propriamente ditos, há outros processos auxiliares que partem da premissa de que “[...] é preciso ter motivos, é preciso atender às características relevantes, recuperar o aprendido e aplicá-lo a novas situações”.

Explorando a perspectiva levantada por Pozo, um destes processos auxiliares da aprendizagem é a atenção. Segundo o autor (2002, p. 147) “[...] sem atenção, não há aprendizagem, ou, se se quer maior precisão, quanto mais atenção, mais aprendizagem”. Cabe elucidar que não basta o aluno ter à sua disposição os recursos de aprendizagem (apostilas, livros, revisão, explicações do professor), é preciso prestar atenção nos principais elementos que serão aprendidos, selecionando e construindo com propriedade e autonomia o que se almeja.

Outro processo auxiliar é a recuperação do que aprendemos, a qual é afetada diretamente pela forma como aprendemos determinada informação. Um processo não exclui o outro, uma vez que todos estão interligados e o sucesso de um depende automaticamente do outro. Pozo (2002, p. 151) afirma que “[...] uma boa aprendizagem pode tornar mais eficaz o funcionamento de outros processos cognitivos, num processo de contínua e mútua interação”. Se determinado conteúdo não foi significativo para um aluno, conseqüentemente ele tende a demorar mais para entender o conteúdo, com risco de não conseguir recuperá-lo.

Assim, uma estratégia que pode ser usada pelo estudante é buscar externamente (na internet, por exemplo) mecanismos que possam preencher estas lacunas de aprendizagem, dando um retorno mais imediato aos seus anseios.

Enquanto outros processos auxiliares da aprendizagem, como a atenção ou a recuperação, desempenham uma função concreta e localizada em momentos determinados das tarefas de aprendizagem, a consciência tem uma função distinta ou menos palpável. Tomar consciência da própria aprendizagem é conhecer os limites e as potencialidades da sua capacidade de aprender, é ter a noção de até onde se consegue chegar e ter discernimento para escolher os meios e as técnicas corretas ou alternativas para tanto (POZO, 2002).

Porém, o quarto processo auxiliar e que merece destaque especial, visto que vem ao encontro da presente pesquisa, é a motivação. Segundo Pozo (2002, p. 138) aprender “[...] supõe um esforço que requer altas doses de motivação, no sentido mais literal ou etimológico, de ‘mover-se para’ a aprendizagem”. Quando um aluno do ensino médio, por exemplo, permanece horas estudando um determinado assunto para não zerar a prova de Geografia do dia seguinte, pode-se dizer que a motivação existe, porém é diferente daquela que se espera da maioria dos alunos.

A partir do exemplo narrado, pode-se elencar um dos tipos de motivação que se conhece como extrínseca. Nesta situação, o motivo para aprender está fora do que se aprende, são as possíveis consequências que motivam e não a atividade de aprender em si. Dessa forma, o motivo da aprendizagem são as decorrências de tê-lo aprendido (POZO, 2002).

Uma ocasião que se evidencia uma motivação extrínseca é a utilização de prêmios e punições. Se o aluno fizer e entregar um resumo da matéria antes da prova, receberá uma bonificação quanto ao trabalho feito. Caso a turma não fique quinze minutos em silêncio durante a explicação, perderá alguns minutos do intervalo. Nestes exemplos, fica clara a intencionalidade do docente quanto à motivação dos alunos, ou seja, não parte destes últimos o interesse em revisar a matéria ou se concentrar alguns instantes antes do intervalo.

Por outro lado, quando a motivação decorre do educando, por exemplo, se evidencia o que relata Pozo:

Realmente, o fato de que os alunos percebam que um resultado da aprendizagem é significativo ou tem interesse em si mesmo constitui outro motivo para aprender, que se conhece como *motivação intrínseca*, quando a razão para se esforçar está no que se aprende (falar inglês, andar de bicicleta, controlar as próprias emoções ou compreender melhor minhas filhas) (2002, p. 140, *grifo do autor*).

Com esta visão, aprender pela satisfação de compreender algo sugere que o fim ou o motivo da aprendizagem é de fato aprender, e não obter algo em troca. Dessa forma, acredita-se que quando o que movimenta a aprendizagem é o anseio de instruir-se, seus efeitos sobre os resultados são mais sólidos do que quando a aprendizagem é motivada exclusivamente por agentes externos.

Para não chegar ao extremismo, cabe uma ressalva quanto à motivação do aluno. É evidente que o aluno não chega à sala de aula todos os dias motivado e “pronto” para aprender. Segundo Pozo (2002, p. 141) “[...] a polaridade extrínseca-intrínseca deve ser entendida como um contínuo, de modo que gerar um desejo de aprender é fazer com que o aluno interiorize [...] motivos que inicialmente percebe fora de si”. Se o ensino for bem feito e o que se ensina valer a pena aprender, existem forças atuantes para produzir o estímulo externo que motive os alunos para o processo de aprendizagem (BRUNER, 1976).

Bruner elenca um problema temporal na questão da motivação ao afirmar que:

Existe aqui um problema de grande alcance do dia a dia escolar. Despertar o interesse a curto prazo não é o mesmo que estabelecer o interesse, em seu mais amplo sentido, a longo prazo. Filmes, recursos audiovisuais e dispositivos semelhantes podem ter o efeito de prender a atenção a curto prazo. A longo prazo, poderão produzir uma pessoa passiva, à espera de que algum tipo de cortina se erga à sua frente para despertá-la (1976, p. 68).

Nesta perspectiva, a espera por uma motivação externa causa no aluno uma passividade muito grande, gerando um aluno espectador. Por outro lado, se a motivação é fruto de uma expectativa e do valor de um possível sucesso, há duas possibilidades para que os professores motivem os alunos, ou estes a si próprios: aumentando as expectativas de sucesso e/ou o valor desse sucesso (POZO, 2002, p. 144).

Para tanto, pode-se, por exemplo, adequar as tarefas às capacidades de aprendizagem dos alunos, reduzindo, assim, a probabilidade de que fracassem. Também, pode-se investir na orientação mais precisa e direta, auxiliando e guiando o aluno frente aos desafios que se apresentem. Ainda, proporcionar ao educando uma avaliação que aponte além de erros e deficiências, possíveis soluções e estratégias para aprimorar o que se aprendeu.

Complementando a gama de possibilidades, é possível motivar os alunos conectando a aprendizagem com os seus interesses, aproximando as realidades, os conteúdos e, por consequência, a vontade de aprender. Outra estratégia é valorizar cada avanço na aprendizagem do aluno, aumentando a sua autoestima e incentivando cada vez mais a busca e

o estudo. Além disso, torna-se interessante incentivar a autonomia dos estudantes, criando, por exemplo, ambientes colaborativos de aprendizagem, onde esta acontece entre pares, de forma cooperativa.

Dentro desta última ideia torna-se atraente inserir também no contexto educacional recursos tecnológicos que, na maioria das vezes, já são utilizadas pelos alunos, como o computador, a internet e, dentro desta última, as redes sociais. O que acontece a partir disso é a incorporação de situações de aprendizagem que considerem as experiências, os conhecimentos e as expectativas que os estudantes trazem consigo. Além disso, uma estratégia como esta articula os diversos campos de conhecimento presentes na rede, o que estimula a participação criativa dos indivíduos, considerando suas disposições sensoriais, motoras, afetivas, cognitivas e culturais.

Porém, a possibilidade que o professor tem de mover os alunos para a aprendizagem depende também como este vê e enfrenta a tarefa de ensinar. A motivação dos alunos não pode se desligar da que tem seus professores. De acordo com Pozo, “um professor cuja atividade profissional se guia só por motivos extrínsecos dificilmente promoverá motivos intrínsecos em seus alunos” (2002, p. 145-146). Percebe-se diante disso que as possibilidades para incentivo e promoção da aprendizagem são grandes, porém os desafios são imensos e a necessidade de motivação iminente por parte de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem é necessária.

Como referido anteriormente, várias são as estratégias que podem mobilizar o aluno frente à aprendizagem, e o que se almeja no capítulo seguinte é analisar como as tecnologias, especificamente o computador, a internet e as redes sociais, podem motivar os alunos em prol de uma aprendizagem mais significativa.

3 CIBERESPAÇO E REDES SOCIAIS: UMA NOVA LÓGICA, UM NOVO LEITOR

Como já referido no capítulo anterior, o processo de aprendizagem pode ser potencializado pelo poder da interação entre pares. Assim, a lógica da aprendizagem por meio do contato social se torna extremamente eficaz e pode favorecer ainda mais as trocas e as relações interpessoais e culturais.

Nesta perspectiva, a interação independe de um espaço físico pré-determinado ou delimitado, visto que para este processo acontecer basta que haja dois ou mais indivíduos e que estes estejam interessados na troca ou na busca de informações ou conhecimentos. Dessa forma, acredita-se que é possível aprender em uma sala de aula convencional, no pátio da escola, na avenida mais movimentada da cidade ou, o que é o foco desta investigação, em uma rede social na internet.

O que se observa diante disso é que a interação, independente do local onde se manifesta, é sempre acompanhada por tecnologias. Ao referir-se a tecnologias tem-se um conjunto de técnicas, ou então, de processos e ferramentas oriundas da inteligência, entendida como a capacidade humana de pensar, comunicar, contrapor, abstrair, criar, solucionar e questionar. Assim, a fala, a escrita, os óculos e a internet podem ser concebidos como exemplos de tecnologias que possibilitam, auxiliam e potencializam essa interação.

Compreende-se a partir disso que a interação se dá através de três ferramentas lógicas ou três tecnologias intelectuais que com o passar do tempo foram surgindo e adquirindo novas formas, funções e especificidades: a oralidade, a escrita e a informática (LÉVY, 2010a).

3.1 As tecnologias intelectuais: analisando conceitos

O filósofo Pierre Lévy é o autor escolhido para desenvolver a ideia das tecnologias intelectuais enquanto transformadoras do processo de aprendizagem. Para tanto, a oralidade como tecnologia intelectual pode ser classificada em oralidade primária e oralidade secundária. A primeira refere-se ao papel da palavra antes da invenção ou adoção da escrita por parte da sociedade. Já a segunda oralidade se relaciona a função da palavra que é complementar ao da escrita, assim como conhecemos atualmente. Uma sociedade oral

primária possui a sua base cultural firmada na memória dos seus indivíduos e as sociedades com escrita, por sua vez, se firmam em outras tecnologias que asseguram uma maior constância, armazenamento e difusão dos conhecimentos (LÉVY, 2010a).

Neste sentido, percebe-se que a oralidade possui um grande potencial para os processos interativos, visto que as representações (falas) estão interconectadas, suas conexões possuem uma relação de causa e efeito e estão sempre envolvendo o sujeito no processo (quem fala e quem escuta).

Por outro lado, pode-se inferir que a oralidade possui um tempo cíclico, pois segundo Lévy (2010a, p. 84) em uma sociedade sem escrita “[...] qualquer proposição que não seja periodicamente retomada e repetida em voz alta está condenada a desaparecer”. Dessa forma, a oralidade possui um tempo marcado pela perenidade, instantaneidade e pela instabilidade, já que um conhecimento pode facilmente se perder historicamente caso não seja registrado em algum canal impresso ou digital. Deve-se também estar atento ao tempo da oralidade, pois a sua transmissão é marcada principalmente pela recriação, ou seja, uma informação pode sofrer várias interferências no decorrer do tempo em que é trabalhada e transmitida de um indivíduo ao outro.

Com o advento da sociedade, outra ferramenta lógica se destaca e ganha espaço no campo das inteligências, a escrita. Para Lévy (2010a, p. 89) “a escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos”. Ou seja, a comunicação escrita elimina a mediação humana que adaptava o discurso de acordo com o contexto em que se apresentava. Porém, esta mensagem escrita também pode correr o risco de tornar-se confusa e obscura, visto que ocorre sem a interação entre o leitor e o escritor.

Por outro lado, ao pensar na escrita como tecnologia e, ainda, em toda a sua evolução, ou seja, ao passar da ideografia² ao alfabeto e da caligrafia à impressão, a noção temporal torna-se cada vez mais linear e histórica. Essa percepção se deve principalmente pela potencialidade da escrita em estar disponível e estocada em determinado lugar, além de ser uma fonte consultável e também comparável com muitas outras (LÉVY, 2010a).

O que se percebe é que a escrita possui um tempo único e estanque, visto que perpassa informações ou conhecimentos para um indivíduo a partir de algo já documentado, assim o que está escrito é visto como referência e marco de um tempo específico. Esta tecnologia

² Ideografia é a uma forma de escrita em que as ideias são expressas por meio de sinais gráficos ou símbolos.

possui um espaço condicionante e restrito, o qual, assim como o tempo, possui ressalvas e uma abrangência bastante finita.

Pode-se constatar também que a escrita se insere em um tempo diferente, pois possui espaço onde se firma, se consolida e se perpetua como uma das tecnologias da inteligência. Para Lévy (2010a, p. 88) a escrita “[...] ao intercalar um intervalo de tempo entre a emissão e a recepção da mensagem, instaura a comunicação diferida, com todos os riscos de mal-entendidos, de perdas e erros que isto implica”. Com isso, o que era visto como instantâneo e volátil ganha ar de duradouro e concreto, uma vez que aquilo que está escrito, registrado é concebido como confiável e mais seguro.

A partir desta concepção, pode-se afirmar que a escrita ampliou qualitativamente e quantitativamente a maneira em que as informações circulavam. A possibilidade de sistematizar o conhecimento e aprofundá-lo, além de respeitar o ritmo de assimilação de um assunto (voltar e ler novamente, por exemplo), fez com que esta tecnologia extravasasse as barreiras da biblioteca e atingisse um maior número de pessoas.

Posteriormente ao advento da escrita e a sua popularização mundial, em meados do século XX outra tecnologia intelectual surge e pouco a pouco começa a se espalhar por todo o mundo apoiada, por exemplo, pelo crescente uso do computador: a informática.

Com esta nova tecnologia intelectual o que era visto como passageiro (oralidade) e como concreto (escrita) agora toma ares de mutável, de interativo e de adaptativo frente aos novos e constantes desafios que estão sendo apresentados. Assim, a informática se transformou em um meio de potencial para a criação, comunicação e também simulação.

Para Lévy, a informática se afirma sobre quatro eixos ou funções, sendo denominadas: “a produção ou composição de dados, de programas ou de representações audiovisuais [...]; - a seleção, recepção e tratamento dos dados, dos sons ou das imagens [...]; - a transmissão [...]; - finalmente, as funções de armazenamento [...]” (2010a, p. 104). Dessa forma, entende-se que a composição se deve à parte funcional e operacional que envolve a informática, ou seja, os programas, as linguagens específicas e todas as técnicas digitais de ajuda à criação. Já a seleção se refere aos também chamados de terminais inteligentes, função responsável pela interatividade e pelo processamento da imagem, do som ou da fala.

Outra função importantíssima da informática é o poder de transmissão, o qual faz com que a rede digital se integre, cresça e se aperfeiçoe constantemente. Além disso, o potencial de armazenamento é o grande diferencial desta tecnologia para todas as outras, visto que possui uma gama imensa de banco de dados nos quais são armazenadas as informações, as escritas, as imagens, enfim, tudo aquilo que for passível de digitalização.

Ao contrapor as três tecnologias da inteligência, Lévy contextualiza e lança o seguinte questionamento:

Ao transformar os personagens e os heróis aventureiros da oralidade em conceitos, a escrita tinha permitido o desdobramento de um pensamento do ser. Ao animar em seus programas os velhos conceitos saídos da escrita, ao fazer da lógica um motor, a informática assimilaria ao mesmo tempo o ser e a história na aceleração pura? (2010a, p. 117).

A resposta para tanto fica implícita em constatações a respeito do tempo da informática, o qual é marcado pela velocidade e facilidade de transmissão de dados e pela falta de um limite espacial, pois esta tecnologia não está condicionada a um espaço físico, com tamanho específico e capacidade máxima de armazenagem de informação.

Esta forma de inteligência também se caracteriza pela imediatez, cujo tempo de resposta entre um comando e outro tende a ser ínfimo diante da imensidão de possibilidades geradas em um clique, em um chamado tempo real. Um modelo digital gerado a partir desta tecnologia não é mais lido ou interpretado como se fazia com um texto clássico, agora ele é explorado de uma forma interativa (LÉVY, 2010a).

Diante destas análises, Pierre Lévy também lança alguns pontos para reflexão sobre a informática e as suas múltiplas aplicabilidades e os desafios quanto a sua permanência enquanto tecnologia da inteligência: “Quem ensina e quem aprende? Quem pede e quem recebe? Quem infere a partir de novos dados, conecta entre si as informações, descobre conexões? Quem percorre incansavelmente a trama labiríntica da rede? Quem simula o quê? Indivíduos? Programas agentes?” (2010a, p. 132).

Tantas perguntas, poucas respostas, muita discussão. Almeja-se no decorrer do próximo item fazer uma aproximação entre a informática, vista como a tecnologia da inteligência emergente, e o ciberespaço, o qual se caracteriza como um potencial difusor das ideias e premissas da primeira, pois é um espaço que permite o ingresso, a manipulação e a transformação de informações na rede.

3.2 A dinâmica do ciberespaço

Para compreender a dinâmica do ciberespaço deve-se antes reconhecer o que o impulsiona dentro da lógica da informática, ou seja, dentro do campo que estuda o processamento automático da informação por meio do computador. Dessa forma, o uso da internet fornece pistas para compreender o conjunto de conceitos e delimitações que cercam este peculiar espaço.

Assim, Lévy (2010b, p. 87) define que os usuários da internet possuem duas atitudes de navegação na *World Wide Web*³ (WWW), “A primeira é a ‘caçada’. [...] A segunda é a ‘pilhagem’”. A “caçada” seria quando o usuário procura uma informação exata, sendo que para tanto vai direto e rapidamente ao seu objetivo. Já a “pilhagem” é quando este mesmo usuário não possui um interesse fixo e único, desviando a sua atenção facilmente para vários sites, a fim de encontrar alguma coisa (ou não) que lhe importe e mantenha o foco.

Atualmente, o perfil da maioria dos usuários da WWW condiz com a chamada pilhagem, e esta segundo Lévy

[...] pode apenas ser comparada com o vagar em uma imensa biblioteca-discoteca ilustrada, com o acréscimo da facilidade de acesso, do tempo real, do caráter interativo, participativo, impertinente e lúdico. Essa midiateca é povoada, mundial e aumenta constantemente. Ela contém o equivalente a livros, discos, programas de rádio, revistas, jornais, folhetos, curriculum vitae, videogames, espaços de discussão e de encontros, mercados, tudo isso interligado, vivo, fluindo (2010b, p. 94).

Compreende-se diante disso que toda esta diversidade é concentrada em um único espaço e disponível a um clique do usuário, fazendo com que a internet seja marcada principalmente pela dinamicidade e pluralidade de informações. A partir daí, a lógica do ciberespaço ganha vida e se configura como um dos responsáveis por toda proliferação e disseminação do pensamento informático-mediático.

A palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica “*Neuromancer*”. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural, ou seja, um espaço não físico e territorial. Posteriormente, o

³A *World Wide Web* (WWW) também é conhecida como internet ou web e surgiu na década de 1980 na Suíça, ganhando o mundo após 1990.

termo foi retomado pelos usuários e criadores de redes digitais, delegando a este termo várias outras interpretações (LÉVY, 2010b).

Na visão de Lemos (2012, p. 1), “hoje entendemos o ciberespaço à luz de duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta [...]”. Em contrapartida, o que se vê é uma convergência entre estas duas concepções, interligando e permitindo a interação entre as realidades.

Lemos (2012, p. 1) ainda complementa afirmando que o ciberespaço “[...] é visto como potencializador das dimensões lúdicas, eróticas, hedonistas e espirituais. Nós podemos dizer que com o advento da cybercultura, estamos diante de uma verdadeira ‘info-gnose’, um rito de passagem em direção à desmaterialização pós-industrial”. Esta visão demonstra claramente as possibilidades que este espaço excepcional oferece àqueles que se aventuram rumo ao novo, à descoberta e ao plural. Além disso, diversas percepções são desveladas e outras são adquiridas diante das experiências que brotam em um campo da informática tão rico e infinito como o ciberespaço.

Para Santaella (2004, p. 45), o ciberespaço é “[...] como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação”. Dessa forma, o ciberespaço agrega uma porção de possibilidades, as quais dependem exclusivamente de uma operação do usuário para a sua concretização. Pode-se afirmar diante disso que o ciberespaço é um espaço novo que se abre quando a pessoa se conecta com a rede.

Já Pierre Lévy é mais incisivo ao definir o ciberespaço “[...] como o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*”. (2010b, p. 94, grifo do autor). Diante dessa definição, o autor complementa explicitando os principais modos de comunicação e de interação possibilitados por este espaço:

a) Acesso a distância e transferência de arquivos.

Com o advento da internet ficou muito mais fácil, rápido e eficaz realizar a transferência, a cópia e o compartilhamento de um arquivo (música, texto, imagem, programa, dados) de um computador pessoal para outro que está conectado e disponível no ciberespaço a milhares de quilômetros de distância.

b) O correio eletrônico.

A troca de mensagens via correio eletrônico (*e-mail*) possui um dos mais ativos papéis do ciberespaço, visto que esta possibilidade abre espaço para muitas outras conexões e trocas dentro da rede. Além da utilização do correio eletrônico, outra forma ainda mais imediata de diálogo são os programas de mensagens instantâneas como o MSN, o Skype e o Google Talk, que promovem e facilitam o processo de comunicação.

c) As conferências eletrônicas.

Lévy conceitua as conferências eletrônicas como sendo “[...] um dispositivo sofisticado que permite que grupos de pessoas discutam em conjunto sobre temas específicos”. (2010b, p. 102). Ao contrário das mensagens de correio eletrônico, que são transmitidas quase que diretamente do remetente para o destinatário, as mensagens postadas nas conferências eletrônicas, também chamadas de *newsgroups*, são retransmitidas através de uma extensa rede de servidores interligados, conseqüentemente lidas, respondidas, apagadas ou armazenadas por vários indivíduos ao mesmo tempo.

d) Da conferência eletrônica ao *groupware*.

O *groupware* é um sistema que oferece recursos que permitem a várias equipes trabalharem juntas e participarem de projetos em comum, mesmo quando geograficamente separadas. Através de ferramentas como integração de correio eletrônico, agenda, fóruns, transferência de documentos e catálogo de endereços, as informações são compartilhadas por todos os usuários, integrando diversas funcionalidades em uma única interface. Para Lévy (2010b, p. 104), “sob o nome de Intranet, são cada vez mais usadas as ferramentas da Internet [...] para a organização interna das empresas ou de redes empresariais”.

e) A comunicação através de mundos virtuais compartilhados.

Para Lévy “as realidades virtuais compartilhadas, que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas, devem ser consideradas como dispositivos de comunicação ‘todos-todos’, típicos da cibercultura” (2010b, p. 108). Este modo de comunicação e de interação serve, portanto, cada vez mais como mídia de comunicação, unindo, por exemplo, pessoas geograficamente dispersas.

f) Navegações.

A navegação pela WWW se populariza dia-a-dia e sistematicamente apresenta como perspectiva de transformar o ciberespaço em um único mundo virtual, imenso, infinitamente variado e perpetuamente mutante (LÉVY, 2010b, p. 110).

Diante destes seis modelos de comunicação e de interação possibilitados pelo ciberespaço, percebe-se que ao mesmo tempo em que se permitem infinitas funções e

estratégias, se exige, por consequência, sujeitos abertos para as novas propostas e convictos de que a lógica da interação e da tecnologia da inteligência pautada na informática possuem potenciais para agregar conhecimento nos mais diversos campos, entre eles, da educação.

3.3 Um novo leitor para a hipermídia: imersivo e hipertextual

Se o ciberespaço é concebido como um ambiente diferenciado, contemporâneo e abrangente, tem-se como consequência o aparecimento de um novo sujeito, usuário, leitor ou autor. A ideia da existência de outros tipos de leitores está diretamente vinculada à evolução histórica das tecnologias. Assim, houve o tempo em que o leitor da imagem, da gravura, do jornal, da cidade, dos símbolos, do vídeo possuía grande destaque frente às inovações de uma época. Com a evolução ou com o desenvolvimento das tecnologias, do computador e da internet, tem-se um leitor diferente, um leitor com características únicas e que pode ser nomeado como contemplativo, movente ou imersivo (SANTAELLA, 2004).

Um leitor contemplativo, também chamado de meditativo, baseia-se na leitura basicamente do livro impresso. Segundo Santaella (2004, p. 23), este leitor se caracteriza por uma “[...] leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano”. Percebe-se diante disso, que o leitor contemplativo se desprende das circunstâncias externas para focar-se em uma leitura que pode ser concebida até como um ato de meditação, pois tamanha é a sua interiorização e concentração.

Entre os sentidos mais utilizados pelo contemplativo, a visão reina soberana, complementada pelo sentido interior da imaginação. Por outro lado, o leitor movente ou fragmentado possui uma história marcada pela mercantilização e, segundo Santaella (2004, p. 29), “[...] nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. [...] É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais”. Este leitor se esbarra nas formas, nos movimentos, nas cores e nas luzes, possui uma percepção muito mais instantânea e acelerada do mundo.

Já o terceiro tipo de leitor, conhecido como imersivo ou virtual, emerge em outra perspectiva histórica e social. Na visão de Santaella,

Graças à digitalização e à compreensão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso, potencialmente qualquer ser humano no globo (2004, p. 31-32).

Diante disso, o leitor imersivo está sempre conectado, pronto para interligar nós, construir caminhos e possibilidades frente às interrogações que ora se apresentam. Este leitor possui um roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com as conexões entre palavras, imagens, documentação e músicas (SANTAELLA, 2004).

Pensando nas características do ciberespaço e na sua linguagem, pode-se dizer que o termo usuário não é o mais adequado para as especificidades, por exemplo, das redes sociais. Esta análise se deve ao fato de que existe um processo de apropriação das redes para a utilização naquilo que cada um acha importante, tornando-as flexíveis e permitindo estas diferenças de uso. Já o termo leitor, muito utilizado por Santaella, também pode ser criticado, pois se era leitor no período em que a escrita dominava as tecnologias da inteligência.

Afirma-se diante disso que na era da conexão, todos são autores. Quando se faz uma leitura na *web*, por exemplo, somos autores, porque escolhemos os caminhos através dos *links*, compomos e recompomos nossa leitura, criamos associações e novos textos. Por isso, a partir daqui o termo a ser usado quando referido aos estudantes, será autores, agentes ou sujeitos da pesquisa.

Desta forma, um autor tão específico e contemporâneo merece e almeja uma lógica de leitura e interpretação, de interação e construção completamente diferente dos descritos anteriormente. Um sujeito imersivo não consegue permanecer horas estancado lendo e contemplando um livro, não consegue ficar horas parado assistindo passivamente um programa de televisão. Um autor imersivo que necessita de uma lógica específica para estudar, ler e aprender pode, deve e espera utilizar uma linguagem diferente como a hipermídia e uma organização como o hipertexto para desenvolver ou potencializar a sua leitura e aprendizagem.

A primeira vez que a ideia do hipertexto foi usada data o ano de 1945, porém o termo foi criado na década de 1960 por Theodore Nelson para exprimir a ideia da escrita e da leitura em um sistema de informática. O filósofo Pierre Lévy é um dos autores que trabalha com a lógica hipertextual e a conceitua como sendo

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. [...] Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (2010a, p. 33).

A partir destas características e do conceito de hipertexto, Lévy constrói seis princípios que norteiam o seu estudo.

1) Princípio de metamorfose.

A rede hipertextual está sempre em constante mudança, em frequente atualização e renovação. Por ser uma rede que envolve e engloba a busca por novas ferramentas, por inovações, por novos adeptos e autores faz com que o hipertexto cresça e se difunda, tornando-o ao mesmo tempo alternativa e também desafio.

2) Princípio de heterogeneidade.

Os nós que (re) criam o hipertexto estão longe de serem homogêneos, iguais e uniformes. A lógica do hipertexto está justamente na união de diferentes formas de manifestações e associações, ou seja, um texto se interliga com uma imagem, esta com um som e a última com uma cor. É justamente este novo plural que deve ser o diferencial do hipertexto.

3) Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas.

Ao analisar o hipertexto como um conjunto de nós interligados, tem-se a ideia de que cada ponto, cada intersecção é responsável por muitas outras ligações e estas outras por várias e várias outras. Um hipertexto não é composto com uma ou cinco, dez ou cinquenta possibilidades, esta lógica está fixada exatamente na premissa do início delimitado, mas um fim sem demarcação.

4) Princípio de exterioridade.

Segundo Lévy (2010a, p. 26), “a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno”. Os responsáveis pelo crescimento, pela manutenção ou o fim são as pessoas, pois é

estas que irão utilizar, alimentar, prover ou excluir tudo o que estiver dentro do contexto hipertextual.

5) Princípio de topologia.

Navegar em um hipertexto é uma caixa de surpresas, pois o caminho é tortuoso e o passo seguinte não depende necessariamente do último. Não se lê um hipertexto com manuais ou com uma lógica pré-determinada, pois como Lévy (2010a, p. 26) afirma “a rede não está no espaço, ela é o espaço”.

6) Princípio de mobilidade dos centros.

Por fim, o último princípio do hipertexto diz respeito à hierarquia, pois nesta lógica não há uma posição definida para cada ação, para cada agente e para cada reação. Navegar no hipertexto permite que se saia de uma informação valiosa e em um clique sair completamente do contexto. Se não há um roteiro a ser seguido, automaticamente não há uma hierarquia sólida e autoritária para se trabalhar.

A partir dos princípios analisados, pode-se fazer uma aproximação com os conceitos estudados sobre a aprendizagem e a interação. Assim, ao visualizar o hipertexto como uma rede em constante metamorfose e heterogêneo, pode-se fazer também alusão a cultura da aprendizagem discutida por Bruner (2001) e Pozo (2002), visto que as duas ideias acreditam na dinamicidade dos processos e nas transformações advindas por esta nova percepção.

Outros princípios do hipertexto como o da multiplicidade e mobilidade dos centros podem ser cotejados à noção de interação. Pode-se fazer esta analogia, pois a essência desta última ideia está pautada na troca de informações e conhecimento dentro de uma rede, sendo que para tanto, assim como no hipertexto, é obrigatória a interação entre os nós, os quais não possuem uma hierarquia ou um centro definido.

Percebe-se diante destes princípios e das demais características que circundam a lógica do hipertexto que pode ser um instrumento eficaz para se construir sentidos e (re) significar o mundo através de uma relação compartilhada, coletiva e social. Da mesma forma, a hipermídia, considerada a linguagem do ciberespaço, pode interferir positivamente na ponte entre o computador e a nossa cultura.

Assim, a hipermídia caracteriza-se a partir de quatro traços, que fundamentam a sua definição. O primeiro traço refere-se à hibridização de linguagens, processos sígnicos, códigos e mídias. Neste sentido, a hipermídia é a responsável por mesclar textos, imagens fixas e animadas, vídeos, sons e ruídos (SANTAELLA, 2004). Esta hibridização de

linguagens pode ser vista como uma das grandes responsáveis pela disseminação e atração da hipermídia, sendo que une várias mídias em um único espaço.

O segundo traço define a hipermídia como uma organização reticular de fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais, ou seja, a capacidade que esta linguagem possui de armazenar, organizar e difundir informação (SANTAELLA, 2004). Esta competência é facilmente percebível quando se navega na internet, pois a cada clique, a cada avanço se é direcionado a outro assunto, a outra mídia, possibilitando buscas, descobertas e escolhas.

Já o terceiro traço refere-se a hipermídia como um cartograma navegacional. Para transitar em um ambiente onde as escolhas pessoais guiam o caminho, se faz necessário uma organização ou então um mapeamento mental do desenho estrutural onde se está navegando (SANTAELLA, 2004). A hipermídia, ao mesmo tempo em que atrai pela inovação, pelo conteúdo e pela liberdade, pode também frustrar o usuário por não estabelecer necessariamente guias ou manuais de instrução quanto à forma politicamente correta ou a mais apropriada de se estabelecer vínculos dentro da rede.

O último traço definidor da hipermídia é a linguagem interativa. Neste sentido, Santaella (2004, p. 52) afirma que “o leitor não pode usá-la de modo reativo ou passivo”. A hipermídia garante um espaço onde se faz necessária a ação, a reação, a atitude e a proatividade do usuário. Consequentemente, esta é uma linguagem em que o sujeito mergulha em um mundo volátil e estimulante, no qual a concentração, a atenção e a interação são premissas para uma experiência bem sucedida.

Percebe-se com as características da hipermídia, que se abrange as mais atraentes formas de comunicação presentes até o momento, sendo que estas também estão presentes na lógica do hipertexto. Neste sentido, a presença do autor imersivo complementa a interpretação referida, visto que é o agente criador, modificador e difusor de toda esta sistemática envolvendo a rede.

Para tanto, negligenciar ou subestimar a ação deste novo leitor e da sua inserção e participação dentro das potencialidades decorrentes da hipermídia e, ao mesmo tempo, do hipertexto, é fechar os olhos para uma das ferramentas que mais podem contribuir para atingir ou conquistar, por exemplo, os estudantes.

3.4 Virtualização da aprendizagem

O processo de ampliação das possibilidades da rede e do ser humano pode ser refletido a partir do conceito de virtualização proposto por Pierre Lévy. O autor aponta que tudo aquilo que existe em potência, mas não em ato, pode ser caracterizado como virtual, sem, necessariamente, questionar sua existência. Dessa forma, o filósofo explica que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual e que cada entidade carrega em si um conjunto de virtualidades que dependem de determinados acontecimentos imediatos para se concretizar (2011, p. 15-16).

Nesse sentido, Lévy esclarece que:

Por um lado, a entidade carrega e produz suas virtualidades: um acontecimento, por exemplo, reorganiza uma problemática anterior e é suscetível de receber interpretações variadas. Por outro lado, o virtual constitui a entidade: as virtualidades inerentes a um ser, sua problemática, o nó de tensões, de coerções e de projetos que o animam, as questões que o move, são parte essencial de sua determinação (2011, p. 16, grifo do autor).

Diante do exposto, fica claro que o processo de virtualização independe das tecnologias, porém pode ser potencializado por elas, as quais, ao estabelecerem um processo de troca com o indivíduo, possibilitam o que Lévy (2011, p. 19) chama de “[...] desprendimento do aqui e agora”. Assim, todo conhecimento advindo da virtualização se torna desterritorializado e desconexo do espaço geográfico que lhe prendia.

A partir da ideia da virtualização é possível que se construam novas percepções acerca da aprendizagem, uma vez que do ponto de vista teórico esta já traz muito de virtual, como, por exemplo, a ação do professor e do aluno em todo processo educacional. Porém, a virtualização da aprendizagem traz consigo grandes desafios para o processo, pois o seu sucesso advém do rompimento com a lógica verticalizada e hierarquizada instituída e aceita pela comunidade escolar e o reconhecimento da ideia de que se aprende em qualquer lugar, a qualquer momento e com qualquer pessoa.

Nesse sentido, se faz necessário repensar toda a lógica envolvendo o atual processo de ensino e aprendizagem, principalmente sob a ótica desta nova possibilidade que é a

virtualização. Dessa forma, Serpa menciona as principais características desta nova concepção, as quais são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Resumo das principais características da pedagogia intrínseca às novas tecnologias

Elemento	Característica
Não há centro	Os processos têm uma centralidade instável. Ora o professor é o centro, ora o aluno, ora outro ator diferente de professor e aluno.
Processos horizontais	A hierarquia e a verticalidade, próprias da cultura pedagógica, são incompatíveis com a lógica e a pedagogia das Novas Tecnologias, pois estas funcionam em rede.
Participação necessária	Todo sujeito, para vivenciar o processo pedagógico, tem de participar na rede, sendo impraticável um mero assistir.
Sincronicidade de atenção	A profundidade não se dá através de um conceito de verticalidade, mas sim em um conceito espaço-temporal.
Ambiguidade entre oralidade e a escrita	As dinâmicas comunicacionais na rede, mesmo com o uso da escrita, expressam-se com uma alta dimensão de oralidade, incluindo-se nessa expressividade as imagens.
Processos coletivos necessários	Sendo uma dinâmica de rede e necessitando da participação de todos, a produção é necessariamente coletiva.
Cooperação como traço fundamental	Para o sistema de rede funcionar, os participantes necessariamente têm que colaborar.

Fonte: SERPA, 2004, p. 173.

Nota-se que a virtualização da aprendizagem tem muito a agregar no que tange ao contexto educacional, principalmente ao referir-se aos processos horizontais, à participação, à colaboração e à cooperação. Ainda, pode-se inferir que o contexto em que essas características se apresentam é visto diariamente em sala de aula, porém, sem ser considerado. Esse método é tido como utopia pedagógica ou método ineficaz frente a uma turma de trinta ou quarenta alunos.

Vindo ao encontro do que se objetiva com este trabalho, que é verificar as potencialidades e as limitações do Facebook no processo de motivação dos alunos do 2º ano do ensino médio para o ensino, se almeja, na sequência, discutir os principais conceitos que circundam as redes sociais, as suas funcionalidades e o seu possível papel agregador dentro da sistemática educacional.

3.5 Redes sociais na internet

Com o advento do ciberespaço formas de comunicação e relação dentro da internet foram sendo criadas, alteradas e difundidas no mundo todo. Neste contexto, as redes sociais na internet são então instituídas e revolucionam a comunicação mediada pelo computador (CMC). Para Recuero (2009, p. 24), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”.

Ainda, os sites das redes sociais são sistemas que permitem a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal, a interação através de comentários e a exposição pública da rede de cada ator. Diante disso, pode-se dizer que os sites das redes seriam uma categoria do grupo de *softwares* sociais, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador (RECUERO, 2009).

Nesse sentido, Marteleto (2001, p. 72) afirma que a rede social tem o objetivo de “[...] representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Portanto, a rede centra-se em atores sociais com interesses, desejos e aspirações, com papel ativo na formação de suas conexões.

Dessa forma, é imprescindível analisar uma rede social a partir do viés de quem a molda, ou seja, os atores, os usuários e no caso desta pesquisa, os estudantes. São estes os responsáveis pela alimentação, interação e constituição dos laços sociais dentro da rede. Para Recuero (2009, p. 27) “[...] entender como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas”.

Além desta análise, para um maior entendimento das características que envolvem as redes sociais é importante perceber quem são os atores ou educandos que estão inseridos nas redes sociais, a fim de mapear como estes se expressam e constroem suas impressões dentro deste ciberespaço.

Por outro lado, entender as redes sociais a partir da sua conexão é compreender como acontece a interação social. A interação mediada pelo computador é geradora e mantenedora de relações e valores que arquitetam e mantêm as redes sociais na internet (RECUERO, 2009). Dessa forma, o conjunto de interações sociais formam as relações entre os usuários, podendo ser mais ou menos complexas de acordo com o que se faz e espera da rede.

Uma rede social também pode ser analisada pela sua topologia, ou seja, a forma por meio da qual se apresenta e se difunde. Assim, as redes possuem três topologias básicas (Figura 1) denominadas de centralizada, descentralizada e distribuída.

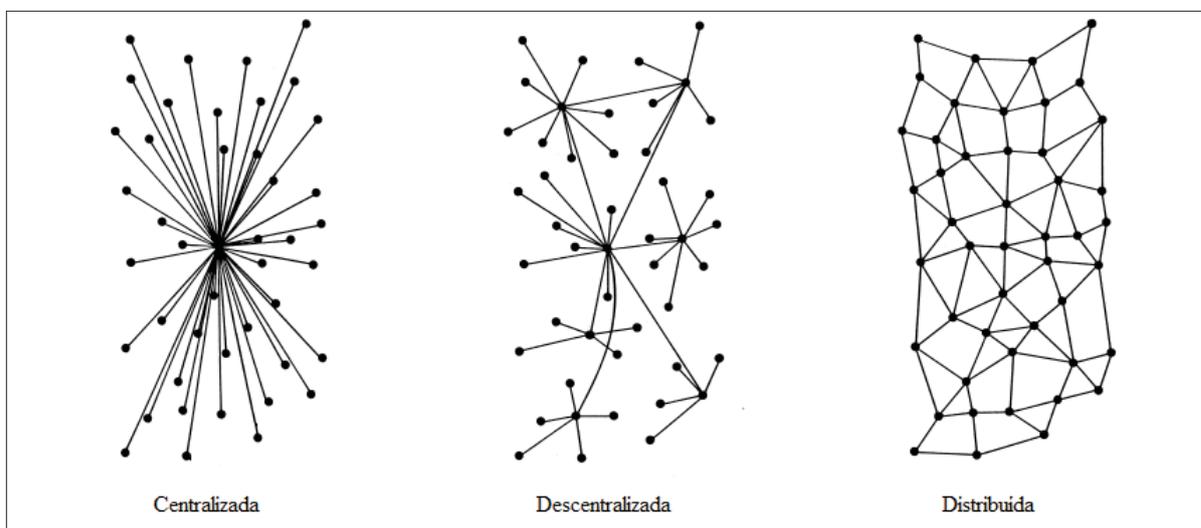


Figura 1: Topologias das redes sociais da internet

Fonte: BARAN, Paul. 1964.

Uma rede centralizada demonstra que apenas um nó (usuário) centraliza todas as conexões, diferente da rede descentralizada, que é mantida por um conjunto de nós, os quais formam grupos de conexões. Por outro lado, na rede distribuída não há valorização hierárquica entre os nós, e sim uma melhor distribuição de conexão entre todos.

Dentro das visões proporcionadas ao analisar a topologia das redes sociais pode-se criar uma analogia com os processos de aprendizagem advindos dos modelos de mente de Bruner. Quando, por exemplo, se admite que o modelo de mente mais eficaz é aquele que enxerga as crianças como aprendizes por imitação e dependentes da exposição didática tem-se o que nas redes sociais se chama de rede centralizada. Por outro lado, ao aceitar as crianças como seres pensantes ou detentoras de conhecimento, tem-se o que nas redes sociais se denomina de rede descentralizada ou distribuída, o que denota uma nova concepção de ensino e de aprendizagem e um novo entendimento no que tange a interação dentro de uma rede.

Além da topologia das redes, elas podem ser classificadas de acordo com as suas propriedades específicas (Tabela 2), ou seja, características que denotam as suas peculiaridades, seu grau de abrangência e complexidade.

Tabela 2 – Resumo das principais propriedades de uma rede social na internet

Propriedade	Características
Grau de conexão	É a quantidade de conexões que um nó possui. Quanto mais, maior o grau de conexão. Quanto maior o grau de conexão, mais popular e mais central é o nó na rede.
Densidade	A densidade se refere à quantidade de conexões que a rede social de uma pessoa, por exemplo, possui. Uma rede descentralizada é mais densa do que uma centralizada.
Centralidade	É a medida da popularidade de um determinado nó. Geralmente a centralidade é associada ao nó central o nó é para uma rede.
Centralização	É uma medida do grafo, ou seja, a quantidade de grupos formados a partir de um nó na rede.
Multiplexidade	Uma rede é multiplexa quando há uma variação na quantidade de relações sociais que aparecem na rede. Pode-se ver isso, por exemplo, a partir das ferramentas utilizadas para manter uma mesma conexão.

Fonte: RECUERO, 2009, p. 71-77.

Percebe-se que a interação em uma rede social compreende muito mais do que comunicação. Uma rede pode possuir várias nuances que transformam os indicadores em importantes formas de análise e interpretação. A complexidade da análise de uma rede social está justamente associada a estas propriedades que variam de acordo com a especificidade dos atores envolvidos.

Avançando na questão das propriedades, as redes sociais apresentam em sua composição alguns elementos que as caracterizam e dinamizam (Tabela 3), tornando-as um espaço em constante ressurgência de atributos.

Tabela 3 – Resumo dos elementos presentes em uma rede social na internet

Elemento	Características
Cooperação	É o agir comum de todos os usuários da rede. Torna-se impossível não haver um agir organizado por interesses individuais ou coletivos dentro da lógica das redes sociais.
Competição	É o agir no sentido de fortalecer a estrutura social, gerando cooperação para atingir um objetivo comum.
Conflito	O conflito contribui para o desequilíbrio, visto que um sistema completamente harmônico não pode existir, pela sua incapacidade de mudança e evolução.
Ruptura	É uma dinâmica esperada em redes sociais onde o conflito se prolifera e o tamanho das redes ou comunidades foge do controle do usuário.
Agregação	É a capacidade que os usuários têm de agregar mais pessoas na sua rede, interligando laços e criando novas conexões.
Adaptação	É a forma que a rede e as pessoas têm de se adaptar as mudanças advindas de um novo sistema ou de novas configurações dentro da rede.
Auto-organização	Uma adaptação dentro de uma rede social exige dos usuários e do próprio sistema uma capacidade de auto-organização e de vigilância permanente quanto as mudanças e as novas formas de interação.
Emergência	A velocidade, a dinamicidade e a fluidez dentro de uma rede social são aspectos relevantes que irão refletir no comportamento dos usuários.

Fonte: RECUERO, 2009, p. 81-91.

Ao analisar a Tabela 3 torna-se evidente a forte tendência ao imediato, ao instantâneo e a rapidez em que o fluxo de informação, conhecimento e conexões são realizados dentro da rede social na internet. Assim como o hipertexto, estes processos dinâmicos são essenciais para a percepção das redes no tempo e na sua compreensão enquanto elementos não estáticos e decorrentes de um contexto no qual estão inseridos.

Outro elemento característico das redes sociais é a sua capacidade de disseminar informações através das conexões existentes entre os usuários. Nesse contexto, as redes proporcionam que as pessoas possam difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança cria novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais (RECUERO, 2009, p. 116).

Além do entendimento dos elementos presentes em uma rede social na internet, torna-se importante inferir sobre os tipos de redes existentes, a fim de esclarecer e mapear possíveis caminhos dentro da lógica deste trabalho. Assim, pode-se dizer que existem dois tipos: as redes emergentes e as redes de filiação ou redes de associação. No entanto, deve-se elucidar que uma mesma rede social pode se classificar dentro dos dois tipos, visto que algumas de suas ferramentas se assemelham ao primeiro tipo e outras ao segundo.

Segundo Recuero (2009, p. 94), as redes sociais do tipo emergente “[...] são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais”. Dessa forma, esta rede se caracteriza pela interação social e pela conversação através da CMC. Ainda, a autora justifica o nome emergente ao afirmar que a rede “[...] é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais” (p. 95).

Com base nestas características pode-se dizer que uma rede emergente é mantida, por exemplo, pelo interesse dos usuários em fazer amigos, compartilhar informações ou conteúdos. Portanto, para classificar uma rede como emergente é necessário visualizar os espaços de interação, bem como os comentários e conversações.

Por outro lado, Santaella (2004, p. 98) explica que as redes de filiação ou redes associativas são “[...] redes cujas conexões são forjadas através dos mecanismos de associação ou de filiação dos sites de redes sociais”. Dessa forma, a rede tem um caráter mais estável e mais estático.

A partir disso, pode-se analisar uma rede de filiação através da integração ou inserção de novos usuários ao seu círculo de amigos, por exemplo. Assim, não se faz necessária a interação com o outro para manter uma conexão, pois o próprio sistema mantém as relações dentro da rede.

Antes de entrar na análise particular de alguns exemplos de rede social, cabe também estudar os valores relacionados à rede social e a sua apropriação pelos usuários (Tabela 4).

Tabela 4 – Resumo dos principais valores relacionados à rede social

Valor	Características
Visibilidade	Quanto mais conectado o nó, maiores as chances de que ele receba determinados tipos de informação que estão circulando na rede. Aumentar a visibilidade social tem efeito no aumento e na complexificação da rede e, também, reputação do usuário.
Reputação	A reputação está relacionada com as impressões que os demais autores têm de outro autor, sendo uma noção exclusivamente qualitativa.
Popularidade	Diferente da reputação que é uma noção qualitativa, a popularidade é associada à quantidade de conexões ou relações de um usuário. Dessa forma, um nó mais centralizado na rede é mais popular e poderá ter uma capacidade de influência mais forte que os outros.
Autoridade	A autoridade refere-se ao poder de influência de um nó na rede social e sua capacidade de persuasão dentro da rede.

Fonte: RECUERO, 2009, p. 108-115.

Independente da rede social, os valores descritos se apresentam e se caracterizam como fundamentais na identificação dos usuários. Dependendo do objetivo de quem ingressa na rede, os valores são assumidos e muitas vezes declarados. Nesse sentido, uma das inúmeras redes sociais será analisada a fim de verificar as características descritas e a sua intersecção com o processo de mobilização e interesse dos alunos para o ensino. Optou-se, então, por trabalhar com o Facebook, a rede social que mais cresce na internet, atingindo o número de um bilhão⁴ de usuários cadastrados. Trata-se de uma rede social de acesso gratuito aos usuários, porém para ingressar o indivíduo deve criar um perfil contendo informações pessoais e se declarar maior de 13 anos.

O Facebook foi criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuquerberg, nos Estados Unidos. Inicialmente, a rede social possuía como usuários apenas os estudantes da Universidade de Harvard, mas aos poucos foi expandindo sua área de atuação e influência para outras universidades e, posteriormente, para o mundo todo.

Conforme descrição do próprio site (2012), o Facebook tem como missão “[...] tornar o mundo mais aberto e conectado. As pessoas usam o Facebook para ficar conectado com amigos e familiares, para descobrir o que está acontecendo no mundo, e para compartilhar e expressar o que importa para eles”.

⁴ Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1163808-Facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

No perfil do usuário dessa rede social (Figura 2), podem-se visualizar informações como amigos adicionados, fotos postadas, páginas curtidas, mapa com lugares visitados, *status* e número de amigos *online* e disponíveis para bate-papo. Além disso, podem-se localizar outros amigos e visualizar tudo o que foi postado cronologicamente desde o ingresso na rede até o presente momento. Verifica-se, ainda, que há um espaço destinado aos patrocinadores, pois como não há custos ao se cadastrar na rede, gera uma receita através da publicidade.



Figura 2: Perfil do mestrando na rede social Facebook

Fonte: Facebook.

Sobre a área de abrangência dessa rede social, está descrito em seu *site*:

Um bilhão de usuários ativos mensais a partir de outubro de 2012. Aproximadamente 81% dos nossos usuários ativos mensais estão fora dos EUA e Canadá. 584 milhões de usuários ativos por dia, em média, em setembro de 2012 604 milhões de usuários ativos mensais que usaram produtos móveis do Facebook em 30 de setembro, 2012. (2012).

No Brasil, a rede social também ganha diariamente novos adeptos. Segundo o *site* Socialbakers (2012), o Brasil ocupa a segunda posição mundial no número de usuários no Facebook com 61.813.580 pessoas cadastradas, perdendo apenas para os Estados Unidos com mais de 168 milhões.

Ainda, o perfil dos usuários do Facebook no Brasil é diferente dos Estados Unidos. Enquanto aqui a faixa etária da maioria das pessoas é de 18 a 24 anos, nos Estados Unidos o maior grupo se concentra entre os 25 e 34 anos. Porém, o que estatisticamente se assemelha é que a maioria dos usuários em ambos os países é do sexo feminino, compreendendo 54% do montante total (SOCIALBAKERS, 2012).

Dentro do contingente populacional que utiliza o Facebook, pode-se encontrar desde pessoas que objetivam apenas encontrar novas amizades até companhias que investem em *marketing* através dessa rede social. A gama de possibilidades é imensa e crescente.

Uma empresa, por exemplo, pode usufruir de um guia ou tutorial⁵ para auxiliá-las na vinculação da marca à rede. Assim, podem-se criar desde páginas específicas para a corporação, localizar clientes em potencial e até vincular anúncios pagos para divulgar e atrair usuários consumidores à marca.

Já no contexto educacional o Facebook pode ser utilizado com outras práticas. Para tanto, Phillips et al montaram um guia com maneiras práticas de transformar os desafios da rede em oportunidades que beneficiem tanto professores como alunos. Neste guia há exemplos de como os educadores podem utilizar o Facebook: incentivar os alunos a seguir as diretrizes da rede social; permanecer atualizado sobre as configurações de privacidade; promover a boa cidadania no mundo digital; usar páginas e grupos; adotar os estilos de aprendizagem digital, social e móvel; usar o Facebook como recurso de desenvolvimento profissional (PHILLIPS et al., 2012, p. 2).

Todas as funcionalidades elencadas potencializam o poder que uma rede tem de virtualizar a aprendizagem e são possíveis devido às ferramentas disponíveis na rede social Facebook, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5 – Ferramentas do Facebook e suas funções

Ferramenta	Função
Bate-papo	Comunicação em tempo real e interação entre os usuários.
Grupos	Espaço on-line onde as pessoas podem interagir e compartilhar informações com os demais membros. Pode ser aberto ou fechado.

⁵ Disponível em: <<https://pt-br.Facebook.com/business/overview>>. Acesso em: 29 nov. 2012.

Páginas	As páginas são públicas e permitem interagir com um grupo específico ou outros membros do Facebook.
Mensagens	É similar ao <i>e-mail</i> e permite a comunicação e interação entre um ou vários usuários ao mesmo tempo.
Eventos	Criação de eventos públicos ou privados, com confirmação de presença.
Aplicativos	Espaço onde se pode procurar e utilizar, curtir e compartilhar jogos e outros aplicativos.
Curtir	Ferramenta utilizada pelo usuário quando este aprecia ou aprova determinadas postagens.
Status e Foto/vídeo	Compartilhamento de informações para outros usuários.
Compartilhamento	Permite que outras pessoas visualizem o que o usuário e seus amigos estão postando ou curtindo.
Marcação	Ao adicionar uma marcação, se estará criando um <i>link</i> que as pessoas podem seguir para saber mais sobre um determinado assunto.
Linha do tempo	Histórico de tudo o que foi postado e compartilhado pelo usuário.
Localização	Ferramenta de compartilhamento que permite adicionar a localização geral do usuário a todas as suas publicações.
Anúncios	Espaço pago por empresas para divulgar um produto ou marca.
Créditos	Modo seguro de fazer pagamentos online. Podem ser utilizados em jogos e aplicativos.
Denunciar	Permite que se façam denúncias quando uma postagem ou uma mensagem for ofensiva ao usuário.

Fonte: Primária.

Conforme evidenciado, o Facebook possui diversas ferramentas as quais estão em constante desenvolvimento e alterações. Dentre as listadas, podem-se evidenciar diversas formas de apropriação para o processo de mobilização e interesse dos alunos para o ensino. Segundo Phillips et al (2012, p. 12) “[...] as páginas podem oferecer novas oportunidades de ensino e aprendizagem. Assim como os grupos, o conteúdo das páginas pode chegar aos alunos quando eles estão fora da sala de aula”.

Além disso, outras possibilidades práticas podem ser exploradas como, por exemplo, criando uma comunidade de aprendizagem para a turma ou para uma disciplina a fim de realizar discussões sobre assuntos abordados em aula.

Esta comunidade de aprendizagem, chamada pelo Facebook de “grupos”, são espaços onde as pessoas podem interagir e compartilhar informações, imagens e conteúdos com os outros. Esta é uma das maneiras de se trabalhar com projetos colaborativos e ampliar o canal de comunicação entre aluno-aluno e aluno-professor.

Nesta perspectiva, segundo Gengnagel (2012, p. 7-8) “[...] o ambiente concreto da sala de aula ganha novas dimensões ao sair do real para o virtual, do concreto para as nuvens. Esta dimensão ganha cada vez mais adeptos já que os discentes na sua grande maioria já são partidários desta forma de comunicação”. Assim, a exposição de um assunto, fruto de uma reflexão em sala de aula, pode se estender para o ambiente das redes sociais.

Um dos fatores que coíbe muitos docentes a utilizar o Facebook como instrumento pedagógico é a ideia da perda de privacidade, ou seja, o receio de que todos os alunos terão acesso à sua página de perfil onde se encontram informações e fotos pessoais. Porém, o professor pode criar uma página para que as interações ocorram sem que o aluno tenha acesso ao seu perfil, assim a página seria como um *site* hospedado dentro do próprio Facebook.

Além disso, tem-se a oportunidade de compartilhar informações e ideias com outros profissionais e especialistas dos temas que estão sendo estudados. Para isso, é possível localizar pessoas que possuem como interesse, por exemplo, a educação ambiental e assim, tecer novos contatos a partir dele.

Seguindo na lógica das possibilidades pedagógicas advindas do Facebook, pode-se criar também um canal de comunicação entre os alunos de diferentes níveis e também com aqueles com interesses em comum. A troca de informações, a (re) construção de paradigmas e o fim das paredes físicas que bitolam e limitam o conhecimento são alguns dos pontos positivos desta revolução midiática.

Retomando os pontos discutidos no capítulo anterior, em que o processo de interação foi visto como uma forma eficaz para potencializar o aprendizado e motivar os alunos para o estudo, a utilização do Facebook como prática pedagógica possui indícios para se concretizar como metodologia ativa e com resultados positivos. Inserir as redes sociais no contexto educacional, além de agregar dinamicidade às formas de comunicação, propõe uma interação que extrapola as limitações e até as potencialidades das tecnologias da inteligência como a oralidade e a escrita.

Diante do exposto até o momento, faz-se necessário efetivar uma pesquisa sobre o estado da arte da utilização de redes sociais na educação, ou seja, verificar trabalhos já publicados que se assemelham a presente pesquisa. Desse modo, três trabalhos merecem destaque e serão apresentados na sequência.

3.6 Estado da Arte

O primeiro trabalho analisado e que contribui com a presente pesquisa é uma dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo sob o título “Análise de uma experiência de aprendizagem utilizando o Orkut no

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – Campus Passo Fundo” de autoria de Ricardo Santos Lokchin. Seu resumo demonstra que:

Historicamente os alunos apresentam dificuldades de compreensão da lógica de pensamento necessária à disciplina de Lógica e Linguagem de Programação e tal dificuldade exige um esforço ainda maior no estudo fora do ambiente escolar. Tomando por base que a aprendizagem envolve processos comunicacionais e coletivos, acredita-se que abrir espaços de interação entre os alunos, em horários diversos, pode, de alguma forma, agir sobre a dificuldade apresentada e, reconhecendo-se que fazem uso de ambientes digitais de comunicação, como é o caso das mídias sociais, esta pesquisa deseja verificar quais os desdobramentos de uma estratégia didática baseada na utilização do Orkut e como ela poderia qualificar o processo de aprendizagem na disciplina. O trabalho de campo foi realizado de 14/06/2010 a 11/07/2010 junto aos 24 alunos do Instituto Federal Sul Rio-Grandense - Campus Passo Fundo que ingressaram em 2010/1 e, para realizarmos a experiência de aprendizagem mediada por mídias sociais, utilizamos como fundamento os dez mandamentos da aprendizagem propostos por Juan Ignacio Pozo, na qual os professores poderiam basear suas intervenções. A dissertação teve a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Com a experiência verificamos que o Orkut pode ser utilizado como uma ferramenta de apoio na disciplina não somente num espaço curto de tempo, e sem a obrigatoriedade do aluno e professor acessar o ambiente a todo o momento (2010, p. 3).

O trabalho exposto aproxima-se da presente pesquisa, pois investiga a inserção de uma rede social no contexto de uma disciplina não-eletiva. Enquanto a dissertação de Lokchin objetivava verificar especificamente o poder do Orkut para aprendizagem dos alunos, esta almeja verificar as potencialidades e as limitações da apropriação do Facebook no processo de mobilização e interesse dos alunos para o ensino. O que resulta desta análise é que se pode utilizar uma rede social como ferramenta de apoio a determinada disciplina, porém deve-se ter o cuidado de não pressionar demasiadamente o aluno e tornar a rede uma obrigação, além de tentar usufruir do processo com mais espontaneidade, incentivando a criação e a motivação.

O segundo trabalho também se refere a uma dissertação de mestrado proveniente da mesma instituição do anterior e de autoria de Andressa Foresti, intitulada “Uma experiência de aprendizagem com a rede social *noosfero* no Ensino Fundamental do Instituto Estadual de Educação Borges do Canto de Palmeira das Missões/RS”, cujo resumo é o seguinte:

Este trabalho teve como principal objetivo refletir sobre a utilização da rede social *noosfero* na aprendizagem matemática de radicais da 8ª série do Ensino Fundamental do Instituto Estadual de Educação Borges do Canto de Palmeira das Missões/RS. Como problema de pesquisa teve a seguinte questão: Quais são os desdobramentos e implicações da utilização da rede social *noosfero* na aprendizagem matemática de radicais da 8ª série do Ensino Fundamental do Instituto

Estadual de Educação Borges do Canto de Palmeira das Missões/RS?. Para tal, apresenta uma revisão da literatura, dialogando com diversos autores de diferentes áreas, como a Educação e a Informática. Na área da educação, realizou uma recompilação da teoria de Freire, Papert e Siemens, propondo-se um conceito de aprendizagem na era digital como resultado das concepções desses três autores. Já no que se refere à informática, priorizaram-se as discussões em torno das redes sociais, que têm se apresentado como uma alternativa concreta de potencialização da aprendizagem na era digital. Para essa investigação, fez-se um estudo junto a 8ª série do Ensino Fundamental do Instituto Estadual de Educação Borges do Canto, da cidade de Palmeira das Missões/RS. A proposta metodológica consistiu em apresentar a rede social *noosfero* aos educandos, possibilitando-lhes postar suas dúvidas relacionadas ao conteúdo radicais. Assim, deveriam buscar a solução do problema através da interação e comunicação, trocando ideias e colaborando entre si, potencializando suas aprendizagens. Por se observar a manutenção da lógica de recepção e passividade, muitas vezes, detectada em sala de aula e também a não apropriação das tecnologias digitais de rede, não foi possível verificar elementos que denotassem os processos de aprendizagem com os recursos digitais como teoricamente se desenvolveram. Criou-se, então, um grupo na rede social Facebook, composto por colegas do mestrado e de estudo e pesquisa em inclusão digital, a fim de discutir a não apropriação das tecnologias com intenção pedagógica pelos sujeitos da pesquisa, e para auxiliar a responder o problema deste estudo. Com base nas categorias de análise de dados, extraídas da proposta de aprendizagem na era digital, resultantes das contribuições de Freire, Papert e Siemens, concluiu-se que tal se deve ao fato de que, em não estando o pesquisador inserido no mesmo meio dos sujeitos da pesquisa, ou seja, não sendo o professor da turma, a participação destes sujeitos fica comprometida. Além disso, a atividade proposta não teve um retorno a curto prazo, como, por exemplo, quando eles não são avaliados e quantificados. Acredita-se que com a participação do professor da turma e com um tempo maior de pesquisa empírica, o encaminhamento da experiência pode apresentar resultados diferentes dos obtidos. (2012, p. 6).

Diferente da dissertação de Lokchin, Andressa Foresti utiliza uma rede social desconhecida dos alunos para alcançar o seu objetivo, sendo que a mesma também não estava inserida no contexto dos educandos, ou seja, não era professora do grupo investigado. Assim, o que se evidenciou é que a proposta não teve uma boa aceitação e que a não inserção do professor titular da turma na atividade dificultou a interlocução entre os sujeitos. Para o presente trabalho, se estabelece o desafio frente às lacunas evidenciadas por Foresti, a fim de não cometê-las para não comprometer a eficácia da prática proposta.

O terceiro trabalho analisado é um artigo publicado por Robson Santos de Oliveira no III Encontro Nacional sobre Hipertexto em 2009 e possui como resumo

Relato de experiência com alunos e alunas de cursos superiores utilizando o ORKUT como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), integrando outros ambientes da Internet como modalidade de ensino tanto presencial quanto a distância, através dos recursos disponibilizados de FÓRUM, ENQUETES, EVENTOS e os links hipertextuais para BLOGS e YOUTUBE. É o retrato da emergência de um novo tipo de sujeito, chamado por Veen & Vrakking de “Homo zappiens” na era digital. (2009, p. 1).

De acordo com o autor, a utilização de uma rede social, no caso o Orkut, como um ambiente que pode propiciar o aprendizado favoreceu a interação entre os alunos e entre aluno-professor. Por mais que este artigo teve como prática o ensino superior, há uma aproximação com o presente trabalho, uma vez que ambos objetivam utilizar uma rede social não como um ambiente específico para a Educação a Distância (EAD), mas como uma extensão criativa às atividades presenciais.

Após a exposição dos principais conceitos da era digital (interação, interatividade, hipertexto e hipermídia), além da lógica envolvendo o ciberespaço, a virtualização da aprendizagem e as potencialidades advindas das redes sociais, em especial do Facebook, torna-se de fundamental importância explicitar quais os processos e procedimentos adotados para a realização deste trabalho. Dessa forma, o que se objetiva no capítulo a seguir é explorar a metodologia que rege e regulamenta a pesquisa, bem como os pressupostos que norteiam o trabalho prático utilizando a rede social Facebook.

4 METODOLOGIA: UM CAMINHO TRILHADO

Nos capítulos anteriores fez-se uma construção bibliográfica a partir de conceitos e premissas que envolvem diversos temas dentro da educação, entre eles cultura, aprendizagem, interação e motivação, e também no que toca a informática educativa, mais precisamente ciberespaço, hipertexto, hipermídia e redes sociais.

No sentido de observar estas teorias na prática, este capítulo tem o objetivo de apresentar a possibilidade de utilização da rede social Facebook em um contexto educacional. Para isso, dividiu-se a metodologia em etapas para um melhor entendimento e organização das fases do trabalho.

4.1 A pesquisa

Para alcançar o objetivo, que é verificar as potencialidades e as limitações do Facebook no processo de motivação dos alunos do 2º ano do ensino médio para o ensino da disciplina de História, optou-se por seguir a abordagem metodológica baseada nos princípios da pesquisa qualitativa, visto que esta se encontra interessada nas perspectivas e nas visões dos participantes, em suas práticas do dia-a-dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão, por exemplo, das redes sociais. O que se almeja na pesquisa qualitativa é também esmiuçar a forma como os educandos constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está simplesmente lhes acontecendo (FLICK, 2009).

Ao assumir a proposta qualitativa de pesquisa devem-se levar em consideração algumas características primordiais na execução e, posteriormente, na coleta, análise e inferência dos dados e informações. Assim, é importantíssimo conhecer o contexto em que a pesquisa será desenvolvida, visto que o ambiente interfere diretamente na coleta de dados. Da mesma forma, a abordagem feita pelo pesquisador deve ser minuciosa e descritiva, uma vez que deve narrar todos os gestos, as palavras e as ações registradas e coletadas para detalhar de forma precisa e confiável o que se está pesquisando (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que os procedimentos que conduzirão o estudo serão norteados pela utilização do método de pesquisa participante, no qual autores como Silva

(1986), Thiollent (1984) e Demo (1984) contribuem conceitualmente e metodologicamente para a ampliação do que se entende por esta prática.

De antemão, cabe esclarecer que enquanto muitos autores consideram a pesquisa participante como sinônimo de pesquisa-ação, Silva (1986, p. 47) as diferencia citando que a primeira concentra a participação principalmente no “[...] polo investigador e os grupos investigados permanecem com suas atividades rotineiras [...] e a pesquisa-ação é um procedimento voltado para a resolução de problemas com a participação dos investigadores e dos envolvidos com os problemas”.

Porém, o fato do pesquisador participar das situações observadas não é condição suficiente para se falar em pesquisa participante. Além desta participação, a pesquisa supõe uma inserção dos interessados na própria pesquisa organizada em torno de uma determinada ação, a qual deve ser sempre planejada (THIOLLENT, 1984).

Segundo Demo (1984, p. 104) o que preocupa na pesquisa participante é “[...] até que ponto é mais participação do que pesquisa e em que medida participação pode ser uma maneira de se descobrir a realidade e de a manipular”. Assim, no que se refere à intervenção, deve-se ter o máximo de cuidado para que o pesquisador não se torne um obstáculo quanto a iniciativa dos sujeitos da pesquisa, tornando-os completamente passivos à pesquisa. Enquanto isso, manter uma ausência demasiada durante o processo, pode ocasionar uma negligência dos investigados e até mesmo prejudicar o caráter científico da pesquisa.

Percebe-se diante disso, que a pesquisa participante assume um caráter dialético entre os dois modos de condução científica, exigindo que o pesquisador se mantenha sempre atento a todos os passos antes e durante a investigação.

Vindo ao encontro a este método e buscando pautar a postura do pesquisador no *locus* de pesquisa, tem-se a netnografia, tida como a adequação do método de investigação conhecido como etnografia para o estudo de práticas comunicacionais mediadas por computador. Para Montardo e Rocha, a netnografia é um “[...] método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia e, costuma-se dizer que a netnografia tem conhecido um crescimento considerado devido à complexidade das experiências da sociedade digital”. (2005, p.13).

Essa vertente metodológica começou a ser explorada a partir do surgimento de comunidades virtuais, no final dos anos de 1980. No Brasil, entretanto, ainda são poucos estudos voltados para essa questão, seja no que diz respeito à metodologia em si ou aos objetos analisados.

Kozinets, um dos grandes apoiadores desta vertente, afirma que:

The netnographic approach is adapted to help the researcher study not only forums, chats, and newsgroups but also blogs, audiovisual, photographic, and podcasting communities, virtual worlds, networked game players, mobile communities, and social networking sites (2010, p. 3).⁶

Nesta perspectiva, alguns autores afirmam que a netnografia pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia, fortalecendo-se como método justamente por sua falta de receita, ou seja, não é um método protocolar. Dessa forma, pode-se dizer que se refere a uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo amplamente adaptativa (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008).

Assim como a pesquisa participante, a netnografia também possui os seus pontos fortes e as suas desvantagens. A aplicação deste método consome menos tempo, não há necessidade de transcrição, visto que tudo está registrado, é menos dispendiosa, menos subjetiva e menos invasiva. Porém, se deve considerar que neste método o pesquisador é totalmente dependente da disponibilidade de tecnologia para a realização da pesquisa.

Na presente investigação, em que o foco se mantém no método de pesquisa participante a partir de uma abordagem netnográfica, vale ressaltar que a técnica que contribui para a sua realização é a observação, a qual além de ser uma das atividades mais rotineiras na vida diária, também pode ser um instrumento de pesquisa.

Assim, a observação torna-se uma técnica científica à medida que serve a um objetivo formulado de pesquisa, sendo sistematicamente planejada, registrada e ligada a proposições claramente definidas. Para Selltitz et al (1974, p. 225), além destas características a observação se torna uma técnica quando “[...] é submetida a verificações e controles de validade e precisão”.

Como forma de categorizar esta técnica, pode-se classificar uma observação como simples, na qual o pesquisador é apenas um espectador; como sistemática, em que o pesquisador elabora um plano de observação para alcançar os objetivos pretendidos; ou uma observação participante, onde o pesquisador assume, até certo ponto, o papel de um membro do grupo analisado (GIL, 1999).

Complementando o conceito desta técnica, Richardson (2012, p. 261) afirma que “o observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não

⁶ Tradução livre da citação: A abordagem netnográfica é adaptada para ajudar o pesquisador a estudar não apenas fóruns, chats e grupos de discussão, mas também blogs, audiovisuais, fotografias, comunidades de *podcasting*, mundos virtuais, jogadores de vídeo games em rede e sites de redes sociais.

participante”. Esta constatação se deve justamente pelo exposto anteriormente, ou seja, pela imersão do pesquisador no contexto e no grupo investigado.

Portanto, todas estas características auxiliam e favorecem positivamente o uso da observação participante como técnica de coleta de dados. Gil complementa afirmando que:

a) Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos. b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado. c) Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados. (1999, p. 114).

Todavia, não se pode esquecer que toda técnica possui pontos negativos que devem ser sempre considerados pelo pesquisador como a desconfiança, o medo e a limitação na qualidade das informações obtidas, uma vez que o investigador estará muito “perto” do investigado. Além disso, o fato da inserção do pesquisador pode torná-lo um grande apoiador do grupo ou da situação estudada, interferindo diretamente nos dados coletados e analisados.

Para agregar aos pontos que merecem atenção, a pergunta que deve sempre inquietar o pesquisador é: o que observar? Muitas vezes há tanta informação no campo que se pode perder ou esquecer-se de descrever algo importantíssimo que ocorreu. Assim, alguns pontos não podem ser negligenciados durante a observação como os participantes, a situação, o objetivo, o comportamento social e a frequência e duração. Ao se referir aos participantes se quer dizer que o contexto onde os mesmos se inserem e interagem merece atenção, bem como o comportamento destes durante todo o processo. Além disso, os objetivos da observação devem constantemente ser revisados para o melhor acompanhamento dos investigados antes, durante e após as práticas. Por fim, não se pode deixar de observar a temporalidade, a intensidade e a resposta dos alunos aos estímulos dados durante a investigação (SELLTIZ et al, 1974).

Como o problema da pesquisa abrange mais do que observar e coletar dados, irá se valer também de outros instrumentos e técnicas de pesquisa como questionários e entrevistas. No que diz respeito ao questionário, sabe-se que este possui duas funções: “[...] descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social.” (RICHARDSON; PERES, 2012, p. 189).

Para a construção do questionário considerou-se o uso de perguntas fechadas e abertas, sendo que o primeiro tipo apresenta categorias ou alternativas de respostas fixas e

preestabelecidas, em que o entrevistado é responsável por responder a alternativa que mais se ajusta às suas características ou ideias. Já as perguntas abertas caracterizam-se por remeter o entrevistado a responder com frases ou orações, exigindo uma maior elaboração das opiniões do sujeito, visto que desta maneira os participantes respondem com mais liberdade, sem restrições a assinalar uma ou duas alternativas.

Quanto à entrevista, Richardson e Peres (2012, p. 207) alegam que este instrumento é “[...] uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada como a informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B”. Para tanto, se fará o uso de entrevistas não estruturadas, uma vez que por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter as informações necessárias para a pesquisa (RICHARSON; PERES, 2012).

Como haverá mais de uma técnica de coleta de dados, surge, então, a necessidade de utilizar a técnica da triangulação para comparar e inferir sobre os resultados obtidos tanto com os questionários, como nas entrevistas e nas observações. Para Yin, a triangulação possui um grande valor para a pesquisa, visto que se baseia “[...] na convergência de informações oriundas de fontes diferentes, e não de dados quantitativos nem qualitativos em separado”. (2001, p. 120).

Diante do exposto, se almeja analisar os atores envolvidos em toda a prática e detalhar a pesquisa empírica, a partir dos itens que se apresentam na sequência.

4.2 Os envolvidos

O referido trabalho utilizando o Facebook será realizado no Colégio Salvatoriano Bom Conselho no município de Passo Fundo/RS. A instituição foi fundada em 1950 inicialmente como uma escola doméstica exclusiva para mulheres e com foco especial para o Curso Normal, preparando as alunas para o exercício do magistério. Posteriormente, com a ascensão da área de abrangência e as transformações exigidas pela sociedade, a escola foi se adaptando e oferecendo outros cursos e novas possibilidades de ensino, como educação infantil, ensino fundamental e médio e o turno inverso. Assim, atualmente, a escola conta com 795 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino.

A escolha desta escola como foco de estudo deu-se em virtude da presença do pesquisador como professor na instituição desde 2008 e por abranger a prática de sala de aula

nesta instituição desde o início da sua atuação. Dessa forma, os sujeitos investigados serão 35 discentes do 2º ano do ensino médio de 2013, os quais já foram alunos do pesquisador por dois anos consecutivos. A escolha pelo professor de História como agente intercessor do processo se deve através da saída do pesquisador da sala de aula para assumir o cargo de coordenador pedagógico, a proximidade pessoal existente entre o investigador e o docente e a já familiarização deste último com as redes sociais.

O trabalho de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo (ANEXO A) e realizado no primeiro semestre letivo do ano de 2013, iniciando no mês de fevereiro, com duração de cinco meses. A Tabela 6 destaca as datas mais importantes na execução da pesquisa empírica.

Tabela 6 – Datas importantes do trabalho em 2013

Data	Objetivo
28/02	Qualificação da dissertação.
01/03	Início dos ajustes propostos pela banca.
04/03	Entrevista com o professor.
04/03	Explicação do trabalho para os alunos e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
11/03	Recolhimento do Termo.
02/04	Aplicação do questionário aos alunos.
09/04	Início do trabalho prático com os alunos.
30/06	Término do trabalho prático com os alunos.
08/07	Aplicação do questionário aos alunos.
13/07	Entrevista com o professor.
13/07	Tabulação e análise dos dados obtidos.
23/08	Apresentação e defesa da dissertação.

Fonte: Primária.

Conforme exposto na Tabela 6, após a banca de qualificação e pelos ajustes propostos, foi feita a explanação do cronograma do trabalho de pesquisa junto à direção do Colégio Salvatoriano Bom Conselho, a fim de reiterá-la sobre o assunto, pois a mesma já está ciente e autorizou a sua execução (ANEXO B).

Após o aval da direção, fez-se uma exposição para os alunos do 2º ano do ensino médio sobre o trabalho a ser desenvolvido, a sua importância e o papel a ser desempenhado pelos envolvidos. Após, foi realizada a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO C) para que os pais ou responsáveis também estivessem cientes do trabalho e aprovassem a participação dos filhos. Somente após a entrega do TCLE

assinado, foi feita a aplicação dos questionários (ANEXO D⁷) para os alunos, a fim de investigar o contexto dos discentes e a sua visão em relação ao assunto investigado. Do total de 41 alunos matriculados nesta série, 27 entregaram o TCLE e participaram da pesquisa.

Concluída esta fase, foi realizada a entrevista não estruturada (ANEXO E) com o professor. Esta entrevista objetivou verificar o que o professor esperava antes da execução do trabalho, seus anseios e a sua visão frente a rede social Facebook. Além disso, nesta entrevista também foi solicitado que o professor sugerisse ações pedagógicas e possíveis apropriações da rede junto aos conteúdos que foram sendo abordados no período.

Com o TCLE, os questionários aplicados e a entrevista realizada, deu-se início às atividades práticas envolvendo o Facebook.

4.3 Análise da pesquisa

Para auxiliar a compreensão do processo que envolve o trabalho prático, algumas categorias de análise foram criadas a partir da proposta de cultura da aprendizagem, ciberespaço e motivação, resultado das contribuições de Bruner, Pozo, Lévy, Recuero e Phillips et al. (Figura 3).

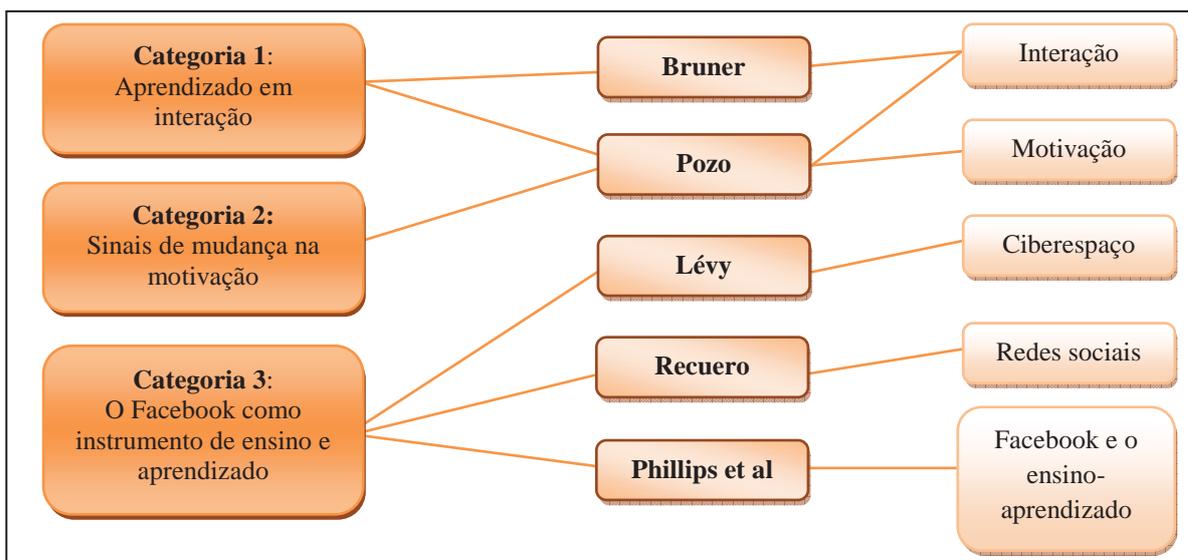


Figura 3: Relações teóricas entre as categorias

Fonte: Primária.

⁷ Os questionários serão desenvolvidos e aplicados aos alunos através da plataforma Google Drive - Formulário.

Com o objetivo de explicitar as relações teóricas entre as categorias, a Tabela 7 expõe os pontos chaves de cada uma e o que se almeja em cada item, lembrando que outros elementos podem surgir no decorrer do trabalho.

Tabela 7 – Categorias de análise

Categoria	Elemento	Objetivos e premissas de classificação das informações coletadas
Categoria 1	Aprendizado em interação	Verificar se a rede social possibilita e potencializa a interação entre os usuários/estudantes. Verificar se houve mudança na autonomia dos sujeitos. Verificar o grau de interação entre os envolvidos na rede.
Categoria 2	Sinais de mudança na motivação	Analisar se houve mudança na motivação do professor e dos estudantes após a inserção do Facebook no processo de ensino. Analisar se a participação dos usuários se manteve do início ao fim do trabalho.
Categoria 3	O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado	Observar se a inserção de uma rede social no processo de ensino é verdadeiramente positiva. Observar se o Facebook oferece subsídios didáticos e pedagógicos suficientes para a inserção do mesmo como metodologia ativa na escola. Observar a reação dos usuários quando estes se apropriam do Facebook também como um meio de estudo.

Fonte: Primária.

Desse modo, após a conclusão de todas as etapas práticas do trabalho, se objetiva averiguar se os pontos elencados anteriormente foram observados e registrados durante o processo. A análise de toda a conjuntura fará com que se tenha no final do trabalho, uma resposta para a problemática da pesquisa e um olhar diferente frente ao Facebook e a sua inserção no contexto educacional.

5 RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA

Como referido no capítulo metodológico, a presente pesquisa é permeada pelos conceitos de cultura, interação e motivação. Nessa perspectiva, após o trabalho prático desenvolvido com os 27 alunos do Colégio Salvatoriano Bom Conselho, durante o período de 09/04 a 30/06, juntamente com o professor de História, tem-se um arcabouço de ideias, percepções, informações e dados analisados, discutidos e inferidos neste capítulo.

Para organizar o processo e ainda trazer inferências precisas sobre o trabalho, as categorias de análise expostas anteriormente conduzem à análise dos dados coletados, bem como norteiam suas considerações.

5.1 Relato geral do processo de coleta de dados

De acordo com a metodologia já explicitada, um dos passos realizados em março de 2013 foi a entrevista com o professor, responsável pela disciplina de História no Colégio. O professor possui 29 anos de idade e é membro de várias redes sociais na internet e, quando da entrevista, manifestou que acredita⁸ que a pesquisa apresentaria “bons resultados, porque toda vez que a gente traz uma coisa nova pra eles, eles se interessam, ainda mais uma coisa relacionada ao dia a dia deles, ao que eles estão acostumados a fazer”. Já na fala inicial do professor percebe-se que acredita no potencial da pesquisa e está motivado para tanto, além de que para o docente “atrelar isso ao trabalho de sala de aula eu acho que não tem como dar errado”.

A afirmação feita pelo professor quanto à inserção dos alunos no contexto do trabalho, ou seja, em alguma rede social, comprova-se quando eles responderam⁹ o questionário inicial no dia 02 de abril. Todos os alunos são membros do Facebook e alguns de outras redes como o *twitter*. Porém, questionados quanto à utilização de alguma rede social da internet para estudar, foi evidenciado que a maioria (67%) não utiliza a rede para este fim. Ao avançar e indagar se as redes sociais podem potencializar o aprendizado escolar, constatou-se que 26% dos alunos não acreditam nisso, 30% não sabem e 44% creem neste potencial.

⁸ O áudio das duas entrevistas realizadas com o professor encontra-se com o pesquisador e podem ser solicitadas para consulta.

⁹ Todas as respostas obtidas nos questionários encontram-se no Anexo H e I.

Com base nestes dados é possível inferir que, embora seja indiscutível o poder das redes e a sua disseminação pela sociedade, um dos limitadores do seu uso no contexto educacional pode ser a descrença em que é possível utilizá-la para estudar, para aprender. Mais evidente fica esta interpretação ao serem ponderados os comentários daqueles que não veem a parceria entre, por exemplo, o Facebook e a educação. Dos 7 alunos que não acreditam, 6 elencam que a distração é um dos motivos que os atrapalharia na hora de estudar utilizando os recursos da rede. Alguns ainda esclarecem que o bate-papo seria o meio que mais tiraria a sua concentração.

Por outro lado, dos 12 alunos que acreditam no potencial das redes sociais na educação, metade respondeu, por exemplo, que elas poderiam, de alguma forma, ajudar a interação em sala de aula. Para o aluno 17a¹⁰ ajudariam “[...] a melhorar o relacionamento entre aluno e professor”; para o 21a a “[...] comunicação entre professores e alunos”; e para o 6a, a “Interação entre professores e alunos para tirar dúvidas”. Já aluno 22a escreveu:

Se, por exemplo, o professor encaminha um dever de casa na terça-feira, o qual deve ser entregue na próxima semana, é quase certo que até o final da semana mais da metade da turma já se esqueceu do dever, se houvesse um grupo da turma no Facebook, por exemplo, o professor ou algum aluno poderia lembrar os outros do dever antes que esteja em cima da hora. Também seria ótimo, pois faríamos atividades fora da rotina, o que ajudaria no interesse e participação dos alunos. (Aluno 22a, 2013).

As reflexões teóricas realizadas no capítulo 4 apontam para o potencial das redes sociais para a educação, mas ao analisar toda a conjuntura das interações e das tarefas desenvolvidas na rede, pode-se ter uma noção mais clara das potencialidades, assim como das limitações vividas e experienciadas no processo de ensino mediado pelo Facebook.

Conforme sistematizado no Anexo J¹¹, a primeira tarefa consistia na criação de um grupo fechado no Facebook para o desenvolvimento do trabalho e inserção dos alunos. O que se verificou foi que, após a criação do grupo, o professor levou 16 dias para convidar todos os alunos e fazer o seu primeiro comentário na rede. Como a questão temporal foi levada em

¹⁰ Utilizou-se como código para identificar os alunos a seguinte metodologia: O número que antecede a sigla representa a ordem das respostas em cada questionário. A letra (a, b) que acompanha o número representa o questionário aplicado: a - respostas do primeiro questionário, b - respostas do segundo questionário. Optou-se em não utilizar a referência Aluno1 e Aluno2, pois como foram aplicados dois questionários, a ordem que as respostas aparecem não representam necessariamente a ordem dos alunos.

¹¹ No Anexo J há uma explicação de todas as tarefas planejadas e seus objetivos, a intersecção com as teorias e as observações feitas durante a execução do trabalho.

conta na avaliação, percebeu-se a demora entre a criação e a efetivação prática da primeira tarefa, tempo que, posteriormente, fez falta no andamento e na conclusão da atividade.

Mesmo já tendo em mãos um questionário sobre a visão dos alunos sobre o Facebook e a educação, a segunda tarefa do professor era criar uma enquete utilizando a ferramenta “Perguntar”. Esta tarefa foi executada no dia posterior à primeira e, do total de 31 membros, 25 visualizaram a pergunta e 19 a responderam (Figura 4). Analisando as respostas, observa-se que a maioria (89%) acredita que o Facebook é um recurso pedagógico muito bom, reforçando o que foi dito no questionário aplicado em abril.



Figura 4: Respostas do questionário criado pelo professor.

Fonte: Grupo do Facebook – História na rede BC.

A tarefa de número três foi desenvolvida inicialmente no dia 30 de abril, sendo que o professor, ao utilizar a ferramenta Eventos, deixou marcada a prova trimestral da disciplina. No decorrer de todo o trabalho, foram criados outros cinco eventos, informando sobre a prova, a criação dos memes¹² e a data final para as tarefas. A sistemática dos eventos funciona da seguinte forma: os membros do grupo recebem o convite do evento e devem informar se irão “participar”, “talvez” ou “recusar”. O que ocorreu em todos os eventos foi que os alunos viram a informação, porém poucos (média de 8,5 alunos) confirmaram a sua participação. Pode-se inferir diante desta realidade que esta ferramenta do Facebook pode ser utilizada para ajudar a organizar ou lembrar datas e eventos, porém a mesma não apresentou a legitimidade ou a correta interpretação quanto à aceitação ou participação de uma pessoa em determinada ocasião ou acontecimento. Outra inferência é a de que o professor não deixou como meta aos

¹² Segundo a Wikipédia, “[...] o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma.” Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme> >. Acesso em: 05 dez. 2012.

alunos também inserirem ou trazerem para dentro do grupo outros eventos alusivos a disciplinas ou a particularidades daqueles integrantes, fato que agregaria maior autonomia aos alunos e maior movimentação dentro da rede.

A quarta tarefa que diz respeito à publicação e difusão de informações e conteúdos na rede foi iniciada também em 30 de abril, porém ganhou mais atenção do grupo a partir da participação efetiva dos alunos em 22 de maio. Nesta atividade foi solicitado que os alunos buscassem reportagens sobre o trabalho escravo no Brasil dos dias atuais¹³, que postassem no grupo, comentassem e interagissem uns com os outros. Observou-se que 10 alunos publicaram reportagens sobre o assunto na rede, enquanto outros comentaram e curtiam as publicações. Do total de 31 membros, houve uma média de 22 visualizações por notícia. Para instigar os alunos, o professor teve que relembrar a tarefa e também curtir e comentar as reportagens. Das tarefas desenvolvidas até aqui, notou-se que esta teve um maior envolvimento e participação dos alunos, houve também uma interação maior e uma troca de informações, de opiniões e de conhecimento, visto que os alunos foram instigados várias vezes a cumprirem a tarefa, que denotou análise e criticidade nos comentários.

Após o desenvolvimento desta tarefa, iniciou-se a criação e publicação de memes. Esta atividade foi passada pelo professor no dia 5 de junho, inclusive com um exemplo criado pelo docente. O objetivo de instigar o trabalho com os memes se deve primeiramente à ideia de criação, uma vez que a criatividade se faz necessária para a execução desta tarefa. Além disso, ao inserir os memes no contexto de um conteúdo, no caso as características da Revolução Industrial, o aluno interioriza os conceitos e as especificidades vistas e trabalhadas em sala de aula. A primeira postagem de aluno ocorreu um dia após o seu início. Além do meme do professor, foram criados outros cinco, os quais obtiveram uma média de 24 visualizações e 6 curtidas. Observou-se que os primeiros memes publicados tiveram um maior número de interações¹⁴, apesar de nenhum deles possuir comentário dos colegas. Por tratar-se de uma atividade mais difícil, visto que envolvia criação, imaginava-se que teria poucas publicações, porém a baixa interação entre os colegas nesta atividade demonstrou certo afastamento ou desinteresse pela atividade ou até mesmo pelo grupo.

A sexta tarefa compreendia disponibilizar material extra para consulta dos alunos, como livros, artigos, vídeos. Nesta atividade o professor postou uma charge com um vídeo¹⁵,

¹³ Os conteúdos trabalhados neste período na disciplina de História são: Trabalho escravo e Revolução Industrial.

¹⁴ Entende-se por interação no Facebook: comentários, curtidas e compartilhamentos de postagens.

¹⁵ A charge está disponível em: <https://fbcdn-sphotos-d-a.akamaihd.net/hphotos-ak-ash4/374976_452989304785441_1756025592_n.jpg>. E o link disponibilizado aos alunos: <<http://ruifalcao.com.br/rui-falcao/>>.

sendo que, do total de alunos, quatro curtiram o material e não houve nenhum comentário a respeito. Consta-se que enquanto o professor não fez maiores movimentos no intuito de disponibilizar algo extra aos alunos, eles também não reagiram de forma a comentar ou curtir o único material disposto para consulta.

Vindo ao encontro desta última tarefa, a próxima instigava a utilização de aplicativos disponíveis no Facebook, como o *Slideshare*¹⁶. A similaridade desta com a anterior se deve ao fato de que em ambas o professor disponibilizava material. Porém a diferença se dá no tipo de arquivo disponibilizado, ou seja, eram *slides on-line* que foram trabalhados em sala de aula e que serviram como forma de revisão do conteúdo para uma prova, por exemplo. O professor postou um total de cinco arquivos de *slides* utilizados em sala de aula, sendo que quatro deles através do *Slideshare*. Houve uma média de 23 visualizações, 3 curtidas por publicação e apenas 1 aluno realizou um comentário. Ao analisar o número de visualizações do arquivo na rede, ou seja, no *site* público da *Slideshare*, constata-se que atingiu um número muito maior de pessoas, com uma média de 55 visualizações. Percebe-se que enquanto um material fica restrito a um grupo fechado do Facebook, não atinge a todos e nem sempre é compartilhado. Todavia, quando um material é disponibilizado na rede pública, ganha visibilidade e notoriedade que, muitas vezes, não é levada em consideração no contexto anterior.

A tarefa número 8, que pretendia instigar os alunos a buscarem jogos vinculados à disciplina de História, não foi realizada. A tarefa número 9 também não foi concretizada e visava fazer com que os alunos buscassem personalidades públicas no Facebook para uma entrevista ou um questionário *online*. Nesta mesma linha, a última tarefa idealizada, mas não efetivada, número 10, era utilizar juntamente com os alunos outros aplicativos disponíveis no Facebook, como o Docs¹⁷. O motivo real que explica a não realização destas três tarefas não ficou explícita até aqui, porém isso foi questionado ao professor na última entrevista realizada, a qual será discutida mais adiante.

Ponderando sobre o fato da não realização de três tarefas e o tempo despendido da última postagem (19 de junho) até o término do trabalho prático em 30 de junho, nota-se que havia um período hábil para a realização de, pelo menos, uma das últimas tarefas idealizadas. De qualquer forma, em nenhum momento da pesquisa foi indagado ao professor sobre a forma que estava conduzindo a experiência, tão pouco lhe era cobrado resultados, ou seja, quantidade de publicações, compartilhamentos ou interações, visto que este dado foi

¹⁶ *Slideshare* é um site e um aplicativo onde os usuários podem criar, fazer *upload* e *download* de arquivos de textos, planilhas e apresentações.

¹⁷ O aplicativo Docs faz com que vários computadores conectados possam acessar o mesmo arquivo de texto, editá-lo e compartilhá-lo.

importante para a concretização de uma das categorias de análise. Esta opção de não interferência direta e incisiva durante o trabalho foi tomada para que o pesquisador não conduzisse e regresse muito o grupo, visto que poderia mascarar os resultados ou não evidenciar a realidade.

Para observar algumas lacunas existentes em todo o trabalho desenvolvido no grupo do Facebook e ainda analisar as potencialidades demonstradas durante os meses em que se realizou a parte prática da pesquisa, foi aplicado, dia 08 de julho, o segundo e último questionário (ANEXO F) com os alunos participantes da pesquisa.

De todas as atividades desenvolvidas no grupo, 12 alunos responderam que criar e divulgar os memes sobre a Revolução Industrial (tarefa 5) foi o que mais chamou a sua atenção e de mais interessante entre as atividades desenvolvidas no Facebook. Para outros 9 alunos a parte mais atraente ou significativa foi aquela em que disponibilizaram reportagens sobre o trabalho escravo no Brasil (tarefa 4). Houve apenas um aluno que respondeu que os *slides* deixados pelo professor foram interessantes, pois serviram como base para o estudo antes da prova e 4 alunos responderam que todas as atividades foram proveitosas. Nota-se que, apesar da atividade dos memes possuir apenas 5 criações e uma média de curtidas baixa em relação ao número de integrantes do grupo, grande parte dos alunos gostou dela. Segundo o aluno 11b, “[...] envolve criatividade e conhecimento”; o 17b justifica que “[...] de forma criativa conseguimos expressar o conteúdo aprendido na aula”. O aluno 18b afirmou que “o trabalho das tiras com os memes sobre a revolução industrial, misturou o útil ao agradável, lembrei disso durante a prova, fez com que eu lembrasse na hora da prova o conteúdo.”

Na visão de 9 alunos outras redes sociais não teriam a expressividade e os recursos que o Facebook disponibiliza para interação. Já outros 11 responderam que o *twitter*, os blogs, o Google+ e o Instagram também poderiam servir para práticas, aliando redes sociais e o ensino. É interessante observar aqui que, após esta experiência, abriram-se perspectivas aos alunos para utilização e prática para outros ambientes virtuais.

Além de opinarem sobre a utilização de diferentes redes sociais no contexto educacional, indagou-se sobre a visão quanto à apropriação do Facebook em outras disciplinas. Assim, houve quatro respostas negativas afirmando que o Facebook definitivamente não serve ou não deve ser utilizado para fins educativos. Para o aluno 11b, “[...] a rede social é um meio de diversão que o aluno não quer que entre a escola neste”, e o 21b diz: “[...] não consigo me concentrar estudando pelo Facebook, sabendo dos atrativos que este possui”. Contrariando estas respostas negativas, 14 alunos responderam que todas as disciplinas poderiam valer-se das potencialidades do Facebook para o ensino. O aluno 12b

justificou que “é uma forma a mais de aprendizado [...]”; para o 14b “[...] é uma maneira mais fácil de professores e alunos se comunicarem [...]”; e o aluno 23b afirma que “[...] pode ser usado por todas as disciplinas para fornecer exercícios, esclarecer dúvidas, aproximar professor e aluno contribuindo para o aprendizado”. O que chamou atenção foram as respostas de 4 alunos, para os quais apenas as disciplinas de humanas e linguagens são mais apropriadas para o Facebook, pois para o aluno 12b as ciências exatas e a matemática “[...] precisam de tentativas e desenvolvimento dos cálculos”; para o 24b “[...] precisamos de aulas práticas” e, por isso, o 10b afirma que “disciplinas que utilizam mais da intertextualidade como Artes e Literatura conseguem se associar mais facilmente com redes sociais”.

Questionados sobre os pontos negativos do trabalho prático, várias foram as questões levantadas e que devem ser levadas em consideração para próximos e futuros trabalhos a respeito. O aluno 1b afirmou que “algumas pessoas não participam” e esta foi uma realidade evidenciada. Porém, não se pode afirmar com clareza que esta falta de participação se deve ao fato de trabalhar-se com um ambiente virtual, pois mesmo em uma sala de aula há vários alunos que participam, enquanto muitos não estão nem sabendo o que está se passando naquele período.

Um dos pontos mais críticos levantados após a utilização do Facebook como prática pedagógica é a questão da distração. Foram 15 alunos que levantaram este ponto como sendo decisivo na efetivação de uma proposta eficaz. Algumas falas são interessantes, como a do aluno 4b: “A pessoa se distrai muito fácil do foco, pois pode estar na página da disciplina e quando aparece uma atualização a pessoa abre e perde a atenção”; a do aluno 10b que afirmou: “Os diversos atrativos que o Facebook possui como jogos, bate-papos e aplicativos que nos mantêm distraídos quando deveríamos nos concentrar em um trabalho escolar”; o aluno 21b assegurou que “o principal fato é a falta de concentração que gera, por mais que o computador seja um meio importante, o Facebook é um meio de comunicação e diversão, que distrai muito”; e o aluno 23b que escreveu que “O Facebook abre muitas janelas ao estudante, e assim ele pode se desviar do objetivo final. O aluno pode se envolver em conversas, postagens e deixar de lado os assuntos referente a disciplina...”.

A partir das falas deste grupo de alunos pode-se fazer um contraponto ao que Veen e Vrakking afirmam, pois, segundo eles,

[...] as crianças de hoje precisam ter a capacidade de lidar com imensas quantidades de informação, com a capacidade de procurar e selecionar rapidamente o que precisam. Se não for assim, elas correm o risco de ficar sobrecarregadas e de não ter tempo para ir até o detalhe de buscar informações, que devem primeiramente ser estudadas e refletidas em maior profundidade. (2009, p. 54).

Percebe-se, assim, que há um anseio dos alunos pelo novo, pela atividade diferente, pela utilização, por exemplo, de uma rede social no contexto da escola. Porém, fica claro que quando há um contingente muito grande de informações, de solicitações e de aspirações, muitos jovens se perdem e acabam desviando o foco de uma das suas atividades, sendo que geralmente aquela que lembra o contexto escolar é deixada em segundo plano.

Apesar desta dificuldade encontrada, acredita-se no poder e potencial deste tipo de atividade, visto que em vários outros ambientes, como sala de aula, biblioteca, quarto, escritório, há atrações, movimentos ou atividades que podem tirar a nossa atenção, ou fazem com que o foco da nossa ação seja desviado, por um pequeno ou grande espaço de tempo, dependendo da intensidade, forma e quantidade de informação. Assim, pode-se fazer um contraponto a esta questão, visto que a abundância de dados em qualquer ambiente, seja virtual ou não, é fato e é crescente, cabendo ao indivíduo a ponderação e a avaliação cuidadosa daquilo que é realmente válido, interessante ou necessário.

Para fechar a avaliação da prática envolvendo o Facebook, entrevistou-se (ANEXO G) o professor no dia 13/07 para que realizasse ponderações e considerações sobre o trabalho. Na sua opinião, a tarefa número 4 foi a que mais motivou os alunos, pois eles tiveram que procurar reportagens e comentá-las. Por tratar-se de um tema polêmico, trabalho escravo nos dias atuais, segundo o professor “[...] eles se sentiram muito responsáveis em ir atrás disso.” Na sua visão, esta motivação fica aparente, pois “eles fizeram comentários bem consistentes e isso não ficou só no universo virtual, eles trouxeram isso muito para dentro da sala de aula, eles comentaram a quantidade de casos, a situação”. Nota-se, com a fala do professor, a potencialidade com que um trabalho extraclasse virtual chega até a sala de aula convencional, modificando-a e a transformando em um ambiente integrador e contextualizado. Além disso, a quantidade de alunos participantes da atividade é um fator que também demonstra o interesse e a motivação pela tarefa, ainda mais que dos 27 alunos com TCLE, mais dois outros colegas da turma foram convidados para o grupo, mesmo sem a entrega do termo. Por tratar-se de um ambiente virtual, esta ação é muito comum e típica das redes, uma vez que se caracterizam por agregarem membros e difundirem informações entre eles.

Na visão do professor, a interação entre os alunos em sala de aula não sofreu interferência, porém ele acredita que “a gente saiu de um universo de relação de sala de aula e a gente partiu para um universo mais amplo, a gente aumentou as nossas relações”. Percebe-se que por mais que não se tenha uma mudança nítida e declarada em sala, certamente estas novas relações que o professor comenta irão refletir no contexto das aulas, visto que em ambos os casos o docente é o mesmo e a disciplina também.

Com base nestas últimas afirmações, pode-se inferir sobre interação e relação, ou seja, para o professor as interações em sala de aula não aumentaram com o uso do Facebook, porém as relações entre os envolvidos melhorou. Uma das formas de ampliar a interação no contexto educacional poderia ser a retomada dos conceitos discutidos na rede social na própria sala de aula, pois discutir o virtual na sala poderia agregar mais conteúdo e mais possibilidades para o trabalho.

Para o professor, apesar das potencialidades e de todo o lado positivo evidenciado e vivido no grupo, alguns pontos falhos podem ser elencados para observação e análise, como quando ele afirma: “Teve momentos que eu me senti meio perdido, quais eram os meus limites, as minhas possibilidades, claro que eu me sentia muito livre, mas às vezes eu ficava assim será que pode, será que não pode”. Esta questão da não interferência do pesquisador durante o trabalho, ou seja, não dar um guia, ou então, não intervir no andamento do processo com dicas, sugestões ou críticas estava nos planos da pesquisa, pois se objetivava interceder o mínimo possível na autonomia do professor e em todos os passos dados por ele, observando de que forma conduziria o trabalho e quais as saídas elencadas para problemas ou possíveis erros vivenciados.

Um ponto que o professor levanta como motivo para o não envolvimento de todos no grupo do Facebook é o fato de não ser uma atividade formal do Colégio, ou seja, não era uma obrigação e não valia nota. Muitos dos resultados, como participação e compromisso, não foram evidenciados na sua avaliação. Uma sugestão do professor é que também seja desenvolvido “um trabalho mais interdisciplinar, de repente fazer uma página não só da disciplina de História, mas da área de humanas, porque tem várias coisas que eu ouço que os professores poderiam aproveitar um do outro”.

Outro ponto que o professor levanta como negativo é a não inserção de todos os alunos da turma no grupo. Ele entende que

[...] aqueles que não estavam no grupo, acabaram se sentindo excluídos, eu não faço parte, e acho que contribuiu um pouco para o sentimento de pertencimento, de identidade do grupo do 2º ano. Os alunos falavam “ah, por que disponibilizou os slides para o grupo e os outros?” Dai acabei colocando na minha linha de tempo. Porque eles também tinham os anseios de participar do grupo, e havia discussões e essas discussões acabavam sendo levadas para sala de aula e eles acabavam sendo excluídos. (2013).

Apesar de toda a turma ser convidada a participar do trabalho, apenas 27 alunos trouxeram o TCLE. Verificou-se, porém, que ao fechar o grupo no dia 30 de junho, ele já estava com 2 alunos inscritos além dos que tinham sido autorizados, ou seja, este anseio por participar, mesmo sem a autorização formal, fez com que um colega chamasse ou convidasse o outro a integrar-se no sistema.

Quando indagado sobre a relação entre o Facebook, as atividades desenvolvidas e a aprendizagem, o professor respondeu: “Eu acho que reforçou algumas coisas que foram trabalhadas em sala, pelo fato das relações que eles fizeram. As relações que eles fizeram com as reportagens do dia de hoje e a situação do trabalho na revolução industrial. Essa relação beneficiou a aprendizagem”. Por mais que os temas trabalhados em sala tenham sido os mesmos dos trabalhados no Facebook, o trabalho na rede disponibilizou novas atividades e tarefas daquelas realizadas em aula, assim esta ferramenta tinha a potencialidade de não sobrepor atividades e não disponibilizar ao professor um retrabalho docente.

Ao investigar o não cumprimento das 10 tarefas solicitadas, o professor argumentou afirmando: “Teve momentos que eu estava com muito trabalho, muitas provas para corrigir e eu tentava sempre atender. [...] Eu sei que ficou algumas sem fazer, ali na finaleira eu tentei selecionar aquelas que seriam mais favoráveis e tentei selecionar e projetar aquelas”. Assim, indagado sobre a solução para isso, o professor respondeu: “Se de repente eu tivesse um tempo exclusivo para isso, um tempo a mais para isso, eu acho que seria mais vantajoso, seria melhor”. Percebe-se que, ao tentar aliar novas metodologias, novas técnicas, novas ferramentas ao contexto escolar, pode-se cair no problema da falta de tempo, de planejamento e execução que a maioria dos professores sofre ao se inserirem em situações diferentes do seu cotidiano.

A metodologia proposta dava ao professor controle total do grupo, porém também deixava o aluno assumir o papel de autônomo no processo. Porém, esta última parte não ficou clara para os alunos, uma vez que eles ficaram totalmente à mercê das decisões e das tarefas disponibilizadas pelo professor. Percebe-se aí que não adianta o professor querer transferir para outro ambiente as mesmas ações realizadas no contexto escolar.

Indagado neste sentido sobre a ampliação destes grupos para outras turmas do Colégio, o professor respondeu: “[...] Não daria conta. Se eu tivesse uma página no Facebook com cada turma que eu tenho e eu tivesse que fazer a renovação eu não daria conta, eu acho que seria muito pesado”. Uma saída para isso seria criar páginas ou grupos interdisciplinares ou escolher algumas turmas para tanto, desonerando o professor de mais trabalho ou de mais uma tarefa a ser executada extraclasse. No entanto, se o professor fizesse diferente, ou seja, criasse uma página para cada turma, por exemplo, mas deixasse os alunos autônomos, livres para expressar as suas ações e atividades sem qualquer supervisão rígida, hierárquica e supervisora, haveria talvez muito mais chances de sucesso.

Finalmente, ao questionar sobre possíveis ou novas inserções do Facebook no contexto educacional, o professor respondeu que as redes sociais

[...] tem um papel muito importante, porque uma das maiores dificuldades que o professor encontra hoje é a desconexão entre o professor e o aluno, às vezes é uma desconexão muito grande, e tu entrar um pouco no universo deles, invadir esse universo deles com intenções boas ou com a intenção de trazer eles para o conteúdo, eu acho muito válido e funciona muito bem. Eles têm um respeito maior para quem caminha no espaço deles, eu vejo muito isso nas minhas relações com eles, eles confiam muito em mim. Pra mim resgatar para o meu lado, para o meu conteúdo, eu preciso saber como eles pensam, eu preciso ter uma noção de como é que eles pensam, o que eles gostam de fazer, o que eles fazem. Eu senti que essa atividade deu uma proximidade maior. (2013).

Observa-se, nesta última fala, que o professor acredita fielmente no poder que tem a aproximação entre aluno e professor e dos resultados que esta interação pode produzir no campo do ensino e da aprendizagem. Diante disso, torna-se impossível separar o contexto social do educacional, pois do ponto de vista do professor, a ligação que este mantém com o aprendiz, seja utilizando uma rede social na internet ou não, é responsável por uma cadeia de relações que antecedem, predisõem e motivam a aprendizagem. Com base nesta afirmação e nas outras citadas anteriormente, além das respostas dos alunos e da prática no grupo, faz-se necessária uma análise também a partir das categorias de análise.

5.2 Análise dos dados a partir das categorias de análise

Tão importante quanto à caracterização e à descrição de todos os instrumentos aplicados aos alunos, ao professor e às observações da prática no Facebook, torna-se imprescindível a análise de toda esta conjuntura mais as relações teóricas tecidas nos capítulos iniciais da dissertação. Assim, para responder ao problema de pesquisa (Quais os desdobramentos da utilização do Facebook no processo de motivação dos alunos para o ensino da disciplina de História?) é importante aliar e alinhar a teoria com a prática a partir, principalmente, das categorias de análise.

Com base nos conceitos discutidos e ponderados nos capítulos 2 e 3, criaram-se três categorias de análise: aprendizado em interação, sinais de mudança na motivação e o Facebook como instrumento de ensino e aprendizado. Para melhor analisar cada categoria, criaram-se também objetivos específicos dentro delas, a fim de observar com maior atenção os fenômenos que ocorreram na rede social para ponderação e inferência mais precisa.

a) Categoria 1: Aprendizado em interação.

Para verificar a existência ou não desta categoria, foi importante verificar se a rede social possibilitou e potencializou a interação entre os usuários/estudantes. Para tanto, foi utilizado o programa *Gephi*¹⁸ para geração de grafos que expressam a forma que a interação se deu dentro do grupo.

Diante disso, levando em consideração a Figura 5 onde cada ponto, também chamado de nó, representa um dos membros do grupo, e as linhas, também chamadas de arestas, representam a ligação entre cada um no Facebook, conclui-se que existe total ligação entre cada usuário da rede. Ou seja, este gráfico representa as potencialidades ou possibilidades que a rede dá aos membros do grupo de interação. Retomando as topologias das redes sociais da internet, nota-se que a rede construída dentro do grupo é do tipo distribuída, pois não existe hierarquia entre os nós e as conexões estão difundidas igualmente entre todos, facilitando a interação e a troca de informação.

¹⁸ *Gephi* é uma ferramenta para pessoas que têm de gerar, explorar e compreender gráficos facilmente. Tal como o *Photoshop*, mas para dados mais complexos. O usuário interage com a representação, pode manipular as estruturas, formas e cores. (Fonte: <<http://ziggi.uol.com.br/downloads/gephi>>. Acesso em: 12 jul. 2013).

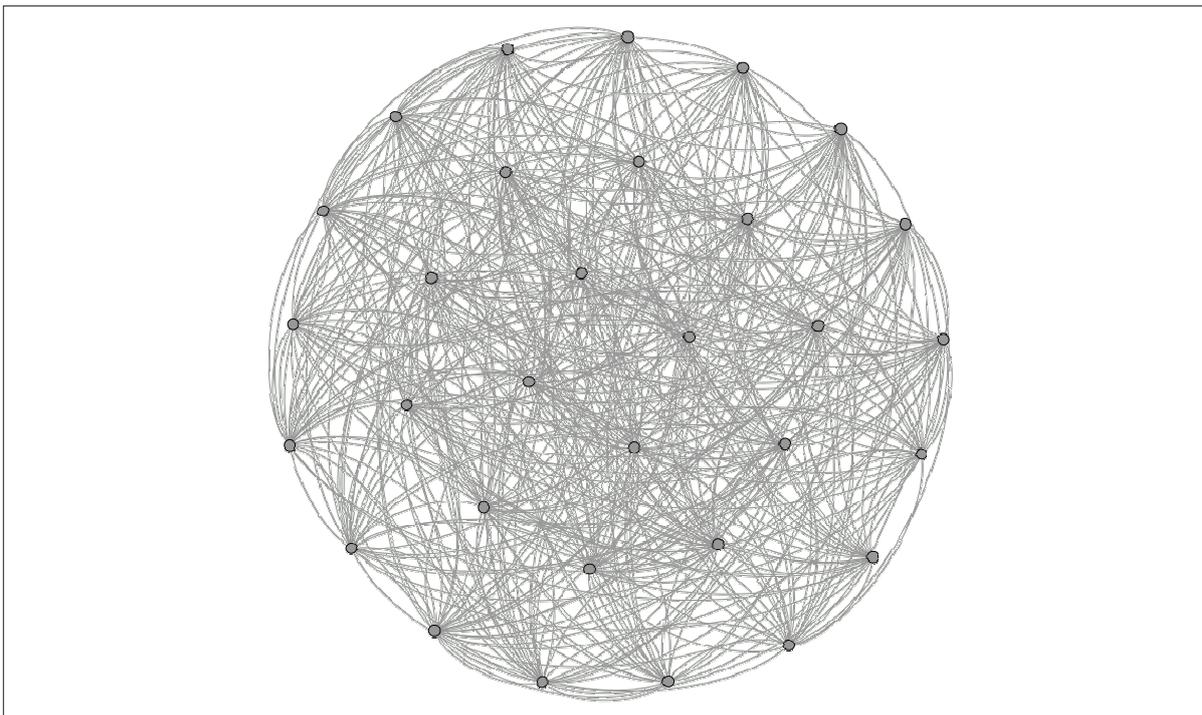


Figura 5: Possibilidades de interação entre os membros do grupo no Facebook

Fonte: Grupo do Facebook – História na rede BC.

Por outro lado, ao verificar o grau de interação que realmente ocorreu entre os envolvidos na rede, através da Figura 5, tem-se uma interpretação diferente daquela almejada ou potencializada pelo grupo no Facebook. Dos 31 membros participantes, incluindo o pesquisador e o professor, aparecem 21 nós ativos, ou seja, este é o número de pessoas que realmente fizeram alguma interação com outros participantes do grupo.

Na Figura 6, cada nó representa um participante e cada aresta representa a interação realizada, sendo que quanto mais escura for, maior foi o nível de interação realizado. Vale observar que o ponto preto, que possui maior nível de interação, representa o professor, demonstrando que ele, enquanto responsável pela disciplina e pela execução da parte prática do trabalho, recebeu maior atenção de todos, interagindo de forma bastante ativa no processo, reafirmando que a lógica, mesmo no Facebook, foi a mesma da que ocorre dentro da sala de aula.

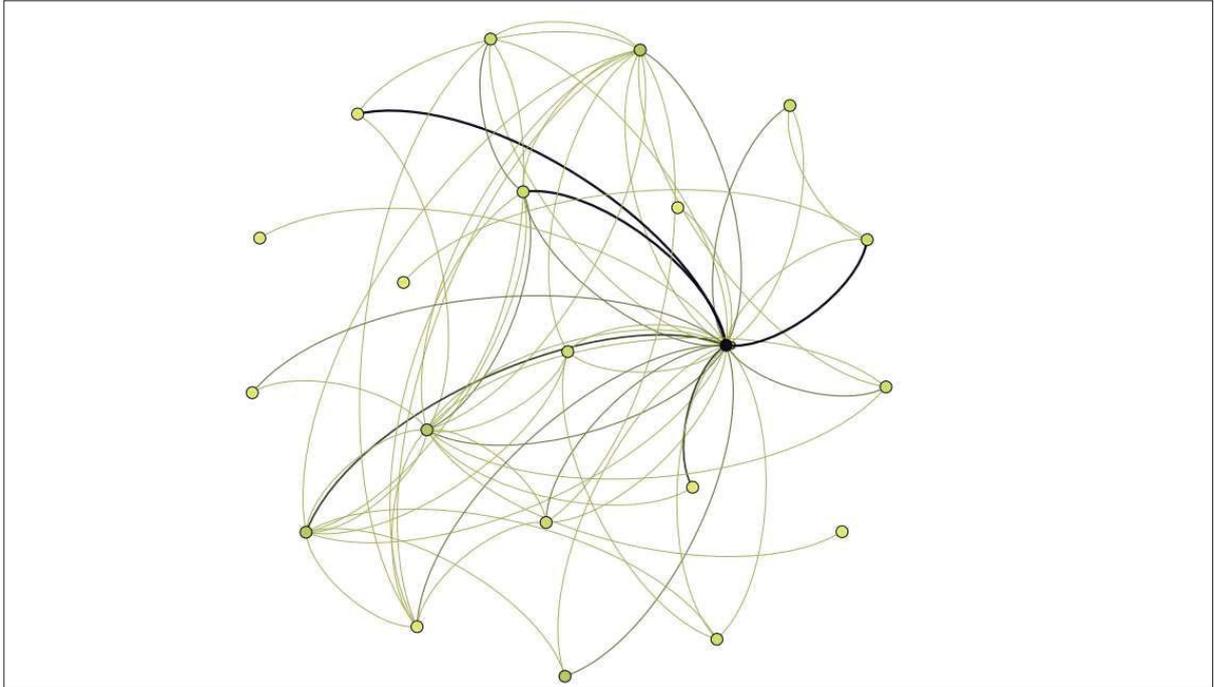


Figura 6: Interação realizada entre os membros do grupo no Facebook

Fonte: Grupo do Facebook – História na rede BC.

Outro objetivo a ser verificado nesta categoria é se houve mudança na autonomia dos sujeitos. Para tanto, cabe observar o que o professor disse na entrevista do dia 13/07 sobre a autonomia dos alunos durante o trabalho.

Eu senti muita insegurança, porque eu acho que eles estão muito viciados com essa coisa do professor em aula dizendo como deve ser feito ou como não deve ser feito, e muitos postavam os memes deles e diziam: “acho que é assim”. Essa é uma frase típica de quem está inseguro. Tem que ter alguém o tempo todo dando as orientações e dizendo o que eles têm que fazer. Quando eles têm que ter autonomia, eles ficam inseguros, só que eles sabem fazer, é só insegurança. (2013).

Outros fatores que podem justificar a falta de interação exposta anteriormente e a ausência de autonomia dos alunos nas atividades são a não obrigatoriedade da execução das tarefas e a não quantificação dos resultados através de uma nota. Isso demonstra que atividades paralelas possuem pouca importância e expressividade para a maioria, se condicionada aos moldes convencionais da sala de aula. A dificuldade de expressar as suas

ideias livremente, com ou sem erros, típico de muitas conversas e interações vistas em redes sociais, também ficou bastante tímida e restrita a tarefas em que eram exigidas tais posturas.

b) Categoria 2: Sinais de mudança na motivação.

Com o objetivo de analisar se houve mudanças na motivação do professor e dos estudantes durante e após a apropriação do Facebook no processo de ensino, podem-se elencar algumas observações feitas no decorrer do trabalho. Quanto ao professor, ficou claro no início do processo que demonstrou bastante motivação por ter sido escolhido entre tantos para a execução da parte prática, porém pouco a pouco esta motivação deu lugar ao silêncio no grupo, visto que ele ficou semanas sem realizar postagens e não cumpriu todas as tarefas solicitadas. Como já mencionado, um dos motivos disso foi a sobrecarga de trabalho extraclasse, o que dificultou a contínua alimentação do grupo e a tentativa de reproduzir a lógica de sala de aula.

Por parte dos alunos, a motivação ficou restrita a algumas tarefas. Segundo o professor, a tarefa que mais motivou os alunos foi a tarefa número 4, sendo que algumas outras passaram completamente despercebidas pelos mesmos. Outro dado que fornece subsídios para análise da motivação está nas respostas obtidas nos questionários dos alunos quanto à quantidade de vezes por semana em que eles acessaram o Facebook, comparado com o quanto acessaram o grupo da turma (Figura 7).



Figura 7: Utilização do Facebook e do grupo da turma

Fonte: Questionários de 02/04/2013 e 08/07/2013.

Observa-se que ao comparar as respostas do número de vezes em que os alunos acessaram o Facebook durante a semana do questionário 1 com as respostas do 2¹⁹, este

¹⁹ O questionário 1 foi aquele aplicado aos alunos no dia 02/04 e o questionário 2 foi aplicado no dia 08/07/2013.

número teve um aumento, o que pode ser um indicativo positivo. Porém, se comparado com o número de vezes que acessaram o grupo da turma, percebe-se que há uma grande diferença. A maioria dos alunos acessou o grupo três vezes por semana, enquanto poucos acessaram diariamente. A questão que surge é: se eles estavam no Facebook, por que não acessavam o grupo da turma? Uma das respostas pode estar nas falas de dois alunos: 4b “Foi usada muitas poucas vezes, deveria ter sido mais explorado esse meio”; e do 11b “Para dar certo é preciso que o trabalho concedido ao aluno desperte atenção e interesse do mesmo”.

Considerando ainda esta categoria de análise, buscou-se ver se a participação dos usuários se manteve do início ao fim do trabalho. Assim, ao analisar do ponto de vista do número de curtidas em cada publicação (Figura 8) percebe-se que não houve uma participação homogênea e retilínea durante todo o processo, fato que não favoreceu, por exemplo, a mudança na motivação dos alunos. Com um total de 35 publicações, houve uma média de 2,5 curtidas por publicação.

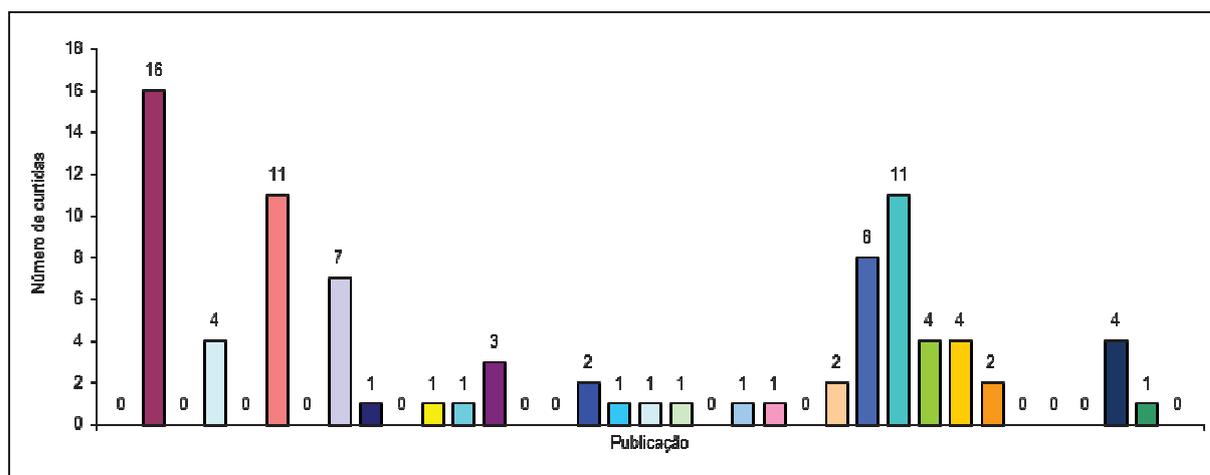


Figura 8: Publicação e o número de curtidas

Fonte: Grupo do Facebook – História na rede BC.

c) Categoria 3: O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.

Nesta terceira e última categoria de análise objetivou-se observar se a inserção de uma rede social no processo de ensino é verdadeiramente positiva. Para a maioria dos alunos é possível a parceria entre Facebook e educação, pois, segundo o aluno 14b, “é uma maneira mais fácil de professores e alunos se comunicarem, pode ser uma maneira mais descontraída de aprender”. O aluno 12b afirma que “é uma forma a mais de aprendizado, e por redes

sociais as pessoas se comunicam mais rápido e tem mais informações”. Para o professor, o pensamento não é diferente, porém deve-se levar em consideração também a afirmação do entrevistado, o qual diz que o Facebook “não pode ser a base de tudo, acho que tem que ser uma ferramenta, assim como o livro não deve ser o cerne da aula [...]”.

Outro objetivo é observar se o Facebook oferece subsídios didáticos e pedagógicos suficientes para sua inserção como metodologia ativa na escola. Na citação anterior, o professor deixa claro que o Facebook deve ser uma ferramenta e não uma metodologia ou uma prática diária de sala de aula. Apesar da grande quantidade de possibilidades advindas desta rede social, é visível que há muitos subterfúgios que facilitam o desvio do foco e da atenção do aluno. Enquanto algumas ferramentas on-line como eventos, arquivos, perguntas e o bate-papo ajudam no trabalho docente, se faz necessário outras que possam auxiliar de fato o professor, como, por exemplo, controle de acesso diário ao grupo, dados temporais de cada ação desenvolvida dentro da rede e a possibilidade de personalização da página do grupo.

Por fim, foi necessário observar a reação dos usuários quando se apropriaram do Facebook também como meio de estudo. Enquanto o aluno 2b afirmou que “todos deveriam fazer grupos no Facebook para estudar” e o 1b que foi “muito bom e criativo, recomendaria o uso em todas as disciplinas”, outros afirmaram o oposto, como o aluno 5b “não fiz as tarefas, pois uso o Facebook para me divertir, conversar com os amigos, não para pensar em escola, estudar!” e, ainda, o 23b que disse que “o Facebook abre muitas janelas ao estudante e, assim, ele pode desviar-se do objetivo final”.

Percebe-se aqui que há ideias contrárias quanto à relação entre o Facebook e o ensino. No entanto, o que deve ser considerado é o potencial midiático e a capacidade de persuasão e de construção presente na rede social, pois esta possui inúmeras ferramentas e aplicativos que ora conseguem ser utilizadas no contexto educacional, ora facilitam apenas a comunicação e a diversão. Assim como cada aluno possui uma maneira ou forma mais fácil para estudar, a utilização do Facebook pode ser entendida como uma nova maneira de interagir e construir o conhecimento e também o aprendizado.

Por fim, é possível apresentar algumas inferências acerca de possíveis respostas ao problema de pesquisa: Quais os desdobramentos da utilização do Facebook no processo de motivação dos alunos para o ensino da disciplina de História?

Se o trabalho for analisado apenas do ponto de vista da motivação dos alunos para a disciplina, este ponto não conseguiu atingir o seu objetivo na totalidade, visto que este sentimento não foi evidenciado por todos os participantes da pesquisa do início ao fim. Foi

possível perceber que a motivação por parte dos alunos ocorreu em alguns momentos definidos, enquanto no professor esta motivação ficou mais clara no início do trabalho.

Porém, se o problema da pesquisa for analisado a partir das percepções e dos desdobramentos da utilização do Facebook, esta trouxe várias respostas e também indagações, bem como várias outras possibilidades de investigação. Com resultados esperados ou novos, com premissas totalmente visíveis ou parcialmente detectadas, o trabalho trouxe algumas considerações acerca da maior rede social da internet, bem como novas ideias da sua apropriação no contexto educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar esta pesquisa, cabe desenvolver uma recuperação dos conceitos analisados em seu decorrer. Assim, quanto à educação, discutiu-se o entendimento de cultura da aprendizagem, interação e motivação sob o ponto de vista de Bruner e Pozo. O que se constatou foi que os dois estudiosos defendem a ideia de que a cultura perpassa e é transformada de geração em geração, sendo essencial para a constituição e evolução da mente humana. Assim, a cultura da aprendizagem também pode ser vista e entendida como uma forma de concepção dinâmica, heterogênea e mutante.

Ao mesmo tempo, os autores analisam a interação como sendo um dos meios mais eficazes para alcançar-se o aprendizado, visto que a troca entre aluno-aluno e aluno-professor enriquece os processos construtivos e formativos do educando. Da mesma forma, quando se percebe que há interesse e motivação para estudar, para a busca e para o novo, a consequência direta é o aprendizado significativo.

Diante disso, inserir na conjuntura educacional, por exemplo, recursos tecnológicos que já são utilizados e dominados pelos alunos pode ser um dos meios eficazes para alcançar-se a motivação explicitada e o aprendizado almejado.

Neste contexto, Lévy foi o principal autor utilizado para discutir o nascimento de um novo lugar dentro da lógica das tecnologias, chamado ciberespaço, que permite, além da interação e da comunicação, uma experiência livre de um tempo rígido e de um espaço concreto. Paralelamente, a gama de possibilidades advindas deste espaço oportuniza uma nova linguagem, uma nova interação e, necessariamente, um novo leitor. Desse modo, as redes sociais, como o Facebook, surgem como consequência e também como necessidade de uma inovação que extrapola os limites do tátil, do visível e do calculável.

Diante destes conceitos, a aplicação de uma prática pedagógica com os alunos do 2º ano do ensino médio utilizando o Facebook trouxe algumas respostas para as inquietações advindas do uso desta ferramenta e, da mesma forma, outras indagações quanto a sua aplicabilidade no contexto educacional.

Tanto no primeiro questionário aplicado aos alunos, quanto na entrevista realizada com o professor antes do início do grupo na rede, observou-se que ambos os atores estavam motivados e ansiosos para a inserção neste espaço virtual. Percebe-se, no entanto, que

conforme as semanas foram passando e as tarefas foram sendo realizadas, o grupo, como um todo, começou a perder a motivação inicialmente exposta.

A falta de motivação tornou-se aparente quando se observou a quantidade de curtidas, compartilhamentos e execução das atividades propostas, bem como quando realizada a segunda entrevista e o questionário. Muitos alunos responderam que o grupo poderia ter sido mais ativo, com atividades diferentes e com a participação de todos. Outros, porém, afirmaram que aliar a principal rede social do mundo com a educação não foi significativo, pois possui muitos atrativos que facilmente os envolvem, deixando o que era proposto pelo professor em segundo plano. No entanto, ficou claro que as atividades que necessitaram mais envolvimento e dedicação dos alunos, foram as que mais os motivou a participar (memes e reportagens).

Para o professor, um dos fatores que contribuiu para que os alunos não abraçassem inteiramente a ideia foi o fato de a atividade não valer nota ou não fazer parte das avaliações da disciplina. Para ele, muitos alunos ainda estão enraizados no contexto convencional e quantitativo de educação, em que só vale a pena aprender se receber algo em troca, preferencialmente numérico – nota.

Outro ponto que merece destaque é o tempo de execução do trabalho. Para o professor, muitas tarefas não foram realizadas ou não foram bem planejadas pela falta de tempo do docente, visto que a correria do dia a dia dificultou muitas vezes a sua total inserção na rede. Nesse sentido, um trabalho como este só alcançaria positivamente outras séries ou turmas se contasse com o apoio de outras disciplinas, pois é visto que um único professor não consegue planejar, executar, inferir, concluir e novamente planejar a sua prática no Facebook, tendo outros tantos compromissos pessoais e profissionais.

Quando discutido o poder da interação, segundo Bruner e Pozo, foi levada em consideração a sua importância para o aprendizado. No contexto vivenciado no grupo do Facebook, a interação possível foi muito diferente daquela que realmente se concretizou. Enquanto havia inúmeras possibilidades, o que se observou foi uma interação moderada, com alguns alunos bastante ativos, mas também vários outros totalmente nulos no processo. Por mais que o objetivo não era verificar a aprendizagem dos alunos, observou-se que a interação entre eles na rede poderia ter sido mais intensa.

No que compete à motivação, a partir das ideias advindas de Pozo, este sentimento também se faz necessário para que aconteça o aprendizado. O que se verificou na rede é que a motivação intrínseca é muito difícil de ocorrer naturalmente nos alunos, pois denota um autoconhecimento e uma autorregulação bastante relevante. Porém, quando em uma atividade

como esta, falta também a motivação extrínseca, ou seja, uma bonificação para os participantes, uma nota àqueles que realizarem satisfatoriamente uma tarefa, a chance de realizar-se na sua totalidade é muito difícil.

Mesmo com as dificuldades de interação e mudança de motivação nos alunos, o professor levanta como ponto positivo o seu relacionamento com a turma em sala de aula. Quando o professor se insere ativamente no mundo dos alunos, se preocupa em desenvolver atividades extras e procura interagir com todos também fora da escola, se mostra disposto e parceiro dos alunos, faz com que a hierarquia rígida da sala de aula seja quebrada, aproximando a turma dos conteúdos e da disciplina de História.

Ao finalizar este trabalho, algumas lacunas ficaram abertas, o que pode servir como objeto de pesquisa para outras dissertações e teses, como a utilização de outra rede social, com o mesmo objetivo apresentado. Além disso, procurar dois ou mais professores para a realização de um grupo em uma rede social pode ser positivo, bem como procurar outros atrativos que motivem mais os alunos e que realmente os façam interagir e buscar o novo.

Outra possibilidade é monitorar e realizar inferências diretas com o professor e os alunos ao longo de todo o trabalho, a fim de não perder o foco e de lembrá-los da importância da participação ativa durante a pesquisa. Diferente disso, poderia ser utilizado este mesmo modelo metodológico para a aplicação em uma turma, por exemplo, do ensino superior, visto que a maturidade e o interesse dos envolvidos geralmente é maior.

Pensando no aperfeiçoamento da metodologia da pesquisa, uma opção seria verificar e analisar semanalmente as interações entre os membros de um grupo, utilizando um software como o *Gephi*, pois fazer esta análise apenas no final traz pontos a serem observados bastante limitados, se comparado com um diagnóstico semanal e detalhado. Além disso, faz-se necessária uma reflexão mais profunda sobre o que é interação dentro de uma rede social na internet, ou seja, verificar se o grau de interação pode ser medido através das curtidas, dos compartilhamentos ou das visualizações de um comentário, por exemplo.

Durante o desenvolvimento do trabalho, restaram algumas indagações, que podem contribuir para futuras investigações nesta linha. Se as atividades valessem nota será que seria diferente? O Facebook pode contribuir para o aprendizado? Se eu fosse o professor conseguiria fazer diferente? Os jogos presentes no Facebook podem ser úteis para o professor instigar os alunos para a importância da busca, do conhecimento e da diversão? Que outras ferramentas presentes na rede podem ser utilizadas para um próximo trabalho?

Finalizando os estudos realizados durante esta pesquisa é possível perceber que as tecnologias, como as redes sociais na internet, podem ser grandes facilitadoras do trabalho do

professor e do processo de ensino. Entretanto, ainda há um grande caminho a ser percorrido para a averiguação destas potencialidades, dos seus reais objetivos e dos resultados efetivos e visíveis dentro de uma sala de aula. Os desafios estão apresentados e são fáceis de identificação, o papel do professor e das instituições de ensino é não negligenciá-los e inseri-los cada vez mais na sua proposta educativa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; NATAL, G; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Comunicação Cibernética*, Porto Alegre, n. 20, p. 34-40, dez. 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUNER, Jerome S.. *O processo da educação*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BRUNER, Jerome S.. *A cultura da educação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

COLL, César. *Psicologia do ensino*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

DEMO, Pedro. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Coord.) *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 104-130.

FACEBOOK. *Notícias*. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/Key-Facts>>. Acesso em 30 nov. 2012.

FLICK, Uwe; SILVA, Dirceu da (Rev.). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

FORESTI, Andressa. *Uma experiência de aprendizagem com a rede social noosfero no Ensino Fundamental do Instituto Estadual de Educação Borges do Canto de Palmeira das Missões/RS*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

GENGNAGEL, Claudionei L. Apropriação das redes sociais no ensino superior: Possibilidades, perspectivas e desafios para sala de aula. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL, 1, 2012, Passo Fundo, *Anais do SENID*, 2012, p. 1-11.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KOZINETS, Robert V. *Netnography: doing ethnographic research online*. London: Sage, 2010.

LEMONS, Andre. Ciberespaço. Disponível em: <<http://www.institutodofuturo.com.br/CIBER.html>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010a.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010b.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

LOKCHIN, R. S. *Análise de uma experiência de aprendizagem utilizando o Orkut no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – Campus Passo Fundo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2010.

MARTELETO, Regina Maria. *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. Ci. Inf., Brasília, v. 30, 2001, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MONTARDO, S. P.; ROCHA, P. J. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. Revista E-compós, 2005, v. 4, Brasília. Disponível em: http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf. Acesso em: mar/2012.

OLIVEIRA, Robson Santos de. Internet e ensino: transformando o *orkut* em ambiente virtual de aprendizagem (AVA). In: Encontro Nacional sobre Hipertexto, 3, 2009, Belo Horizonte, *Anais do evento*. Belo Horizonte, 2009, p. 1-12.

PHILLIPS, L. F. et al.. *Facebook for educators*. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/165822-FACEBOOK-PARA-EDUCADORES-TRADUCAO/>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

PRIMO, Alex F. T.; CASSOL, Márcio B. F. 1999. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. *Informática na educação: Teoria & Prática*. Porto Alegre. vol. 2, n. 2, p.65-80, out/1999.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza (Colab.). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o papel cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SELLTIZ, C. et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Herder, 1974.

SERPA, Felipe. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: EdUFBA, 2004.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. *Refletindo a pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, 1986.

SOCIALBAKERS. Facebook: estatísticas por país. Disponível em <<http://www.socialbakers.com/Facebook-statistics/>>. Acesso em: 02 dez. 2012.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Coord.) *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.82-103.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. *Homo zappiens*: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A – Autorização do Comitê de Ética da UPF



 principal
  central de suporte
  sair

Claudionei Lucimar Gengnagel - Pesquisador | V2.17
 Sua sessão expira em: 38min 39

Público
Pesquisador
Alterar Meus Dados

Cadastrados

Você está em: Pesquisador > Gerir Pesquisa > Detalhar Projeto de Pesquisa

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

Dados do Projeto de Pesquisa

Título da Pesquisa: Facebook e educação: tecendo caminhos a partir de uma prática pedagógica com os alunos do ensino médio
 Pesquisador: Claudionei Lucimar Gengnagel
 Área Temática:
 Versão: 1
 CAAE: 12304213.5.0000.5342
 Submetido em: 26/02/2013
 Instituição Proponente: Universidade de Passo Fundo/Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Situação: Aprovado
 Localização atual do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Documentos Postados do Projeto

Tipo Documento	Situação	Arquivo	Postagem
Interface REBEC	A	 PB_XML_INTERFACE_REBEC.xml	26/02/2013 14:23:27
Projeto de Pesquisa	A	 PB_PROJETO_DE_PESQUISA_123042.pdf	26/02/2013 14:23:26
Projeto de Pesquisa (Anexado pelo Pesquisador)	A	 Sep.docx	13/02/2013 16:44:03
Parceres (para projeto anterior à Plataforma Brasil)	A	 digitalizar0003.pdf	04/01/2013 20:30:29
TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	A	 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.docx	04/01/2013 20:06:48

ANEXO B – Autorização do Colégio Salvatoriano Bom Conselho para execução do trabalho



Colégio Salvatoriano
Bom Conselho

AUTORIZAÇÃO

Autorizamos o acadêmico Claudionei Lucimar Gengnagel, sob orientação do Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira, a realizar uma pesquisa com os alunos do 2º ano do ensino médio da nossa Instituição e com o professor Rafael Camargo, durante os meses de fevereiro e abril de 2013.

A pesquisa intitulada "Facebook e educação: tecendo caminhos a partir de uma prática pedagógica com os alunos do ensino médio" possui fins acadêmicos e é requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo.

Passo Fundo/RS, 12 de dezembro de 2012.

Lourdes Oro
Diretora - Autorização 08/05
CPF: 295.741.969-68

Educando e promovendo a vida.

Rua Antônio Araújo, 666 – Passo Fundo – RS
Fone: (54) 3046 1009 – Fax: (54) 3317 2855
Site: www.bomconselho.net

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
Faculdade de Educação – Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Bairro São José – Passo Fundo – RS - CEP: 99001-970
Fone (54) 3316-8295 – Fax (54) 3316-8125
E-mail: cpgfaed@upf.br

Eu, Claudionei Lucimar Gengnagel, estou convidando o educando _____ a participar da pesquisa intitulada “Facebook e educação: tecendo caminhos a partir de uma prática pedagógica com os alunos do ensino médio”, sobre minha responsabilidade e orientado pelo Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira.

A pesquisa tem como objetivo verificar as potencialidades e as limitações da apropriação das redes sociais no processo de mobilização e interesse dos alunos do 2º ano do ensino médio do Colégio Salvatoriano Bom Conselho – Passo Fundo/RS.

Ao final desta pesquisa, acredita-se contribuir com o Colégio e educandos que participarão do trabalho e também com o público em geral, principalmente aqueles envolvidos na área da Educação e Informática Educativa, pois por meio desta atividade acreditamos colaborar com a construção e aquisição do conhecimento, apostando na existência de novas metodologias utilizando redes sociais e educação.

Os dados obtidos serão utilizados para fins exclusivamente acadêmicos, embasando a produção de conhecimento científico. A divulgação dos resultados poderá ser efetivada através da apresentação dos resultados finais da pesquisa à banca avaliadora da dissertação, eventos científicos e através de artigos, livros e revistas, garantindo sempre o anonimato de sua identidade.

Você pode solicitar novos esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento, bem como retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, se assim o desejar, sem qualquer penalização.

Sua participação na pesquisa não implicará em nenhum gasto financeiro, bem como não receberás pagamento pela sua participação no estudo. Seu benefício na participação dessa pesquisa será um enriquecimento intelectual e a provável potencialização da sua aprendizagem.

Caso você tenha dúvidas e se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato comigo pelo endereço eletrônico claudionei123@yahoo.com.br, ou também consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316 8370 ou pelo *e-mail* cep@upf.br.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos seu consentimento, que deve ser assinado em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Participante:

Nome do aluno(a): _____

Nome dos pais e/ou responsáveis: _____

Assinatura dos pais e/ou responsáveis: _____

Responsável pela pesquisa:

Claudionei Lucimar Gengnagel

Assinatura: _____

Passo Fundo, _____ de fevereiro de 2013.

ANEXO D – Primeiro questionário aplicado aos educandos.



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
 Faculdade de Educação – Mestrado
 Programa de Pós-Graduação em Educação
 Bairro São José – Passo Fundo – RS - CEP: 99001-970
 Fone (54) 3316-8295 – Fax (54) 3316-8125
 E-mail: cpgfaed@upf.br

Prezado educando!

Este questionário objetiva montar um perfil da turma sobre a internet e as redes sociais, principais temas do trabalho que começaremos a desenvolver na semana que vem. Responda as questões com sinceridade. Conto com o teu apoio!

Claudionei Lucimar Gengnagel

1) Dados de identificação:

- 1.1 Sexo: Masculino Feminino
 1.2 Idade: _____

2) Dados técnicos:

- 2.1 Com quantos anos você teve o primeiro contato com o computador? _____
 2.2 Com quantos anos você teve o primeiro contato com a internet? _____
 2.3 Com quantos anos você teve o primeiro contato com as redes sociais? _____
 2.4 Qual(is) o(s) objetivo(s) de uma rede social?

- 2.6 Você é membro de alguma rede social? Se sim, qual(is)?

- 2.7 Cite o nome de outras redes sociais que você conhece, participa ou já ouviu falar.

2.8 Se você utiliza as redes sociais, cite o nome da rede social que você mais utiliza atualmente? _____

2.9 Se você é membro do Facebook, quantas vezes (média) por semana você acessa esta rede?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 vez por semana | <input type="checkbox"/> 5 vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> 2 vezes por semana | <input type="checkbox"/> 6 vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> 3 vezes por semana | <input type="checkbox"/> todos os dias. |
| <input type="checkbox"/> 4 vezes por semana | |

3) Dados didático-pedagógicos:

3.1 Alguma disciplina utiliza as redes sociais como recurso extra à sala de aula?

- Sim, Qual(is)? _____ Não

3.2 Você utiliza as redes sociais para estudar?

- Sim Não

3.3 Em sua opinião, as redes sociais podem potencializar o aprendizado escolar?

- Sim Não Não sei

3.4 Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, explique algumas formas ou maneiras para aliar redes sociais e educação.

3.5 Se a resposta da pergunta 3.1 foi NÃO, explique o motivo para tanto.

Obrigado pela participação!

ANEXO E – Primeira entrevista realizada com o professor.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
Faculdade de Educação – Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Bairro São José – Passo Fundo – RS - CEP: 99001-970
Fone (54) 3316-8295 – Fax (54) 3316-8125
E-mail: cpgfaed@upf.br

Prezado educador!

Esta entrevista objetiva verificar o perfil do educador quanto ao uso das redes sociais, as expectativas do mesmo quanto ao trabalho e as suas visões de utilização do Facebook nas suas aulas. Conto com o teu apoio!

Claudionei Lucimar Gengnagel

1) Dados de identificação:

1.1 Idade: _____

2) Perguntas da entrevista:

2.1 O que você espera desta pesquisa?

2.2 Desde quando você utiliza as redes sociais?

2.3 Quais redes sociais você utiliza?

2.4 Qual rede social você considera mais propícia para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem?

2.5 Que possibilidades você vê de aliar o Facebook nas suas aulas?

2.6 Outras colocações.

ANEXO F – Segundo questionário aplicado aos educandos.



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
Faculdade de Educação – Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
 Bairro São José – Passo Fundo – RS - CEP: 99001-970
 Fone (54) 3316-8295 – Fax (54) 3316-8125
 E-mail: cpgfaed@upf.br

Prezado educando!

Este questionário objetiva verificar quais foram os pontos positivos e negativos da utilização do Facebook nas aulas de História e quais as sugestões que você daria para uma próxima atividade deste tipo. Responda as questões com sinceridade. Conto com mais uma vez com o teu apoio!

Claudionei Lucimar Gengnagel

1) Dados técnicos:

1.1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o Facebook?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 vez por semana | <input type="checkbox"/> 5 vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> 2 vezes por semana | <input type="checkbox"/> 6 vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> 3 vezes por semana | <input type="checkbox"/> todos os dias |
| <input type="checkbox"/> 4 vezes por semana | |

1.2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 vez por semana | <input type="checkbox"/> 5 vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> 2 vezes por semana | <input type="checkbox"/> 6 vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> 3 vezes por semana | <input type="checkbox"/> todos os dias |
| <input type="checkbox"/> 4 vezes por semana | |

1.3 De todas as atividade realizadas no Facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.

1.4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).

1.5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o Facebook como prática pedagógica? Justifique.

1.6 Quais os pontos negativos de utilizar o Facebook como prática em uma ou mais disciplinas?

1.7 Outras observações ou comentários que você considera importante.

Obrigado pela participação!

ANEXO G – Segunda entrevista realizada com o professor.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
Faculdade de Educação – Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Bairro São José – Passo Fundo – RS - CEP: 99001-970
Fone (54) 3316-8295 – Fax (54) 3316-8125
E-mail: cpgfaed@upf.br

Prezado educador!

Esta entrevista objetiva verificar quais foram os pontos positivos e negativos da utilização do Facebook nas suas aulas e quais as sugestões que você daria para uma próxima atividade deste tipo. Conto com o teu apoio!

Claudionei Lucimar Gengnagel

1) Perguntas da entrevista:

- 1.1 Das atividades propostas para os alunos, qual delas mais os motivou?
- 1.2 Quais os pontos positivos da utilização do Facebook nas aulas?
- 1.3 Quais os pontos negativos da utilização do Facebook nas aulas?
- 1.4 Qual a relação entre o Facebook, as atividades realizadas e a aprendizagem?
- 1.5 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino?
- 1.6 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o Facebook como prática pedagógica?
- 1.7 Outras colocações.

ANEXO H – Respostas do primeiro questionário.

A	Indicação de data e hora	1) Sexo:	3) Com quantos anos você teve o primeiro contato com o computador?	4) Com quantos anos você teve o primeiro contato com a Internet?	5) Com quantos anos você teve o primeiro contato com as redes sociais?	6) Na sua opinião, qual(is) é(s) o objetivo(s) de uma rede social?	7) Você é membro de alguma rede social? Se sim, qual(is)?	8) Se você utiliza as redes sociais, cite o nome da rede social que você mais utiliza atualmente?	9) Se você é membro do facebook, quantas vezes (média) por semana você acessa esta rede?	10) Alguma disciplina no Colégio utiliza as redes sociais como recurso extra à sala de aula?	10.1) Se a resposta a pergunta anterior for SIM, responda qual disciplina.	11) Você utiliza as redes sociais para estudar?	12) Em sua opinião, as redes sociais podem potencializar o aprendizado escolar?	12.1) Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, explique algumas formas ou maneiras para aliar redes sociais e educação.	12.2) Se a resposta da pergunta 12 foi NÃO, explique o motivo para tanto.	2) Qual a sua idade?
1	02/04/2013 07:44:41	Feminino	12 anos	9 anos	13 anos	interação entre as pessoas, diminuir a distância. Facilitar a comunicação entre as pessoas e as maneiras de se relacionar entre si, no próprio grupo de amigos ou em um novo grupo.	sim, facebook, msn, instagram.	facebook	todos os dias.	Sim	português, gincana	Não	Não sei			17 anos
2	02/04/2013 07:45:01	Feminino	7 anos	9 anos	9 anos	Nos mostrar para o mundo, conhecer pessoas e fazer algumas amizades novas.	Sim, Facebook, Twitter, Ask.fm, Tumblr.	Facebook	todos os dias.	Não		Não	Não sei			15 anos
3	02/04/2013 07:45:35	Feminino	9 anos	9 anos	9 anos	Nos mostrar para o mundo, conhecer pessoas e fazer algumas amizades novas.	Sim, twitter, facebook e tumblr.	Facebook e twitter.	todos os dias.	Não		Não	Não	Pois quando utilizo redes sociais enquanto estudo distraio e não estudo.		15 anos
4	02/04/2013 07:45:54	Masculino	8 anos	8 anos	13 anos	comunicação e interação social	sim, facebook	facebook	todos os dias.	Sim	história	Não	Não	pois em redes sociais existem bate-papos online		15 anos
5	02/04/2013 07:46:21	Masculino	7 anos	8 anos	8 anos	Na minha opinião o objetivo das redes sociais é conhecer novas pessoas, fazer novas amizades etc...	Facebook, Msn, Twitter.	Facebook	todos os dias.	Não		Sim	Sim	Criar um grupo social que seja especialmente voltado para os estudantes do colégio, com a ajuda dos professores e etc...		16 anos
6	02/04/2013 07:46:26	Masculino	9 anos	10 anos	11 anos	comunicação é a principal	sim, facebook e instagram	facebook	todos os dias.	Não		Não	Sim	interação entre professores e alunos para tirar as dúvidas		17 anos
7	02/04/2013 07:47:01	Feminino	10 anos	11 anos	13 anos	buscar amigos se conectar com pessoas não tão próximas, e etc...	facebook e twitter	facebook	5 vez por semana	Não		Não	Não sei	conectando com os alunos e criando grupos educativos para que não seja só a questão de usar redes sociais para namorar/encontrar amigos ...		17 anos
8	02/04/2013 07:47:35	Masculino	9 anos	9 anos	12 anos	Muitas redes sociais servem para protestos e campanhas e outras apenas para divertimento interações status e comunicação.	Sim, Eu participo do Facebook e Instagram.	Facebook e Instagram	todos os dias.	Não		Não	Não	Se voce tentar estudar pelas redes sociais voce irá se distrair com as atrações como chats, informações sobre outro assunto etc....		15 anos
9	02/04/2013 07:47:41	Masculino	8 anos	11 anos	12 anos	estabelecer uma relação entre grupos de amigos.	sim, facebook.	facebook	6 vez por semana	Não		Não	Sim	grupos e aplicar novos conhecimentos com a finalidade de comunicação entre professores e alunos.		15 anos
10	02/04/2013 07:47:52	Masculino	9 anos	10 anos	11 anos	O principal objetivo é a interação com outras pessoas, diversão, divulgação de materiais, meios de pesquisa e até mesmo como meio de trabalho.	Sim, Facebook, Twitter, Skype, Instagram, WhatsApp.	Facebook	todos os dias.	Não		Não	Sim	Maior interação com os alunos, divulgação de idéias, trabalhos mais diversificados passados pelos professores.		16 anos

A	Indicação de data e hora	1) Sexo:	3) Com quantos anos você teve o primeiro contato com o computador?	4) Com quantos anos você teve o primeiro contato com a internet?	5) Com quantos anos você teve o primeiro contato com as redes sociais?	6) Na sua opinião, qual(is) (s) objetivo(s) de uma rede social?	7) Você é membro de alguma rede social? Se sim, qual(is)?	8) Se você utiliza as redes sociais, cite o nome da rede social que você mais utiliza atualmente?	9) Se você é membro do facebook, quantas vezes (média) por semana você acessa esta rede?	10) Alguma disciplina no Colégio utiliza as redes sociais como recurso extra à sala de aula?	10.1) Se a resposta a pergunta anterior for SIM, responda qual disciplina.	11) Você utiliza as redes sociais para estudar?	12) Em sua opinião, as redes sociais podem potencializar o aprendizado escolar?	12.1) Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, explique algumas formas ou maneiras para aliar redes sociais e educação.	12.2) Se a resposta da pergunta 12 foi NÃO, explique o motivo para tanto.	2) Qual a sua idade?
11	02/04/2013 07:47:54	Feminino	6 anos	7 anos	9 anos	Comunicação entre as pessoas, diversão, passa tempo	Sim, Facebook, Twitter, Ask, Tumblr.	Facebook e Twitter	todos os dias.	Não	Sim	Sim	Sim	Muitas vezes enquanto estamos no facebook ou twitter encontramos figuras humorísticas sobre o assunto que muitas vezes na hora da prova fazem com que a gente lembre o que foi estudado. As redes sociais são muito utilizadas pelos jovens e muitas vezes deixam de estudar para estar em uma delas, acho que misturando as duas fica uma combinação legal entre estudo e redes sociais	15 anos	
12	02/04/2013 07:47:57	Feminino	3 anos	8 anos	11 anos	Fazer com que haja comunicação com amigos, familiares e todos que queremos nos conectar em alguns momentos.	Sim, Facebook e twitter.	Facebook e twitter	todos os dias.	Não	Não	Sim	Não	Estudando por meio das redes sociais, provavelmente você irá querer conversar com outras pessoas, ou fazer outras coisas, e não se focar totalmente ao estudo.	15 anos	
13	02/04/2013 07:48:39	Feminino	10 anos	11 anos	11 anos	as redes sociais tem como objetivo estabelecer a comunicação entre indivíduos, estreitar relações, informar as pessoas acerca dos acontecimentos globais, promover manifestações, expressar opiniões	sim, facebook, twitter e msn	facebook	6 vez por semana	Não	Sim	Sim	Sim	através das redes sociais, temos uma abertura para o mundo, estando por dentro dos acontecimentos além de podermos conversar com outras pessoas sobre variados assuntos o que pode auxiliar nosso aprendizado	15 anos	
14	02/04/2013 07:48:42	Feminino	7 anos	11 anos	11 anos	Podere e comunicar mais facilmente com as pessoas, sendo que esta pessoa pode estar perto ou muito longe... Ficar por dentro de todas as coisas que acontece com os amigos e até mesmos familiares... Também serve para ter contatos ou poder falar quando temos vergonha de falar pessoalmente etc.	sim, Facebook, instagram, Hotmail	facebook, instagram	todos os dias.	Não	Sim	Sim	Sim	não a rede social em primeiro plano, mas a internet no caso, podemos pesquisar várias formas de como poder fazer alguns exercícios que não entendemos ...	15 anos	
15	02/04/2013 07:57:10	Masculino	11 anos	12 anos	13 anos	passar informação para o publico.	Sim, facebook, twitter e skype.	Facebook	todos os dias.	Não	Sim	Não sei	Não sei	Pois depende de cada um do modo em que ver as redes sociais e de que maneira utiliza ela.	15 anos	
16	02/04/2013 07:57:59	Masculino	6 anos	6 anos	11 anos	comunicação e exibicionismo	sim, facebook	facebook	5 vez por semana	Não	Não	Não	Não sei		15 anos	

A	Indicação de data e hora	1) Sexo:	3) Com quantos anos você teve o primeiro contato com o computador?	4) Com quantos anos você teve o primeiro contato com a internet?	5) Com quantos anos você teve o primeiro contato com as redes sociais?	6) Na sua opinião, qual(is) o(s) objetivo(s) de uma rede social?	7) Você é membro de alguma rede social? Se sim, qual(is)?	8) Se você utiliza as redes sociais, cite o nome da rede social que você mais utiliza atualmente?	9) Se você é membro do facebook, quantas vezes (média) por semana você acessa esta rede?	10) Alguma disciplina no Colégio utiliza as redes sociais como recurso extra à sala de aula?	10.1) Se a resposta a pergunta anterior for SIM, responda qual disciplina.	11) Você utiliza as redes sociais para estudar?	12) Em sua opinião, as redes sociais podem potencializar o aprendizado escolar?	12.1) Se a resposta da pergunta anterior foi SIM, explique algumas formas ou maneiras para aliar redes sociais e educação.	2) Qual a sua idade?
17	02/04/2013 07:58:20	Feminino	4 anos	9 anos	11 anos	Manter contato com amigos, família, saber de notícias que viram assuntos no momento.	Sim, Twitter e Facebook	Facebook	todos os dias.	Não	Não	Sim	Sim	Ajuda a melhorar o relacionamento entre aluno e professor	16 anos
18	02/04/2013 07:58:39	Feminino	10 anos	10 anos	11 anos	A comunicação, distração, partilhar conteúdos com os amigos e ou parentes.	Sim, Facebook, twitter, skype	Facebook	5 vez por semana	Não	Não	Não	Não	Na minha opinião por enquanto não da para usufruir para potencializar o aprendizado pois não nos concentramos muito em usar as redes sociais para estudar, mas a escola vir na computação as vezes seria bom. As redes sociais tiram a concentração, desviam o estudo e fazem com que o aluno perca a vontade de estudar.	15 anos
19	02/04/2013 07:58:44	Feminino	5 anos	7 anos	9 anos	Tomar mais fácil a comunicação, conhecer um pouco mais sobre o outro, novas amizades....	Sim, Facebook, twitter e tumblr.	facebook	todos os dias.	Não	Não	Não	Não	Depende muito do interesse do aluno, já que o Facebook pode ser uma ferramenta tanto para ajudar o estudo tanto para atrapalhar porque há muitas formas de distração também no Facebook.	15 anos
20	02/04/2013 07:58:47	Masculino	3 anos	6 anos	12 anos	Comunicação, entretenimento, conhecer pessoas, etc.	Sim, Facebook.	Facebook	5 vez por semana	Sim	História	Não	Não sei		15 anos
21	02/04/2013 07:59:16	Feminino	10 anos	11 anos	12 anos	mais opções de lazer, mais facilidade na comunicação	sim, facebook, twitter,instagram	instagram	5 vez por semana	Não		Não	Sim	comunicação entre professores e alunos	15 anos
22	02/04/2013 07:59:22	Masculino	10 anos	10 anos	8 anos	Facilitar a comunicação entre amigos e um meio mais acessível de conhecer novas pessoas.	Facebook e YouTube.	YouTube.	5 vez por semana	Sim	Lingua Inglesa	Sim	Sim	Se, por exemplo, o professor encaminha um dever de casa na terça-feira, o qual deve ser entregue na próxima semana, e quase sempre o aluno esquece o mais da metade da turma já esqueceu do dever, se houvesse um grupo da turma no Facebook, por exemplo o professor ou algum aluno poderia lembrar os outros do dever antes que esteja em cima da hora. Também seria ótimo pois faríamos atividades fora da rotina, o que ajudaria no interesse e participação dos alunos.	15 anos

A	Indicação de data e hora	1) Sexo:	3) Com quantos anos você teve o primeiro contato com o computador?	4) Com quantos anos você teve o primeiro contato com a internet?	5) Com quantos anos você teve o primeiro contato com as redes sociais?	6) Na sua opinião, qual(is) o(s) objetivo(s) de uma rede social?	7) Você é membro de alguma rede social? Se sim, qual(is)?	8) Se você utiliza as redes sociais, cite o nome da rede social que você mais utiliza atualmente?	9) Se você é membro do facebook, quantas vezes (média) por semana você acessa esta rede?	10) Alguma disciplina no Colégio utiliza as redes sociais como recurso extra à sala de aula?	10.1) Se a resposta a pergunta anterior for SIM, responda qual disciplina.	11) Você utiliza as redes sociais para estudar?	12) Em sua opinião, as redes sociais podem potencializar o aprendizado escolar?	12.1) Se a resposta da pergunta anterior for SIM, explique algumas formas ou maneiras para aliar as redes sociais e educação.	2) Qual a sua idade?
23	02/04/2013 07:59:47	Feminino	7 anos	8 anos	8 anos	Para mim, existem objetivos bons e ruins, porque a comunicação com as redes sociais acaba contendo a nossa vida para todo mundo, aí qualquer coisa que você for fazer, você posta em alguma rede social. Mas você faz novas amizades com pessoas novas. É você interagir com seus amigos, conhecer pessoas novas, e se tiver algum meio que me ajude no colégio eu também uso.	Facebook.	Facebook	todos os dias.	Não	Sim	Sim	Sim	Porque como os jovens estão frequentando muito as redes sociais, aproveita para estudar na internet, e isso pode ajudar, já que alguns em vez de estudar ficam na internet, isso ajudará.	15 anos
24	02/04/2013 07:59:50	Feminino	9 anos	10 anos	10 anos	É você interagir com seus amigos, conhecer pessoas novas, e se tiver algum meio que me ajude no colégio eu também uso.	sim, tumblr, facebook, twitter, hotmail, ask, instagram	Facebook, twitter, ask	todos os dias.	Não	Sim	Sim	exercícios extra para as aulas, slides sobre as matérias, interagir e dar algumas ideias para aulas diferenciadas,...	14 anos	
25	02/04/2013 16:08:00	Feminino	5 anos	8 anos	10 anos	O objetivo é fazer novas amizades, conversar com pessoas novas, e conversar com seus familiares e seus amigos por um meio mais fácil.	Sim, facebook, twitter e MSN.	facebook	todos os dias.	Não	Não	Não sei	Eu acho que não temos como ter uma relação entre as redes sociais e o aprendizado escolar, apenas se for pra disciplina de filosofia e sociologia que podemos ver como as pessoas são através do facebook e na vida real.	15 anos	
26	02/04/2013 16:08:08	Feminino	5 anos	8 anos	10 anos	O objetivo é fazer novas amizades, conversar com pessoas novas, e conversar com seus familiares e seus amigos por um meio mais fácil.	Sim, facebook, twitter e MSN.	facebook	todos os dias.	Não	Não	Não sei	Eu acho que não temos como ter uma relação entre as redes sociais e o aprendizado escolar, apenas se for pra disciplina de filosofia e sociologia que podemos ver como as pessoas são através do facebook e na vida real.	15 anos	
27	02/04/2013 16:10:29	Masculino	10 anos	13 anos	14 anos	fazer amizades	facebook	facebook	todos os dias.	Não	Não	Não	muita distração	16 anos	

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
1	08/07/2013 06:39:47	Todos os dias	5 vezes por semana	Trabalho de criação de memes sobre a Revolução Industrial.	Twitter e blogs em geral, pois facilitam a comunicação e a realização de tarefas.	Todas, pois o método provou-se eficaz, ao menos em minha opinião.	Algumas pessoas não participam.	Muito bom e criativo, recomendaria o uso em todas as disciplinas.
2	08/07/2013 06:40:21	Todos os dias	1 vez por semana	Revolução Industrial, achei interessante a criação dos memes.	Não, pois outras redes não tem o que o facebook disponibiliza.	Sim, pois é melhor para estudar em casa.	nenhum.	acho que todos deveriam fazer grupos o facebook para estudar
3	08/07/2013 06:40:23	5 vezes por semana	2 vezes por semana	Todas foram interessantes porque ajudaram nos estudos em aula.	Google + e Twitter.	Sim, porque assim como na disciplina de história auxiliou muito no entendimento da matéria.	Nenhum.	Nenhum.
4	08/07/2013 06:40:29	Todos os dias	3 vezes por semana	A criação de memes relacionadas ao conteúdo, pois foi algo criativo e interativo.	Twitter, Blogs... Existem pessoas que não tem Facebook portanto esses outros meios também são importantes para se comunicar e interagir.	Somente disciplinas de ciências humanas, pois as ciências exatas são um tanto difíceis de serem ensinadas por meio de redes sociais, são necessárias aulas práticas a mão.	A pessoa se distrai muito fácil do foco, pois pode estar na página da disciplina e quando aparece uma atualização a pessoa abre e perde a atenção.	Foi usada muitas poucas vezes, deveria ter sido mais explorado esse meio com mais atividades e não somente 2.

ANEXO I -
Respostas do
segundo
questionário

	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
B								<p>não fiz as tarefas, pois uso o facebook, para me divertir, conversa com amigos, não para pensar em escola, estudar! Claro é útil para recados importantes, lembrete de provas, comunicação entre os colegas, essas coisas :)</p> <p>que os participantes do grupo argumentem e postem mais coisas de fundamento, que possam ser usadas em salas de aula, e que envolvam mais os participantes. e eu acho que deveria ter mais conversas dentro do grupo.</p>
5	08/07/2013 06:40:34	Todos os dias	1 vez por semana	dos memes	não	não	as pessoas não utilizam isso pra estudar, mas sim como distração.	<p>não fiz as tarefas, pois uso o facebook, para me divertir, conversa com amigos, não para pensar em escola, estudar! Claro é útil para recados importantes, lembrete de provas, comunicação entre os colegas, essas coisas :)</p>
6	08/07/2013 06:40:34	Todos os dias	3 vezes por semana	dos memes	não	não	nem todas as pessoas tem o Facebook dificultando a comunicação	<p>participantes do grupo argumentem e postem mais coisas de fundamento, que possam ser usadas em salas de aula, e que envolvam mais os participantes. e eu acho que deveria ter mais conversas dentro do grupo.</p>
7	08/07/2013 06:40:41	6 vezes por semana	4 vezes por semana	as reportagens sobre a escravidão, os trabalhos da revolução industrial	sim. aqueles sites que conseguimos fazer slides,	sim menos matemática as outras podem usufruir para colocar slides que vemos em aula	a distração, se aparece uma atualização ai já nos envolvemos com outras coisas	<p>mais debates</p>

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
8	08/07/2013 06:40:43	Todos os dias	2 vezes por semana	trabalho escravo no século XXI	sim, tem vários meios de comunicação não só o facebook	sim	não temos pontos negativos todos estão através do mesmo meio para se executado, o projeto do grupo	o fato de comunicação, e debates entre notícias polemicas, que fazem de uma maneira, o grupo em si, pensar um pouco mais, na realidade, sobre o que esta acontecendo no presente. Mas poderíamos realizar outras atividades, não só debates.
9	08/07/2013 06:41:03	Todos os dias	5 vezes por semana	Eu achei as mais interessantes a criação de personagens e botar em forma de memes e também aonde nós devemos pesquisar sobre a escravidão o que é muito polemico hoje em dia !	Não! Porque o facebook e de facil acesso e todos hoje em dia tem uma conta facilitando a participação de todos !	Sim. É uma interação bom e criativa entre os alunos e tambem atraente e interessante a todos .	Devido a esses meios sociais serem muito faeis como meio de distração !	é importante utilizar esses meio e devido serem atraentes e criativos aos olhos de todos !

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
10	08/07/2013 06:41:52	Todos os dias	2 vezes por semana	Sobre o trabalho escravo e a permanência desse tipo de exploração nos dias de hoje.	Não, redes sociais possuem diversos atrativos e alegorias para manterem as pessoas entretidas e normalmente o uso disso para estudo não combina.	Disciplinas que utilizam mais da intertextualidade como Artes e Literatura conseguem se associar mais facilmente com redes sociais. Porém a organização das disciplinas, a agenda e os conteúdos a serem trabalhados podem sim serem lembrados e ou comunicados pelo facebook, ou outras redes sociais, é uma forma prática e mais eficaz.	Os diversos atrativos que o facebook possui como jogos, bate-papo e aplicativos que nos mantêm distraídos quando deveríamos nos concentrar em um trabalho escolar.	
11	08/07/2013 06:41:53	Todos os dias	1 vez por semana	A criação dos memes, porque envolve criatividade e conhecimento.	Não, porque o aluno acaba não se interessado pelas atividades.	Não, porque a rede social é um meio de diversão que o aluno não quer que entre a escola neste.	A falta de interesse nos trabalhos proporcionado ao aluno dispersa a atenção para o bate-papo por exemplo.	Para dar certo é preciso que o trabalho concedido ao aluno desperte atenção e interesse do mesmo.

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
12	08/07/2013 06:42:01	Todos os dias	Todos os dias	Todas, pois foi uma forma a mais de aprender e se socializar com os colegas.	Sim, todas as redes sociais são uma forma de se comunicar e acho que seriam uteis para o apendizado	Sim, acho que todas as disciplinas poderiam ser adotadas esse sistema. É uma forma a mais de aprenderizado, e por redes sociais as pessoas se comunicam mais rápido e tem mais informações.	Acho que não existe pontos negativos.	
13	08/07/2013 06:42:07	Todos os dias	3 vezes por semana	A atividade que mais gostei foi quando ele propôs para comentarmos e procurarmos notícias sobre a escravidão, pois notamos que ainda no século XXI há trabalho escravo no Brasil e no mundo.	Acredito que blogs ou twitter também pode ser utilizado.	Sim, pois ajudamos a usufruir das redes sociais para bens educativos.	Muitas vezes não utilizamos todos os dias o facebook e pode nos desviar por ser em uma rede social que podemos conversar com todas as outras pessoas.	O facebook pode não ser uma pratica de estudo pois a nossa atenção pode ser desviada para outra coisa como uma conversa ou algo do tipo, porém nos mostrou que é uma tentativa valida
14	08/07/2013 06:42:19	6 vezes por semana	6 vezes por semana	todas, pois me ajudou a lembrar de provas e trabalhos	sim, acredito que todas	sim, pois é uma maneira mais fácil de professores e alunos se comunicarem pode ser uma maneira mais descontraida de aprender	nem todos os alunos tem ou acessam o facebook diariamente	

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
15	08/07/2013 06:42:22	Todos os dias	3 vezes por semana	Achei mais interessante o trabalho em que devíamos pesquisar sobre a escravidão, o qual tínhamos que ler a reportagem para não ficar igual a do outro e saber o que estava fazendo.	Não, pois o facebook é a rede que abrange mais visitantes na contemporaneidade	Acredito que sim, menos matemática, química e física, as quais precisam de tentativas e desenvolvimento dos cálculos.	Que você acaba se dispersando com outras coisa de interesse pessoal, fotos e os amigos que não sabem que você está na rede para trabalhos se comunicam e desviam a atenção.	Foi bom para mudar um pouco a rotina, mas acredito que não foram todos os alunos que se empenharam, principalmente porque não estava valendo.
16	08/07/2013 06:42:39	Todos os dias	3 vezes por semana	Achei mais interessante de todas as atividades propostas a criação os personagens da Revolução Industrial (memes).	Não, pois o facebook é o único lugar onde pode ser criado um grupo que abrange todos os integrantes da turma em si, assim organizando de melhor forma os trabalhos.	Acho que sim, pois este trabalho foi muito bom acho que gerando um melhor entrosamento na turma.	Somente a distração, por conversas e mensagens pelo bate-papo.	Foi bom para melhorar a turma, assim foi uma aula mais descontraída.
17	08/07/2013 06:42:39	Todos os dias	3 vezes por semana	As charges sobre a revolução industrial, pois de forma criativa conseguimos expressar o conteúdo aprendido na aula.	Sim, Twitter, Youtube	Sim, pois através desse meio de comunicação é possível interagir de diversas formas em um tempo muito rápido.	Uns dos poucos problemas é que a rede social acaba distraindo a atenção e com isso acabamos perdendo o foco.	

	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
B 18	08/07/2013 06:42:42	Todos os dias	2 vezes por semana	O trabalho das tiras com os memes sobre a revolução industrial, misturou o útil ao agradável lembrei disso durante a prova fez com que eu lembrasse na hora da prova o conteúdo.	Sim, o twitter com informações sobre a aula, recados de provas e trabalhos ou humor através de frases inteligentes sobre o conteúdo. Ou instagram como em geografia postando fotos e paisagens relacionadas ao conteúdo	Sim, todas deveriam usar esse método inclusiva as com cálculos como matemática física e química, é um modo de lembrar sobre datas de provas e trabalhos e sempre ter o conteúdo em mente.	O ponto negativo é que fica mais fácil de nos distrair, podemos estar no facebook mas conversando com alguém no bate papo.	
19	08/07/2013 06:42:49	5 vezes por semana	3 vezes por semana	Das reportagens, pois envolveu um maior envolvimento da turma e deu para relacionar com o conteúdo visto em aula.	Não, pois o facebook possui mais opções ao contrário do twitter, por exemplo, que é mais "limitado".	Sim, pois é uma atividade bem útil e que pode englobar muitas disciplinas.	As pessoas que não têm ficam sem.	Foi muito útil, gerou resultados e deveria continuar.
20	08/07/2013 06:43:05	Todos os dias	4 vezes por semana	A que mais gostei foi a reportagem dos escravos, para ficar sabendo que ainda tem muitos trabalhos escravos no Brasil.	Não, pois o facebook é o melhor para mandar esse arquivos ja os outros sao mensagens mais diretas e nao acaba sendo tao legal como o facebook.	Sim pois é um jeito melhor para se aprender e estudar mais atreves da internet.	Que as vezes ficamos dispersos com outros fatos	Estava bom como estava

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
21	08/07/2013 06:43:29	Todos os dias	2 vezes por semana	Não consegui realizar muitas atividades, pois os atrativos do facebook me tiravam a atenção das atividades do grupo.	Em parte, se o professor postar slides para estudarmos é muito bom, mas as atividades que tinha de propostas para realizar não me chamavam muito atenção.	Não, pois não consigo me concentrar estudando pelo facebook, sabendo dos atrativos que este possui.	O principal fato é a falta de concentração que gera, por mais que o computador seja um meio importante, o facebook é um meio de comunicação e diversão, que distrai muito.	Se for passado só slides para estudarmos na internet é muito bom, pois é uma maneira muito boa de estudar, porém tem que ser "distante" de atrativos que a internet possui, e que passamos muito tempo.
22	08/07/2013 06:43:30	Todos os dias	Todos os dias	Achei interessante as atividades que foram realizadas por lá, o trabalho escravo, a revolução industrial (como começou as indústrias...) contudo só adquirimos mais conhecimento estando conectados lá.	sim... apesar de eu só me conectar com o facebook outras redes sociais também são bastante utilizadas pelos alunos.	concerteza, pois através deste estamos adquirindo mais conhecimentos e interagindo com professores e colegas de forma diferente.	Eu não vejo pontos negativos, pois enquanto estão acessando o facebook, ao mesmo tempo podem estar em contato com o grupo e realizando tarefas... as redes sociais abrem muitas janelas para os jovens e eu acho que ajuda muito!	na minha opinião eu acho que deveria continuar esse projeto... e não só com uma matéria e sim com todas as possíveis!

B	Indicação de data e hora	1 Quantas vezes (média) por semana você acessa o facebook?	2 Quantas vezes (média) por semana você acessou o grupo da turma criado pelo professor?	3 De todas as atividades realizadas no facebook, qual(is) dela(s) você achou mais interessante? Justifique.	4 Você acha que outra rede social também poderia ser utilizada para o ensino? Justifique e cite exemplo(s).	5 Você acha que outras disciplinas também poderiam utilizar o facebook como prática pedagógica? Justifique.	6 Quais os pontos negativos de utilizar o facebook como prática em uma ou mais disciplinas?	7 Outras observações ou comentários que você considera importante.
23	08/07/2013 06:43:32	5 vezes por semana	3 vezes por semana	os slides disponibilizados para estudos, por que auxiliaram no aprofundamento dos conteúdos, as atividades que envolviam a criatividade, como criação de memes sobre o conteúdo, que ajuda na fixação do mesmo	depende da assiduidade dos alunos, como o facebook se tornou muito comum abrange grande numero de adeptos ele contribui para o ensino, mas algumas pessoas não possuem acesso a demais redes não tão populares.	sim, o facebook pode ser usado por todas as disciplinas para fornecer exercícios esclarecer dúvidas, aproximar professor e aluno contribuindo para o aprendizado	o facebook abre muitas janelas ao estudante, e assim ele pode se desviar do objetivo final. O aluno pode se envolver em conversas postagens e deixar de lado os assuntos referente a disciplina...	alguns alunos tem mais dificuldades de lidar com o meio digital
24	08/07/2013 06:45:27	Todos os dias	4 vezes por semana	Achei muito interessante a atividade aonde tivemos que pesquisar sobre os escravos que ainda existem na atual conjuntura.	Não, pois no facebook acho que é a unica rede social que podemos criar grupos para poder se comunicar.	Sim, a unica que talvez não é matemática, pois precisamos de aulas praticas.	o ponto negativo é que se dispersamos muito das vezes.	Que pode ser útil para todas as outras matérias.
25	09/07/2013 18:10:56	Todos os dias	Todos os dias	acho que são os grupos de amigos, enformações que recebemos de publicações de outras pessoas e as conversas com familiares, conhecidos, professores e amigos	acho que no site do colegio poderia ter mais informações de tarefas, provas e trabalhos	sim, acho que todas as matérias podem ser utilizadas no facebook com informações, tabelas, links e videos	acho que não são todos os alunos que acessam todos os dias e acho que alguns deixam de lado essa lado bom das redes sociais e se interessam por outras coisas ou redes sociais que n tem como ser utilizadas para praticas pedagogicas	sobre este assunto n tenho muito oq falar, eu concordo com o uso da internet para praticas educacionais pois eu acesso todos os dias mas é alto menos atrativo para outras pessoas.

ANEXO J - Tarefas e suas interlocuções metodológicas e resultados

TAREFA 1	
DESCRIÇÃO	Criar um grupo fechado no Facebook para o desenvolvimento do trabalho e inserção dos alunos.
OBJETIVO	Implementar a ideia da virtualização da aprendizagem e o uso das redes sociais apresentada por Lévy, Recuero e Phillips et al.
METODOLOGIA	O pesquisador irá criar um grupo fechado no Facebook e deixar a cargo do professor convidar os alunos que entregaram o TCLE a ingressar no mesmo.
AValiação	Será observado se o professor conseguiu convidar todos os alunos a ingressarem no grupo e quanto tempo isso levou da sua criação até o primeiro comentário na rede.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação.
CONSIDERAÇÕES	Após a criação do grupo, foi observado que o professor levou 16 dias para convidar todos os alunos e fazer o seu primeiro comentário no Facebook.

TAREFA 2	
DESCRIÇÃO	Questionar a visão dos alunos sobre o Facebook e a educação.
OBJETIVO	Aplicar o conceito de interação discutido por Bruner e Pozo.
METODOLOGIA	Utilizando a ferramenta “Perguntar”, o professor irá formular uma questão a fim de indagar a visão dos alunos sobre o Facebook e a educação.
AValiação	Será observado se o professor conseguiu criar a questão, a quantidade de membros do grupo que visualizaram a mesma e a quantidade de respostas obtidas. De acordo com as respostas obtidas, também se fará uma análise das mesmas.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação.
CONSIDERAÇÕES	O professor criou a pergunta e postou no grupo. Do total de 29 membros, 25 visualizaram a pergunta e 19 a responderam. Analisando as respostas, observa-se que a grande maioria acredita que o Facebook é um recurso pedagógico muito bom.

TAREFA 3	
DESCRIÇÃO	Utilizar a ferramenta “Eventos”.
OBJETIVO	Aplicar o conceito de interação discutido por Bruner e Pozo.
METODOLOGIA	O professor e os alunos irão criar ou transferir para o Facebook todos os eventos já marcados em seus calendários escolares (provas, trabalhos, festas...).

AVALIAÇÃO	Será observado se o professor e os alunos conseguiram criar eventos no Facebook e se os mesmos estão tendo visualizações, confirmações, curtidas e comentários.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação.
CONSIDERAÇÕES	Quem criou os eventos foi o professor. No primeiro deles, intitulado “Prova de História”, apenas 15 membros do grupo confirmaram a participação. Outro evento chamado de “Teatro sobre o Iluminismo”, apenas 8 membros do grupo confirmaram a participação. Já em outro evento criado pelo professor intitulado “Tarefa”, apenas 10 membros do grupo confirmaram a participação.

TAREFA 4	
DESCRIÇÃO	Publicação e difusão de informações e conteúdos na rede.
OBJETIVO	Aplicar o conceito de interação discutido por Bruner e Pozo e da virtualização da aprendizagem apresentada por Lévy.
METODOLOGIA	O professor irá solicitar que os alunos busquem reportagens sobre determinado assunto discutido em sala de aula, postem no grupo, comentem, compartilhem e curtam uns aos outros.
AVALIAÇÃO	Será observado se o professor e os alunos estão publicando informações e conteúdos na rede social, bem como utilizando este material para a interação entre os pares. Esta interação será concebida através da análise das visualizações, comentários, curtidas e compartilhamentos que cada publicação receber.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	O professor instruiu os membros do grupo a postarem notícias sobre o trabalho escravo no Brasil dos dias atuais. Observou-se que 10 alunos publicaram reportagens sobre o assunto na rede, enquanto outros comentaram e curtiam as publicações. Do total de 29 membros, houve uma média de 22 visualizações por notícia. Para instigar os alunos, o professor teve que relembrar a tarefa e também curtir e comentar as reportagens.

TAREFA 5	
DESCRIÇÃO	Criar e publicar memes.
OBJETIVO	Implementar a ideia apresentada por Pozo ao afirmar que a motivação pode ser um processo auxiliar para a aprendizagem.
METODOLOGIA	O professor lançará como desafio a criação de memes sobre um determinado assunto e a posterior publicação e compartilhamento na rede.
AVALIAÇÃO	Será observado como se deu a condução deste trabalho, bem como a quantidade de

	memes criados. Será analisado o poder de interação que os memes irão causar no grupo, ponderando o número de visualizações, comentários, curtidas e compartilhamentos que cada publicação receber.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. Sinais de mudança na motivação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	O professor criou um evento com a data de início e término da tarefa. O professor criou um meme como exemplo e postou no grupo. Do total de alunos, apenas 5 memes foram criados e divulgados. Nenhum aluno comentou o meme do colega. A média de 6 curtidas por publicação. Média de 24 visualizações por publicação.

TAREFA 6	
DESCRIÇÃO	Disponibilizar material extra para consulta dos alunos.
OBJETIVO	Aplicar a lógica do hipertexto analisado por Lévy.
METODOLOGIA	O professor irá disponibilizar livros e artigos complementares para leitura e para posteriores comentários, críticas e debates no grupo.
AValiação	Será observada a interação dos alunos a partir de um material encaminhado pelo professor.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	O professor postou 1 charge com 1 vídeo. Do total de alunos, 4 curtiram o material. Não houve nenhum comentário.

TAREFA 7	
DESCRIÇÃO	Utilizar aplicativos disponíveis no Facebook.
OBJETIVO	Aplicar a lógica da hipermídia analisado por Lévy.
METODOLOGIA	O professor irá disponibilizar <i>slides</i> ou outros materiais utilizados em sala de aula através do aplicativo <i>Slideshare</i> , o qual deverá ser baixado e manipulado pelos alunos.
AValiação	Será observada a forma que os alunos interagem com um aplicativo diferente dos utilizados no seu dia-a-dia.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	O professor postou cinco arquivos de slides utilizados em sala de aula (4 deles através do <i>Slideshare</i>) para os membros do grupo. Houve uma média de 23 visualizações, 3 curtidas por publicação e apenas 1 aluno comentou uma publicação.

TAREFA 8	
DESCRIÇÃO	Buscar jogos vinculados a História.
OBJETIVO	Implementar a ideia apresentada por Pozo ao afirmar que a motivação pode ser um processo auxiliar para a aprendizagem.
METODOLOGIA	Instigados pelo professor, os alunos deverão buscar jogos que tenham relação com a História.
AVALIAÇÃO	Será observada a quantidade de jogos postados e a sua relevância para a disciplina de História. Além disso, será analisada a forma com que os alunos concebem a relação entre jogos e educação, avaliando o número de visualizações, de comentários, curtidas e compartilhamentos que cada jogo receber.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. Sinais de mudança na motivação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	Esta tarefa não foi realizada.

TAREFA 9	
DESCRIÇÃO	Buscar personalidades da mídia para contato.
OBJETIVO	Aplicar o conceito de interação discutido por Bruner e Pozo.
METODOLOGIA	Os alunos deverão procurar personalidades públicas no Facebook para uma entrevista ou um questionário online.
AVALIAÇÃO	Será observada a forma com que os alunos irão conduzir esta tarefa e os resultados obtidos, bem como o <i>feedback</i> feito pelo professor a partir da sua concretização.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	Esta tarefa não foi realizada.

TAREFA 10	
DESCRIÇÃO	Utilizar aplicativos disponíveis no Facebook.
OBJETIVO	Aplicar o conceito de interação discutido por Bruner e Pozo.
METODOLOGIA	O professor deve explicar a tarefa para os alunos, a fim de que os mesmos baixem o aplicativo Docs para uma atividade de escrita colaborativa.
AVALIAÇÃO	Será observada a forma que os alunos interagem com um aplicativo diferente dos utilizados no seu dia-a-dia.
CATEGORIA(S) ENVOLVIDA(S)	Aprendizado em interação. O Facebook como instrumento de ensino e aprendizado.
CONSIDERAÇÕES	Esta tarefa não foi realizada.

CIP – Catalogação na Publicação

G329f Gengnagel, Claudionei Lucimar

Facebook e educação : tecendo caminhos a partir de uma prática pedagógica com os alunos do ensino médio / Claudionei Lucimar Gengnagel. – 2013.

112 f. : il., color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira

1. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 2. Inovações educacionais. 3. Tecnologia educacional. 4. Facebook (Rede social on-line). 5. Ensino médio. I. Teixeira, Adriano Canabarro, orientador. II. Título.

CDU: 371.3:004.738.5